



Entrega total
O caso Blackstone

Volume 2

RAINE MILLER

Best-seller do *New York Times*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Entrega total

O caso Blackstone

Volume 2

RAINE MILLER

Best-seller do *New York Times*



RAINE MILLER

Entrega total
O caso Blackstone
Volume 2

Tradução
Camila Pohlmann



Copyright © 2012, Raine Miller

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com a editora original, Atria Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

Tradução para o português Copyright © 2014 by Editora Objetiva

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

All in

Capa

© Paul Marinis / Shutterstock

Imagem de capa

Shutterstock

Revisão

Rita Godoy

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M592e

Miller, Raine

Entrega total [recurso eletrônico] : o caso Blackstone / Raine Miller ; tradução
Camila Pohlmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.
recurso digital

Tradução de: *All In*

Sequência de: *Nua*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8105-204-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Pohlmann, Camila. II. Título.

13-06764 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Agradecimentos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Para Brynne. *Você* tornou isso possível.

"... e eu

Perdi a aposta. Coragem sê minha amiga!

Que me arme a audácia."

— William Shakespeare, *Cimbelino*, 1.6

Agradecimentos

Essa pequena história chamada “O caso Blackstone” ganhou vida própria nos últimos meses. Cresceu até se transformar em algo que eu jamais imaginaria naquela noite de verão, às vésperas das Olimpíadas de Londres, quando me sentei e comecei a escrever sobre uma modelo americana e um inglês que comprou sua fotografia. Essa pequena história mudou minha vida e o que farei diariamente daqui para a frente, em tempo integral. Sou uma escritora agora. Posso falar assim, porque sei que é verdade.

Também sei a quem preciso agradecer.

A todas as fãs do caso Blackstone que compraram o livro e começaram a falar loucamente sobre ele nos blogs, nos clubes de leitura, às colegas de trabalho, às amigas, às irmãs, às mães, às avós e até mesmo a alguns maridos, sou eternamente grata. Foi só por causa de vocês que essa história decolou e alçou voo. OBRIGADA, do fundo do meu coração.

A todas as blogueiras que leram as cópias antecipadas e publicaram suas opiniões, EU AMO VOCÊS. Vocês são a razão pela qual posso me dedicar a ser uma escritora em tempo integral.

Ao escrever a segunda parte da série, tive que encarar alguns novos desafios. *Entrega total* é a história do Ethan. O tempo todo é uma narrativa do ponto de vista de um homem inglês e, embora estivesse certa de que era assim que queria escrever, não tinha muita segurança do que estava fazendo até que já estivesse com a mão na massa. Mas adivinhem só? Eu aprendi rápido! Afinal, sou uma garota esperta! Então, a Gitte e a Jenny do TotallyBooked, meu

imenso muito obrigada pela orientação, pelo conhecimento do inglês da rainha e também pelas gírias britânicas mais cabeludas, que eu usei muito mais vezes nesse livro. ;-) Eu nunca teria dado conta disso sem a ajuda de vocês.

Bom, agora é tocar o volume final da série, *Olhos nos olhos*.

E quem sabe dizer aonde isso tudo vai nos levar no futuro? Essa é a magia da palavra escrita.

— Raine

Entrega total
O caso Blackstone
Volume 2

Prólogo

*Junho de 2012
Londres*

Deixei Ethan na porta do elevador me implorando para não ir embora. Foi a coisa mais difícil que fiz em muito tempo, mas o deixei. Abri meu coração para Ethan e ele o pisou. Pude ouvir quando disse que me amava e também que só estava tentando me proteger do passado. Escutei em alto e bom som. Mas isso não mudava o fato de que precisava me afastar dele.

Só consigo pensar em uma mesma coisa, se repetindo sem parar.

Ethan sabe.

Mas nem tudo é sempre o que parece. Impressões ficam gravadas, mesmo quando a gente não sabe a história completa. Ideias se baseiam nas emoções e não nos fatos concretos. Foi assim comigo e com Ethan. Só descobri isso mais tarde, claro, mas com o tempo, quando consegui me afastar um pouco dos acontecimentos, consegui enxergar a situação de um jeito diferente.

Com Ethan, tudo era rápido e intenso... Inflamável. Desde o começo, ele me dizia o que eu queria escutar. Falou que me desejava. Sim, ele chegou mesmo a dizer que me amava. Não teve problema algum em falar o que queria comigo ou como se sentia em relação a mim. Não me refiro só ao sexo. Essa era uma grande parte da nossa conexão, mas não era tudo. Ele conseguia falar sobre seus sentimentos com facilidade. Era o jeito dele — e não necessariamente o meu.

Sentia como se Ethan quisesse me possuir o tempo todo. Ele me dominou desde o início e, certamente, era um amante cheio de caprichos, mas também estava claro que eu quis cada uma das coisas que ele me deu.

Descobri isso quando o deixei.

Ethan me deu paz e segurança num nível que eu jamais havia sentido já adulta, nem nunca antes, pelo menos em relação a minha vida sexual. É assim que ele é, e acho que agora sou capaz de compreender melhor. Ele não era exigente e controlador porque queria me dominar, mas porque sabia que aquilo era o que *eu* precisava. Ethan tentou me dar o que eu precisava, para que *déssemos* certo juntos.

Assim, ainda que os dias sem ele fossem agonizantes, a solidão era importante para mim. O fogo entre nós era quente demais e nos queimamos com a fagulha que se acendia com tanta facilidade quando estávamos juntos. Sei que o tempo era importante para me curar, mas isso não diminuía o tamanho da dor.

Insistia em voltar ao mesmo pensamento que tive assim que descobri a verdade.

Ethan sabe de tudo o que aconteceu comigo e não existe a menor possibilidade de continuar me amando agora.

Capítulo 1

Minha mão pulsava no mesmo ritmo do meu coração. Eu só conseguia bufar em frente à porta fechada do elevador que a levava para longe de mim.

Pensa, pensa!

Ir atrás de Brynne não era uma opção, então saí do hall e fui até a sala dos funcionários. Elaina estava pegando um café. Ela manteve a cabeça baixa e fingiu que eu nem estava ali. Mulher esperta. Espero que os outros idiotas do andar façam a mesma coisa, ou provavelmente terão que procurar novos empregos.

Joguei umas pedras de gelo num saco plástico e enfiei a mão dentro. Porra, doeu! Tinha sangue nas juntas e, provavelmente, na parede ao lado do elevador também. Voltei para a minha sala com a mão no gelo e pedi que Frances chamasse a equipe de limpeza para dar um jeito na mancha de sangue na parede.

Frances assentiu sem piscar e olhou para a mão no saco.

— Vai precisar tirar um raio X? — perguntou ela, com uma expressão maternal. Ou, pelo menos, uma que eu imaginava ser as que as mães faziam. Mal lembro da minha, então podia estar só delirando.

— Não. — *Preciso da minha namorada de volta, não de uma porra de um raio x!*

Entrei no escritório e fechei a porta. Tirei uma garrafa de vodca do frigobar e abri. Puxei a gaveta da mesa e tateei atrás do maço de Djarum Blacks e do isqueiro que sempre deixo ali. Desde que conheci Brynne, eu vinha fumando mais, em um ritmo frenético. Tinha que lembrar de renovar o estoque.

Tudo que precisava era de um copo, ou nem isso. A garrafa servia muito bem. Dei um gole, segurando o gargalo com a mão ferrada, e apreciei a dor.

Foda-se a minha mão, era o meu coração que estava partido.

Olhei para a foto de Brynne. Aquela que bati no trabalho, quando ela me mostrou a pintura da Lady Percival com o livro. Lembro que tirei a foto com o celular e me surpreendi ao ver como tinha ficado boa. Tão boa que imprimi uma cópia para ter no escritório. Não importava que fosse só a câmera de um celular – Brynne ficava linda através de qualquer tipo de lente. Especialmente as dos meus olhos. Às vezes, chegava a sentir dor só de olhar para ela.

Fiquei me lembrando daquela manhã ao seu lado. Podia vê-la na minha imaginação – feliz como ela estava quando bati a foto, sorrindo para aquele quadro antigo...

Parei o carro no estacionamento da Rothvale Gallery e desliguei o motor. Do lado de fora, estava um dia feio, úmido e frio. Só de ter Brynne sentada no banco do carona, vestida para trabalhar, linda, sexy, sorrindo, já me levava nas alturas, mas o que me deixava louco era a consciência do que tinha acontecido entre nós naquela manhã. Não estava falando da transa, não. Lembrar do banho e do que a gente fez lá realmente me manteria excitado o dia inteiro, mas o que me deixava mais feliz era saber que à noite nos encontraríamos de novo. Que ficaríamos juntos, que ela era minha e que eu podia levá-la para minha cama e fazer tudo outra vez. A conversa que a gente teve, também. Sentia que ela finalmente tinha se aberto um pouco para mim. Que ela gostava de mim do mesmo

jeito que eu. E que já era hora de começarmos a falar de um futuro juntos. Eu queria tanta coisa com Brynne.

— Já te falei como gosto de quando você sorri pra mim, Ethan?

— Não — respondi, abrindo mais o sorriso. — Me diz.

Brynne balançou a cabeça reprovando minha tática e olhou para a chuva, através da janela.

— Sempre me sinto especial porque tenho a impressão de que você não sorri muito em público. Eu diria que você é reservado. Então, quando você sorri para mim, fico assim... derretida.

— Olha pra cá — esperei que ela atendesse, sabendo que iria obedecer. Esse era outro assunto que a gente teria que discutir, mas para mim estava claro desde o início. Brynne era naturalmente submissa a mim. Ela aceitava o que eu queria – o dominador em mim tinha encontrado sua musa –, e essa era apenas mais uma das razões pelas quais a gente era tão perfeito junto.

Eu te derreto, hein?

Brynne levantou os olhos castanhos/verdes/cinzentos para mim e aguardou, enquanto meu pau latejava dentro da calça. Poderia transar com ela ali mesmo, no carro, e ainda iria desejá-la minutos depois. Aquela mulher era como um vício.

— Meu Deus, você fica linda quando faz isso.

— Faço o quê, Ethan?

Passei uma mecha daquele cabelo tão macio por trás da orelha dela e sorri de novo.

— Nada, não. Você me deixa feliz, só isso. Adoro te trazer pro trabalho depois de a gente ter transado a noite toda.

Brynne ficou toda corada e eu quis fazer sexo com ela de novo.

Não, isso não era verdade. Eu queria fazer amor com ela. Bem devagar. Podia imaginar o corpo lindo dela espalhado, nu, esperando que eu o agradasse de todas as maneiras que conseguisse. *Todo meu*. Só para mim. Brynne me fazia sentir tudo!

— Você quer entrar e ver no que é que eu tô trabalhando agora? Dá tempo?

Peguei a mão dela, encostei nos meus lábios e inspirei seu perfume profundamente.

— Achei que você nunca fosse convidar. Vamos lá, professora Bennett, pode me guiar.

Ela riu.

— Quem sabe um dia... Vou usar um desses vestidos pretos e óculos e prender o cabelo num coque. Vou dar palestras sobre técnicas de conservação e você vai poder sentar lá atrás, me distraíndo com comentários inapropriados e olhares.

— Ahh, e daí você vai me chamar na sua sala e me punir? Vai me deixar de castigo, professora? Com certeza a gente ia conseguir chegar a um acordo para eu me comportar melhor — deitei a cabeça no colo dela.

— Você é louco — falou rindo e me empurrando para trás. — Vamos entrar.

Corremos juntos pela chuva, meu guarda-chuva nos protegendo. O corpo elegante dela acolhido no meu, cheirando a flores e raios do sol, fazia com que me sentisse o cara mais sortudo do planeta.

Ela me apresentou ao segurança coroa, que era obviamente apaixonado por ela, e me guiou até uma sala grande, um estúdio. Era amplo, bem iluminado, com mesas grandes e cavaletes. Em seguida, me levou até um enorme quadro, o retrato de uma mulher de cabelos escuros, ar solene e olhos azuis brilhantes, segurando um livro.

— Ethan, por favor, diga “oi” para a Lady Percival. Lady Percival, esse é meu namorado, Ethan Blackstone — disse Brynne, sorrindo para a pintura como se fossem grandes amigas.

Fiz uma reverência para a imagem e disse:

— Senhora.

— Ela não é incrível? — perguntou Brynne.

Dei uma olhada no quadro, analisando-o.

— Bom, com certeza ela é bem carismática. Parece ter uma história para contar, por trás desses olhos azuis — me aproximei para enxergar melhor o livro nas mãos dela. Era difícil ler as palavras, mas assim que me dei conta de que era em francês, ficou mais fácil.

— Tô trabalhando especialmente nessa parte do livro. O quadro estragou bastante por causa do calor de um incêndio anos atrás, e

tem sido uma luta tirar essa camada de verniz derretido. É uma coisa importante, eu tenho certeza.

Olhei de novo e consegui ler a palavra *Chrétien*:

— Tá em francês. Aqui, é o nome Christian, bem aqui — aponte.

Ela arregalou os olhos e perguntou, excitada:

— É?

— É. Tenho certeza de que tá escrito *Le Conte du Graal*. A história do Santo Graal? — virei para Brynne e encolhi os ombros. — A mulher no quadro se chama Lady Percival, certo? Percival não é o nome do cavaleiro que encontrou o Santo Graal, na lenda do Rei Arthur?

— Meu Deus, Ethan! — ela apertou meu braço, entusiasmada. — Mas é claro, Percival! Essa é a história dela. Você descobriu! A Lady Percival tá mesmo segurando um livro muito raro. Eu sabia que era alguma coisa importante! Uma das primeiras histórias escritas sobre o Rei Arthur, lá atrás no século XII. Esse livro é *Perceval, o conto do Graal*, de Chrétien de Troyes.

Quando ela olhou admirada para a pintura, com o rosto brilhando de felicidade, peguei meu celular e fiz a foto. Um retrato magnífico da Brynne, sorrindo para a Lady Percival.

— Fico feliz por poder ajudar, minha querida.

Brynne pulou em mim e me beijou na boca, com os braços enroscados em meu pescoço. Era a melhor sensação do mundo.

— Sim, você ajudou tanto! Vou ligar para a Mallerton Society hoje mesmo e contar a eles o que você descobriu. Eles vão se interessar, com certeza. Tem essa exposição para comemorar o aniversário dele no mês que vem... Acho que eles podem querer incluir isso.

Brynne começou a divagar e a me contar, superentusiasmada, tudo o que jamais havia sonhado aprender sobre livros raros, quadros de livros raros e conservação de pinturas de livros raros. O rosto dela estava vermelho de empolgação por ter resolvido um mistério, mas a verdade é que aquele sorriso e aquele beijo valiam ouro para mim.

Abri os olhos e tentei entender o que estava acontecendo. Parecia que tinham dado uma paulada na minha cabeça. Uma garrafa de vodca pela metade me encarava. Minha cara estava grudada na mesa coberta por pontas de cigarro, com um cheiro de cravo e tabaco estragados. Descolei o rosto e segurei a cabeça com as mãos, cotovelos apoiados na mesa.

A gente tinha fodido naquela mesma mesa, apenas algumas horas atrás. Isso mesmo, fodido. Aquilo tinha sido foda pura, indiscutível. Tão boa, que meus olhos ardiam só de lembrar. O visor do meu celular piscava, enlouquecido. Virei-o para baixo, para não ter que olhar. Nenhuma das ligações era realmente da Brynne.

Ela não iria me ligar. Disso eu tinha certeza. A única questão era quanto tempo eu ia aguentar até tentar ligar para ela.

Era noite. Tudo escuro lá fora. Onde ela estava? Estaria sofrendo, triste? Chorando? Amparada pelos amigos? Me odiando? Provavelmente tudo isso de uma só vez. E eu nem podia ir até lá e melhorar a situação. *Ela não te quer lá.*

Então é assim que a gente se sente quando está amando. Já estava na hora de encarar algumas verdades sobre Brynne e o que tinha feito com ela. Decidi ficar no escritório. Não podia ir para casa. Já tinha muitas coisas dela no apartamento e ver tudo lá me enlouqueceria. Melhor ficar ali aquela noite e dormir com lençóis que não tinham o perfume dela. *Que não tinham nada dela.* Uma onda de pânico obrigou meu corpo a se mexer.

Levantei o rabo da cadeira e fiquei em pé. Vi um pedacinho de pano cor-de-rosa jogado no chão, perto dos meus pés, e na mesma hora eu soube o que era. A calcinha de renda que arranquei de Brynne ali, na mesa.

Putá merda! Só de lembrar onde eu estava quando entrou aquela mensagem do pai dela... *Enterrado dentro dela.* Era agonizante tocar qualquer coisa que tivesse estado em contato com a sua pele. Peguei a calcinha e a guardei no bolso. O chuveiro estava me chamando.

Passei pela porta dos fundos e entrei na pequena suíte, onde havia uma cama, um banheiro, uma televisão e uma cozinha

compacta – tudo de primeira. Perfeito para o homem solteiro ocupado, que trabalha até tão tarde que nem faz sentido ir para casa.

Ou talvez um matadouro. Era para lá que eu levava as mulheres que queria comer. Sempre bem tarde, claro, e nunca durante a noite inteira. Elas sempre iam embora antes do amanhecer. Tudo isso foi antes de encontrar Brynne. Nunca quis levá-la ali. Ela era diferente desde o primeiro dia. *Minha linda garota americana.*

Brynne não fazia ideia da existência desse lugar. Ela ia sacar de cara, e ia me odiar por levá-la até lá. Esfreguei o peito, tentando diminuir a dor que sentia nele. Abri o chuveiro e tirei a roupa.

Enquanto a água quente caía no corpo, encostei na parede e me dei conta exatamente de onde estava. *Você não está com ela! Você fodeu tudo e agora ela não te quer mais.*

A minha Brynne havia me deixado pela segunda vez. A primeira foi na calada da noite, aterrorizada por um pesadelo. Dessa vez, ela simplesmente virou as costas e foi embora, sem olhar para trás. No rosto dela, dava para notar que não estava indo embora por medo. Era por conta do sentimento devastador e sem volta da traição, ao descobrir que eu havia mentido para ela. Quebrei a confiança dela. Apostei muito alto e perdi.

O desejo de segurá-la e trazê-la de volta era tão poderoso que dei um soco na parede – e provavelmente quebrei alguns ossos – só para evitar ir atrás dela. Ela falou para eu nunca mais a procurar.

Desliguei o chuveiro e saí do banho, ao som dos pingos que escorriam e faziam meu peito doer, de tão oco. Puxei uma toalha e cobri a cabeça. Encarei meu reflexo no espelho, conforme o rosto ia se revelando por trás da toalha. Nu, molhado e miserável. Sozinho. Enquanto observava o cara babaca que eu era, me dei conta de outra verdade.

Nunca é tempo demais. Posso ser capaz de dar a ela um ou dois dias, mas *nunca* com certeza estava fora de questão.

Além disso, ela ainda precisava de proteção, por causa de uma ameaça que realmente poderia ser perigosa. Não poderia deixar que nada de ruim acontecesse com a mulher que eu amo. *Nunca.*

Sorri para o espelho, me divertindo – mesmo nesse estado deplorável – com a esperteza de aplicar o uso correto da palavra *nunca*.

Capítulo 2

Era meu segundo dia sem Brynne e eu achava tudo um saco. Me mexia para lá e para cá fazendo coisas, mas nada parecia estar certo. Quanto tempo ainda iria me sentir desse jeito? Será que devo ligar? Se começasse a pensar sobre a situação por muito tempo, era capaz de entrar em pânico, então o melhor era deixar quieto. Deixá-la quieta. O vazio dentro de mim me impelia a agir, mas sabia que era cedo demais. Ela precisava de tempo e eu já tinha feito essa mesma besteira antes. Havia pegado pesado demais com ela, pressionado demais. *Havia sido um completo imbecil egoísta.*

Estacionei o carro na rua, em frente à casa em que cresci. O gramado estava bem-cuidado, o portão nivelado e os arbustos podados, como sempre. Meu pai nunca sairia dali. Não da casa em que viveu com minha mãe. Ele dava um novo sentido ao termo “velho teimoso” – e era assim que ia morrer um dia.

Peguei a cerveja gelada no banco do carro e entrei pelo portão. Um gato preto passou depressa por mim e esperou. Não era bem um filhote, mas tampouco era um gato adulto. Um adolescente, eu imagino. Ele se sentou bem em frente à porta, virado para mim. Os olhos verdes brilhavam, como se me dissesse para andar logo e abrir a porta para ele. Quando diabos meu pai tinha arrumado um gato?

Toquei a campainha, abri a porta e meti a cabeça.

— Pai?

O gato deslizou para dentro da casa na velocidade da luz, e tudo o que eu pude fazer foi observar.

— Agora você tem um gato? — gritei e segui para a cozinha. Botei a cerveja na geladeira e voltei, para desmontar no sofá.

Peguei o controle e liguei a televisão. Campeonato europeu. *Perfeito, porra!* Ia me concentrar no futebol por algumas horas, beber quatro das seis cervejas do engradado e esquecer um pouco da minha garota. *E chorar no ombro do pai.*

Recostei a cabeça no sofá e fechei os olhos. Uma coisa peluda subiu no meu colo. O gato tinha voltado.

— Ah, você chegou! Tô vendo que já conheceu o Fuligem. — Meu pai veio falando por trás de mim.

— Por que você arrumou um gato? — Mal podia esperar pela resposta. Nós nunca tivemos gatos na infância.

Meu pai respirou fundo e sentou-se na poltrona.

— Eu não arrumei. Foi ele que me arrumou.

— Posso imaginar — passei a mão no Fuligem. — Ele entrou assim que abri a porta, como se fosse o dono da casa.

— A vizinha me pediu pra cuidar dele enquanto ela fosse cuidar da mãe, que tá doente. No fim das contas, ela teve que se mudar pra lá e eu fiquei com ele. A gente se entende bem, eu acho.

— Você e a vizinha, ou você e o gato?

Meu pai me olhou com um jeito sagaz, os olhos bem apertados. Jonathan Blackstone sempre foi muito perspicaz, por natureza. Nunca consegui esconder nada dele. Ele sempre sabia quando eu chegava bêbado em casa ou quando comecei a fumar ou quando me metia em confusão. Acho que ele era assim porque foi pai solteiro durante a maior parte das nossas vidas. Minha irmã Hannah e eu nunca fomos negligenciados, apesar da morte da nossa mãe. Os sentidos dele ficaram cada vez mais aguçados e ele era capaz de sentir o cheiro dos problemas a distância, como um cão de caça. Era isso o que estava fazendo naquele momento.

— Que diabos aconteceu com você, filho?

Brynne aconteceu.

— Dá pra perceber fácil assim? — o gato começou a ronronar no meu colo.

— Conheço meus filhos e sei quando alguma coisa tá errada com um deles.

Saiu da sala por um instante e voltou com duas das garrafas de cerveja nas mãos. Entregou uma delas para mim.

— Cerveja mexicana? — perguntou, com a sobrancelha arqueada, e eu imaginei se eu fazia a mesma cara. Brynne já tinha comentado mais de uma vez sobre a minha sobrancelha.

— Fica boa com uma fatia de limão enfiada no gargalo. — Dei um gole e fiz mais um carinho no meu amigo cor de carvão. — É mulher, pai. O nome dela é Brynne. A gente se conheceu, eu me apaixonei e ela me largou.

Simple assim. Que mais eu poderia dizer ao meu próprio pai? Isso era tudo que importava ou tudo em que eu conseguia pensar. Estava sofrendo por ela e ela tinha me deixado.

— Ah bom, isso faz mais sentido — meu pai fez uma pausa, como se estivesse absorvendo a informação. Tenho certeza de que ele estava surpreso com a revelação. — Cara, já te falei isso antes, então não é novidade, mas você herdou os traços da sua mãe, que Deus a tenha. Tudo que você puxou de mim foi o nome e talvez meu corpo. Essa sua sorte no departamento da beleza deixou sua vida com as mulheres bem fácil.

— Eu nunca corri atrás de mulher, pai.

— Não tô dizendo isso, mas a verdade é que você nunca precisou. Elas corriam atrás de você. Caramba, elas imploravam por você. Eu tinha certeza de que você ia dar bobeira e logo ia me aparecer com um neto — me olhou de um jeito como se realmente tivesse perdido um bom tempo se preocupando com isso. — Mas não, nunca deu.

O meu pai ficou meio ausente e notei um olhar triste nele. Depois de adulto, me alistei no exército e saí de casa. *E quase nem consegui voltar...*

Ele bateu de leve no meu joelho e deu um gole na cerveja.

— Nunca gostei de ninguém como gosto dela — calei a boca e bebi um bom bocado da cerveja. Alguém marcou um gol e me

obriguei a dar uma olhada no jogo, ainda fazendo carinho no gato.

O pai foi paciente, até que não se conteve mais:

— O que é que você fez pra ela te largar?

Doía só de ouvir essa pergunta.

— Eu menti. Omiti, na verdade, mas mesmo assim, não disse a verdade. E ela descobriu — com jeito, tirei o gato do colo e fui até a cozinha pegar outra garrafa. Trouxe duas.

— Por que você mentiu pra ela, filho?

Olhei bem nos olhos escuros do meu pai e disse o que nunca tinha dito antes. Nunca tinha sido verdade até então.

— Porque eu amo a Brynne. Amo e não queria magoá-la, trazendo de volta uma memória dolorosa do passado dela.

— Então você se apaixonou mesmo — ele balançou a cabeça, compreensivo, e me olhou de volta. — Bom, você tá com todos os sinais. Devia ter percebido logo, quando você entrou aqui com essa cara de quem dormiu debaixo da ponte.

— Ela foi embora, pai — abri a terceira cerveja e peguei o gato no colo de novo.

— Você já disse isso — falou meu pai, secamente, e continuou a me encarar como se não fosse o filho dele, e sim um impostor alienígena. — Mas então pra que você mentiu pra mulher que você ama? Melhor falar a verdade, Ethan.

Eu confio a minha vida ao meu pai. Tenho certeza de que não existe outra pessoa a quem *poderia* contar, a não ser talvez a minha irmã. Respirei fundo e desabafei.

— Conheci o pai da Brynne, Tom Bennett, num torneio de pôquer em Las Vegas alguns anos atrás. A gente se deu bem, ele era bom jogador. Não tão bom quanto eu, mas a gente ficou amigo. Há pouco tempo, ele me ligou e pediu um favor. Eu nem ia ajudar. Quer dizer, olha a quantidade de coisa que tenho pra fazer ultimamente no trabalho. Não ia dar pra, além de tudo, ser babá de uma estudante-americana-de-arte-barra-modelo, quando tenho que organizar a segurança de todos os VIPs da porra das Olimpíadas!

O gato se encolheu. O pai levantou uma sobrancelha e se ajeitou na poltrona.

— Mas você aceitou — falou.

— Claro, aceitei. Dei uma olhada na foto que ele me mandou e fiquei curioso. A Brynne também trabalha como modelo e ela é tão linda... — Queria já ter pendurado na minha casa o retrato dela. Mas uma das condições da compra era que ele ficasse exposto na galeria Andersen por mais seis meses.

Meu pai me olhou e esperou.

— Daí eu fui à exposição e comprei o maldito quadro dela, assim que vi, que nem um poeta idiota ou qualquer coisa dessas! Foi só a gente se conhecer e eu tava pronto pra botar quem quer que fosse atrás dela, qualquer coisa pra garantir a segurança dela — balancei a cabeça. — Que merda que aconteceu comigo, pai?

— Sua mãe gostava de ler todos os poetas. Keats, Shelley, Byron — ele sorriu de leve. — Isso acontece de vez em quando. Você encontra a pessoa certa e pronto. Os homens se apaixonam pelas mulheres desde que o mundo é mundo, filho. Simplesmente chegou a sua vez na fila.

O pai bebeu mais um pouco de cerveja.

— Por que Brynne precisa de um segurança?

— Aquele congressista americano que morreu num acidente de avião vai ser substituído. Vai ser um tal senador Oakley, da Califórnia. Bom, esse senador tem um filho, Lance Oakley, e ele saía com a Brynne. Teve uma confusão... Um vídeo pornô... — parei de falar e me dei conta de como isso devia soar mal para o meu pai. — Ela era uma menina nova, tinha só 17 anos, e sofreu demais com essa traição. O Oakley foi um escroto com ela. Ela faz análise...

Comecei a viajar, imaginando como meu pai estaria encarando essa história toda. Dei mais uns goles antes de contar a última parte.

— O filho do cara foi pro Iraque e a Brynne veio estudar na Universidade de Londres. Ela estuda Belas Artes e faz restauração de pinturas. É brilhante nisso.

Meu pai me surpreendeu, porque não esboçou qualquer reação a todo esse horror que eu tinha acabado de contar.

— Imagino que o senador não queira que nada venha a público agora, nenhuma história sobre os maus passos do filho — ele

parecia bem incomodado. Meu pai odeia políticos, não importa qual a nacionalidade deles.

— O senador e o partido que está por trás dele. Uma coisa assim pode custar a eles a eleição.

— E a oposição? Eles vão procurar cavar isso tanto quanto o pessoal do Oakley vai tentar esconder — meu pai falou.

Balancei minha cabeça, questionando:

— Por que você não tá trabalhando pra mim, hein? Você saca as coisas. Consegue visualizar a situação. Se bem que eu preciso de uns dez de você — brinquei.

— Ah! Fico muito feliz em ajudar quando você precisa, mas não vou fazer isso por dinheiro, não.

— É, eu sei bem disso — falei, levantando uma das mãos. Tinha tentado convencê-lo a trabalhar comigo há muito tempo. Já era uma piada entre a gente. Ele nunca aceitaria nenhum pagamento, teimoso como era.

— Mas aconteceu alguma coisa pra ela realmente precisar de segurança? Isso tá parecendo um pouco de alarmismo, não? Por que o pai dela te procurou?

— O filho do senador continua aprontando por aí, é o que parece. Ele foi pra casa de licença e logo um dos amigos morreu numa briga de bar. É o tipo de burburinho que os políticos detestam, e com razão. Faz com que comecem a fuçar em lugares que ninguém deveria chegar perto. Pode ter sido um incidente isolado, mas o tal amigo sabia do vídeo. O pai da Brynne ficou preocupado por causa disso. “Se as pessoas que conheciam a história começarem a aparecer mortas, vou precisar proteger minha filha.” — Dei de ombros. — Ele me pediu para ajudar. Primeiro disse não e me ofereci para indicar outra firma, mas ele me mandou a tal fotografia por e-mail.

— E depois de ver o retrato, não deu mais pra dizer “não” — falou isso como um fato. Logo vi que ele entendia o que sentia pela Brynne.

— É, não consegui — sacudi a cabeça. — Fiquei hipnotizado. Fui até a exposição e comprei o quadro dela. Quando ela entrou na galeria, pai, não conseguia tirar os olhos dela. Ela queria ir andando

até o metrô no escuro, mas me apresentei e insisti até ela pegar uma carona comigo, no meu carro, até a casa dela. E bem que tentei não ir atrás dela depois. De verdade...

Ele sorriu de novo.

— Você sempre foi um cara protetor.

— Mas é que pra mim isso é muito mais do que um trabalho. Quero ficar com Brynne... — olhei para o meu pai sentado, me ouvindo com tranquilidade, com aquele corpo grandalhão, mas ainda em plena forma para um homem de 63 anos. Sabia que ele entendia. Não precisava mais explicar meus motivos e isso era um alívio.

— Mas ela descobriu que o pai contratou você pra ser o segurança dela?

— Exato. Ela escutou uma conversa de telefone no meu escritório. O pai dela ficou louco quando descobriu que a gente tava junto e veio tomar satisfação — achei que meu pai deveria saber da confusão toda.

— Daí ela se sentiu traída e exposta, imagino, ao saber que você conhecia os detalhes do passado dela com o filho do senador, ou com quem quer que fosse, e não tinha falado nada disso — o pai balançou a cabeça de novo. — Que é que você tava pensando? Ela também precisa saber da morte do outro cara, da ameaça a ela. *E* que você a ama. Que você pretende seguir tomando conta dela. Uma mulher merece a verdade, filho. Você vai ter que contar tudo, se quiser que ela volte a confiar em você.

— Mas eu disse a ela — dei um suspiro e recostei a cabeça no sofá. O Fuligem se espreguiçou e arrumou uma outra posição no meu colo.

— Bom, então tente outra vez. Começa com a verdade e vai daí pra frente. Ela pode aceitar ou não. Mesmo assim, você não precisa desistir. Pode continuar tentando.

Puxei meu celular, achei a foto da Brynne sorrindo e olhando para a pintura e mostrei ao meu pai. Ele sorriu e estudou bem a imagem no visor. Um certo brilho distante em seu olhar me disse que ele estava pensando na minha mãe. Me devolveu o celular depois de uns instantes.

— Ela é uma garota adorável, Ethan. Espero que a gente tenha a chance de se conhecer um dia — meu pai me olhou direto nos olhos e me disse isso assim mesmo. Sem pena, apenas a verdade dura e crua. — Você vai ter que seguir seu coração, filho. Ninguém pode fazer isso por você.

Deixei a casa do meu pai no fim da tarde, fui para meu apartamento e malhei por três horas na academia. Aguentei firme até me transformar em uma massa instável de músculos trêmulos e suor. Mas afundar na banheira quente e cheia de bolhas de espuma em seguida foi gostoso. E o cigarro, também. Eu fumava muito ultimamente. Não fazia bem, precisava diminuir o ritmo. Mas porra, a vontade era muito forte. Estar com ela me acalmava tanto que eu não tinha tanta vontade de fumar, mas agora, sem ela, era um atrás do outro, que nem o serial killer sobre o qual a gente brincou na nossa primeira conversa.

Pendurei o Djarum no lábio e fiquei observando as bolhas.

Brynne adorava se banhar. Ela não tinha banheira em casa e me disse que sentia falta de uma. Adorava a ideia dela nua na minha banheira. *Ela nua...* Não me fazia nada bem pensar nisso, ainda que tivesse passado muitas horas fazendo exatamente isso... E, se fosse tentar entender, era essa a base de tudo que havia acontecido entre a gente. *Ela nua...* A fotografia que o Tom Bennett havia me enviado era exatamente a mesma que comprei na galeria. Friamente falando, era só um retrato de um belo corpo nu, que seria apreciado por qualquer um, homem ou mulher. Mas mesmo o pouco que ele me disse de saída, acompanhado daquela imagem dela, ao mesmo tempo tão vulnerável, atraente e toxicamente bela, a mera sugestão de que ela poderia estar em perigo ou que alguém pudesse machucá-la me obrigava a ir atrás e carregá-la em segurança para o meu carro. Jamais poderia simplesmente ir embora e, ainda assim, ter minha consciência intacta. Depois que nos encontramos, minha cabeça foi à loucura em fantasias. Tudo que conseguia ver enquanto conversávamos era... *ela nua.*

Meu banho começou a esfriar depois de uma hora e, compreensivelmente, já não tinha mais graça. Saí, me vesti e fui procurar o livro. *Cartas de John Keats para Fanny Brawne*.

Alguma coisa que meu pai disse me fez lembrar dele. Ele havia dito que minha mãe adorava ler os grandes poetas. Sabia que Brynne gostava de Keats. Tinha achado o livro no sofá, onde ela obviamente havia estado lendo, e perguntei a ela. Brynne confessou seu amor por ele e quis saber por que eu tinha esse livro em casa. Respondi que o meu pai sempre me dava os que as pessoas deixavam no banco de trás do táxi. Ele detestava jogá-los fora, por isso me trazia o que achava de interessante. Quando comprei meu apartamento, ele trouxe algumas caixas de livros para encher as estantes, e esse deve ter vindo junto. Com honestidade, disse a ela que jamais tinha lido nada do Keats.

Estava lendo agora.

Keats tinha um jeito com as palavras, eu logo descobri. Para um homem que morreu com apenas 25 anos, ele conseguia colocar muita emoção nas cartas que escrevia para a namorada, quando estavam separados. Sentia a dor dele como se fosse a minha. *Era a minha*.

Decidi escrever uma carta para ela, usando caneta e papel. Encontrei um papel de carta bacana no escritório e levei o livro comigo. Simba agitou suas barbatanas dentro do aquário quando entrei, provavelmente esperando ganhar um petisco. Eu era um bobo quando se tratava de animais carentes, então joguei para ele um pouco de krill congelado e fiquei assistindo ele comer.

— Ela adora você, Simba. Se eu disser que você está ficando doido sem ela, talvez ela volte — eu agora falava com peixes. Como diabos cheguei a esse ponto tão baixo? Ignorei o desejo de fumar, lavei as mãos e sentei-me para escrever.

Brynne,

"Não sei o quão elástica poderia ser minha alma, que prazer poderia ter em viver aqui se a lembrança de você não pesasse

tanto sobre mim. Pergunte-se, meu amor, se não está sendo muito cruel me podendo tanto, destruindo minha liberdade.

... Nem meus pensamentos, nem meus dias e noites mais infelizes me curaram do amor pela beleza, mas o tornaram tão intenso que me sinto um desgraçado por você não estar comigo... Não posso sequer conceber qualquer início de amor que eu tenha por você, a não ser beleza." Julho, 1819

Sei que você vai reconhecer as palavras de Keats. Comecei a ler o livro que você gosta. Agora eu posso dizer que entendo o que ele estava tentando expressar para a senhorita Brawne, sobre como ela havia capturado o coração dele.

Da mesma forma que você capturou o meu, Brynne.

Sinto sua falta. Nunca deixo de pensar em você e, se puder dizer isso mais uma vez e te fazer acreditar, então suponho que exista algum alento nisso. A única coisa que posso fazer é tentar te dizer o que sinto.

Estou tremendamente arrependido por ter escondido que conhecia os detalhes do seu passado e sobre como obtive essa informação, mas você precisa saber da verdade, ainda que seja cruel. Não tinha qualquer intenção de aceitar o trabalho. Planejava recomendar ao seu pai uma outra firma que poderia fazer sua segurança. Mas não pude seguir em frente com o plano depois que te conheci. Naquela noite, na rua, quis te dizer que seu pai estava querendo me contratar para te proteger, mas quando vi como você me olhava, Brynne, senti algo – uma conexão com você. Dentro de mim, as coisas estavam começando a se encaixar. A peça que faltava no meu quebra-cabeças? Não sei o que foi, só que aconteceu comigo na noite em que a gente se conheceu. Tentei me manter afastado e deixar você seguir com a sua vida, mas não consegui. Me senti atraído por você desde a primeira vez em que vi seu retrato. Precisava te conhecer. E depois, ficar com você. Ter você me olhando e realmente me vendo. Agora, sei que me apaixonei. Me apaixonei por uma linda garota americana. Você, Brynne.

Muitas vezes quis te contar como cheguei até você naquela noite, na galeria. Mas me contive em todas elas, com medo de te ferir. Pude ver como você ainda estava assustada quando acordou daquele pesadelo. Eu só podia imaginar o porquê, mas faria qualquer coisa para evitar que você sofresse. De alguma forma, sabia que contar a você que o seu pai havia contratado seguranças para te proteger de poderosos inimigos políticos te deixaria apavorada. Eu mesmo fico apavorado em pensar que alguém poderia planejar te machucar, emocionalmente ou não. Sei que você me demitiu, mas, se qualquer coisa acontecer, ou qualquer pessoa te intimidar, quero que você me ligue e eu chegarei em um instante. Estou falando muito sério sobre isso. Me liga.

Você é uma pessoa tão especial, Brynne. Com você sinto coisas – emoções e ideias e sonhos; uma compreensão tão completa que me leva a um lugar aonde nunca imaginei chegar com outra pessoa. Mas eu também tenho meus demônios. E morro de medo de ter que enfrentá-los sem você. Não sei o que estou fazendo na maior parte do tempo, mas sei muito bem como me sinto em relação a você. E ainda que você me odeie pelo que fiz, vou continuar te amando. Se você não me vir mais, vou continuar te amando. Vou continuar te amando porque você é minha. Minha, Brynne. No meu coração você é, e ninguém pode tirar isso de mim. Nem mesmo você.

E

Uma semana se passou até que eu mandasse minha carta para Brynne. A porra da semana mais longa da minha vida.

Não exatamente, mas fumei Djarums suficientes para me deixar falido ou me dar câncer, um dos dois. Pedi que o florista mandasse flores roxas junto com a carta. Era domingo à tarde quando fiz a encomenda e o florista me disse que elas seriam entregues na segunda-feira. Pedi que eles mandassem para o trabalho dela, em

vez do apartamento. Sabia que ela estava ocupada com a faculdade e quis esperar até que as provas finais terminassem.

Brynn e eu ainda não terminamos. Esse é o mantra que fiquei repetindo por todos esses dias, até porque era a única opção que eu tinha.

Capítulo 3

Eles fazem você acreditar em coisas que não são reais. Repetem tantas vezes, que você aceita que o que estão dizendo é a verdade. Você sofre por elas como se fossem reais. A tortura mais eficaz não é a física – é a mental, claro. A distância, a mente pode imaginar os mais horríveis terrores, daqueles que jamais se poderia aguentar fisicamente, assim como é capaz de modular as dores físicas quando elas ultrapassam o nível que o corpo pode suportar.

Os nervos nas minhas costas ardiavam como se tivessem jogado ácido na carne machucada. De tão aguda, a dor me tirava o fôlego. Imaginava o quanto demoraria para eu desmaiar e, caso desmaiasse, se acordaria novamente nesta vida. Duvidava que fosse capaz de andar mais do que alguns metros. Mal podia enxergar, de tanto sangue que havia em meus olhos e por causa das pancadas na cabeça. Eu ia morrer nesse buraco e não ia demorar muito. Esperava que fosse logo. Meu pai e a Hannah não iam me ver assim. Tomara que eles nunca descobrissem como encontrei meu fim. Rezava para que não houvesse um vídeo da minha execução. Por favor, meu Deus, sem vídeos.

Um golpe de sorte. Não tive sorte quando meu grupo caiu numa emboscada. Nenhuma sorte quando minha arma emperrou.

Nenhuma sorte quando não morri tentando escapar da captura. Esses putos aprenderam todas as técnicas com os russos. Adoravam pegar prisioneiros ocidentais. Um Forças Especiais britânico? Eu era uma das joias da Coroa. Mas totalmente dispensável para o meu país. Um golpe de sorte. Um sacrifício pelo bem maior, pela democracia, pela liberdade.

Foda-se a liberdade. Eu não tinha nenhuma.

Meu torturador desse dia adorava falar. Nunca parava de falar sobre ela. Desejava loucamente que ele fechasse a boca imunda. Eles não sabem onde ela está... Não sabem como encontrá-la... Não sabem nem mesmo o nome dela... Eu ficava repetindo essas verdades porque era a única coisa que tinha à mão para me agarrar.

O dorso da mão dele bateu no meu rosto e me acordou. Em seguida veio outro tapa, que me deixou totalmente alerta.

"Quando a gente a pegar, vamos te fazer assistir. Ela vai gritar como a puta que ela é. Uma putinha americana que tira fotografias pelada." Ele cuspiu na minha cara e puxou minha cabeça para trás, pelos cabelos. "Nojentas, as suas mulheres... Elas merecem tudo que fazem com elas. Ser usada como uma puta suja." Ele riu de mim.

Encarei-o e memorizei seu rosto. Nunca esqueceria dele e, se houvesse oportunidade, cortaria sua língua antes de matá-lo. Mesmo que a morte fosse somente imaginação minha. Ele não gostou da minha reação. Por dentro, eu estava gelado de medo. Como podia impedir que eles a pegassem? Queria implorar, mas não o fiz. Apenas encarei e senti meu coração dar pulos dentro do peito, verificando que estava vivo. Por enquanto.

"Cada guarda vai ter uma vez dentro das coxas dela. Quando o fogo deles se apagar, aí ela vai assistir enquanto a gente corta a sua cabeça. Você sabe que vai ser assim o seu fim, não sabe?" Ele segurou minha cabeça inclinada para trás e passou um dedo na minha garganta. "Você vai implorar por piedade, como o porco que você é, antes de ser abatido. Na hora, você não vai ser orgulhoso." Ele riu de novo, com os dentes amarelos aparecendo debaixo da barba. "E a gente vai matar a sua puta americana do mesmo jeito..."

Dei um pulo na minha cama sem fôlego, a mão no meu pau e pingando de suor. Recostei na cabeceira e tomei pé de onde estava... e de onde não estava, graças a Deus. *Você não está mais lá.* Foi só um sonho. *Isso foi há muito tempo.*

Meu pesadelo era do tipo que pega todas as merdas que já aconteceram com você e mistura tudo junto numa piscina de horrores em que você precisa mergulhar. Fechei os olhos, aliviado. Brynne não fazia parte dos terrores do Afeganistão. Ela era do aqui e agora. Brynne vivia em Londres, trabalhando e fazendo a pós-graduação. *Foi só seu subconsciente misturando tudo de ruim. Brynne está são e salva na cidade.*

Ela só não estava mais comigo.

Baixei os olhos para o meu pau, duro e quente, envolto pela minha mão. Fechei os olhos e comecei a mexer nele. Se os mantivesse fechados, ia conseguir lembrar daquele dia no escritório. Precisava desse alívio agora. Precisava gozar, para poder parar de tremer depois desse pesadelo fodido. O que quer que funcionasse. Seria um calmante, mas iria servir.

Eu lembrei. A primeira vez em que ela foi me ver. Ela estava de botas vermelhas e saia preta. Pedi que ela se sentasse no meu colo e a fiz gozar com a minha mão na boceta dela. *Tão sexy aparecer assim no escritório.* Ela estava linda, se desmontando nos meus braços depois do que fiz com ela, do que a fiz sentir.

Brynne tentou se desvencilhar de mim, mas não deixei. Lembro que ela lutou para sair do meu colo. Mas quando ela escorregou nos joelhos e me tocou por cima das calças, eu entendi. Ela disse que queria me chupar. Foi nesse momento que eu soube que a amava. Soube isso porque ela é honesta e generosa, sem artifícios. Ela é real e perfeita e minha.

Agora não, ela não é. Ela te deixou.

Mantive os olhos fechados e relembrei a visão dos lábios dela se fechando em volta da cabeça do meu pau, botando tudo para dentro em seguida. E como senti aquela boca pela primeira vez, tão quente e molhada e deliciosa. Que momento lindo quando ela engoliu tudo e olhou para mim, para cima, daquele jeito sexy e misterioso que ela

sabia fazer. Nunca sabia em que ela estava pensando. Bom, ela era uma mulher, afinal.

Eu lembrava de tudo – os sons que ela fez, o cabelo comprido sobre o rosto, o deslizar suave sobre os lábios quentes dela, a pegada firme no meu pau quando ela metia ainda mais fundo na boca perfeita.

Lembrei desse momento especial com a Brynne, enquanto me masturbava num presente patético e solitário. Era preciso lembrar, ou nunca iria conseguir. Gritei quando o gozo explodiu da ponta do meu pau, num jorro quase doloroso, por cima dos lençóis da cama, uma mancha branca sobre o tecido preto. *Deveria ter sido nela!* Respirei ofegante, encostado na cabeceira da cama, deixando o alívio percorrer todo o meu corpo, mas com raiva de ter acabado de bater uma punheta pensando nela, como um otário desesperado.

Não dei a mínima para a sujeira. Os lençóis podem ser lavados. A minha memória, não.

Conseguia me lembrar de todas as vezes em que estive dentro dela.

O vazio que me invadia era quase cruel e esse clímax definitivamente não era substituto à altura da realidade. Completamente oco e inútil.

Impossível, Benny! Ele é bonito demais para precisar usar a mão quando quiser ter um orgasmo.

Até parece. Levantei da cama, me liberei dos lençóis e fui para o chuveiro. Nada será suficiente para me preencher, nunca, a não ser a Brynne.

Naquela tarde, Brynne ligou para o meu celular. Perdi a chamada por causa de uma reunião idiota. Queria matar os imbecis que tomaram meu tempo, mas preferi ouvir a caixa postal.

— Ethan, eu... eu recebi sua carta — a voz dela soava frágil e o desejo de correr para encontrá-la era tão grande que não sei como consegui me controlar. — Obrigada por mandar. As flores são lindas também. Eu só queria te dizer que conversei com meu pai e ele me disse umas coisas...

Brynne não conseguiu se segurar. Dava para ouvir o som do choro abafado. Saber que ela chorava partia meu coração.

— Preciso desligar. Mais tarde a gente se fala. — Ela falou essa parte bem baixinho. E, antes de desligar, se despediu: – Tchau, Ethan.

Apertei os botões do celular com tanta força que achei que fosse quebrar o vidro do aparelho quando retornei a ligação, rezando para que ela atendesse e falasse comigo. O tempo passava inacreditavelmente devagar enquanto a ligação não se completava. Um, dois, três toques. Meu coração batia forte e eu sentia falta de ar.

— Oi. — Uma só palavra. Mas era a voz dela e se dirigia a mim. Dava para ouvir algum barulho ao fundo. Tráfego, talvez.

— Brynne, como você tá? Escutei seu recado. Eu tive uma reunião... — parei, me dando conta de que estava falando demais. Me obriguei a calar a boca e desejei desesperadamente um cigarro de cravo.

Do outro lado da linha, ela respirava pesado.

— Ethan, você disse pra eu ligar se alguma coisa estranha acontecesse...

— O que aconteceu? Você tá bem? Onde você tá agora? — senti meu sangue gelar ao ouvir as palavras dela. — Você tá na rua?

— Tô dando uma corrida. Tive que sair pra me distrair, esfriar a cabeça.

— Eu vou até aí. Me diz onde você tá.

Brynne ficou em silêncio. Eu podia ouvir os carros passando perto dela e odiava ser obrigado a imaginar como ela estaria naquele instante. Sozinha na rua. Vulnerável. Desprotegida.

— Me diz, por favor? Tenho que te ver. A gente precisa conversar. E quero saber o que te assustou o suficiente pra me deixar aquela mensagem antes — mais silêncio. — Linda, não posso ajudar se você não deixar.

— Você assistiu? — a voz dela estava diferente, ríspida.

— Assisti o quê? — juro que só queria ir até onde ela estava e abraçá-la. A princípio, a pergunta dela não fez sentido. Entretanto, o

silêncio gelado do outro lado me ajudou a entender do que ela falava.

— Você assistiu, Ethan? Responde a minha pergunta.

— O vídeo pornô com você e o Oakley? Claro que não, porra! — só a pergunta já me irritava. — Por que eu ia fazer uma coisa dessas?

— Aquilo mal pode ser chamado de pornô! — gritou na minha orelha. Meu peito doía como se tivessem enfiado uma faca nele.

— Bom, foi isso que o seu pai me disse que era! — gritei de volta, confuso com as perguntas e completamente perdido nessa conversa doida. Se pudesse falar com ela pessoalmente, chegar perto dela, fazer com que ela olhasse nos meus olhos e me ouvisse, eu poderia ter uma chance. Mas essa discussão fragmentada não estava levando a gente a lugar nenhum. Tentei de novo, num tom mais controlado. — Brynne, por favor, me deixa ir até aí.

Brynne começou a chorar de novo. Dava para ouvir os soluços, abafados pelo barulho do trânsito. Não gostava de saber que ela estava correndo sozinha. Os carros passando na rua, os homens a olhando, mendigos pedindo esmolas...

— O que ele te disse, Ethan? O que é que o meu pai falou de mim?

— Não quero falar disso pelo telefone...

— Fala agora! — ordenou e, em seguida, silêncio.

Fechei meus olhos com relutância, sabendo que ela não aceitaria menos do que a verdade nua e crua e detestando ser obrigado a contar tudo a ela. Como começar? Não tinha outro jeito senão entrar de cabeça. Fiz uma prece silenciosa a minha mãe, pedindo que me desse forças.

— Ele me contou que você e o Oakley saíam na época do colégio. Que, quando vocês tinham uns 17 anos, ele gravou escondido um vídeo de vocês transando e espalhou por aí. Você largou a escola e teve problemas depois disso. O senador mandou o filho pro Iraque e você veio pra cá estudar e começar de novo. Agora, o senador quer se eleger vice-presidente e vai fazer de tudo pra ninguém ver o vídeo, pra ninguém saber de nada. Seu pai me disse que um dos amigos do Oakley morreu há pouco tempo em

circunstâncias bem suspeitas e que ele ficou preocupado que as pessoas ligadas ao vídeo pudessem estar na mira, incluindo você. Foi o suficiente pra ele me ligar e me pedir um favor – que eu tomasse conta de você e prestasse atenção caso alguém tentasse se aproximar.

O que eu não daria por um cigarro agora... O silêncio do outro lado da linha era doloroso, mas, após alguns instantes que pareceram intermináveis, escutei o agradável som das palavras que eu queria que ela dissesse. Palavras com as quais eu saberia lidar. Algo que eu compreendia e podia ajudar.

— Isso me dá medo.

Senti uma onda de alívio ao escutar isso. Não que ela estava com medo, claro, mas que ela soava como se precisasse de mim. Como se fosse deixar eu me aproximar novamente.

— Não vou deixar ninguém te machucar, minha linda.

— Recebi um recado muito estranho no meu celular dois dias atrás. Um homem. De um jornal qualquer. Não sabia o que fazer, mas quando recebi sua carta hoje cedo, eu li o que você escreveu sobre te ligar se alguém fizesse alguma coisa comigo.

A sensação de alívio desapareceu completamente.

— Chega dessa merda, Brynne! Onde é que você tá? Tô indo te buscar! — eu teria entrado por dentro do celular, se as leis da física permitissem. Precisava chegar até ela e ponto final. Foda-se esse papinho, queria ter Brynne ao meu lado, em carne e osso, onde eu pudesse pôr as mãos nela.

— Tô no lado sul da ponte de Waterloo.

Mas é claro que você está. Revirei os olhos. A mera menção dessa palavra me irritava.

— Tô saindo agora. Dá pra você ir até Victoria Embankment e me esperar lá? Assim eu chego mais rápido.

— Ok, eu vou até a esfinge. — A voz dela parecia melhor. Menos assustada, e essa sensação fazia maravilhas com o meu nível de estresse. Eu ia conseguir minha garota. Ela podia até nem saber ainda, mas era isso o que estava prestes a acontecer.

— Assim tá bom. Se alguém chegar perto, tenta ficar num lugar bem aberto, movimentado, com bastante gente — manteve-a na

linha enquanto ela ia a pé até a Agulha de Cleópatra e eu dirigia feito um louco, evitando os guardas de trânsito.

— Cheguei — falou ela.

— Tem gente em volta?

— Tem, sim. Um guia com turistas, alguns casais e umas pessoas passeando com cachorro.

— Ótimo. Tô estacionando. Vou te encontrar — desligamos.

Meu coração dava pulos dentro do peito enquanto eu procurava uma vaga e depois, quando comecei a andar até o dique. Como seria? Será que ela iria me rejeitar? Não queria remexer nas feridas, mas não podia deixar essa zona fodida durar mais um dia sequer. Terminava agora. Hoje. O que quer que fosse preciso para arrumar essa merda tinha que ser feito aqui e agora.

O sol começava a se pôr quando eu a vi. A bermuda de corrida vestia o corpo dela como uma segunda pele. Ela estava de costas para mim, debruçada na grade, olhando para o rio embaixo. O vento soprava o rabo de cavalo para o lado e uma das longas pernas estava dobrada em direção à grade, servindo de apoio para as mãos, graciosamente.

Diminuí o ritmo simplesmente porque queria ter tempo de absorver aquela visão. Depois de uma semana cheio de desejo, eu finalmente podia olhar para ela. Bem na minha frente. Brynne.

Tinha a necessidade de colocar as mãos nela. Estavam coçando para abraçá-la e tocá-la. Mas ela estava diferente – mais magra. Quanto mais eu me aproximava, mais visível ficava. Jesus, será que ela parou de comer na semana passada? Ela deve ter perdido uns três quilos. Parei e olhei, num misto de raiva e preocupação, mas agora entendo melhor que essas merdas do passado eram bem maiores do que eu tinha pensado até então. *Sorte nossa, podemos ser fodidos juntos.*

Brynne virou-se e me viu. Nossos olhares se encontraram e era como se pudéssemos ler a mente um do outro. Ela sabia como eu me sentia. Ela tinha que saber. Já tinha dito tantas vezes. Entretanto, Brynne nunca havia me dito o que eu lhe disse. Ainda estava esperando ouvir aquelas três palavras dela. *Eu te amo.*

Ela falou o meu nome. Pude ler os lábios dela. Não consegui ouvir por causa do vento, mas eu vi que ela falou o meu nome. Brynne parecia tão aliviada quanto eu estava por vê-la inteira, a poucos passos. E incrivelmente linda, como ela sempre foi e sempre será.

Foi aí que parei. Se ela me quisesse, teria que andar até mim e demonstrar como se sentia. Eu iria morrer se Brynne não fizesse isso, mas o conselho do meu pai estava certo. Todo mundo tinha que seguir seu coração. Eu segui o meu. Agora ela tinha que fazer o mesmo.

Brynne se afastou um pouco da grade e eu tremi quando ela parou. Quase como se estivesse esperando que eu me mexesse ou fosse buscá-la. *Não, minha querida.* Não sorri, nem ela, mas estava claro que fizemos um contato.

Ela vestia um top azul-turquesa que envolvia seus peitos e me fazia imaginá-la nua, deitada debaixo de mim, minhas mãos e minha boca passeando por seu corpo inteiro. Eu a desejava tanto que doía. Acho que esse é o efeito de se apaixonar – dói de um jeito que só existe uma cura. Brynne era minha cura. Enquanto a esperava, imagens rápidas da gente fazendo amor passaram pela minha cabeça; cenas atormentadas pelos meus desejos, com uma dor que me queimava de dentro para fora. Meu corpo *ardia* por Brynne. Keats realmente sabia do que estava falando em seus poemas.

Estendi a mão e mantive meu olhar fixo no dela, mas meus pés permaneceram plantados no mesmo lugar. E foi aí que eu vi a mudança. Uma chama em seus adoráveis olhos. Brynne entendeu o que eu estava pedindo. Ela sacou. E de novo, eu me lembrei de como a gente se dava bem, nos níveis mais básicos. Brynne me entendia e somente isso já era suficiente para me deixar com mais vontade ainda de tê-la.

Ela veio até mim e então levantou os braços. Cada vez mais perto, até que nossos dedos se tocaram: a mão dela – pequena, delicada – e a minha, bem maior. Meus dedos se enlaçaram na cintura dela, e a minha palma, firme, guiou-a pelo resto do caminho. Até ficar bem junto ao meu peito, corpo a corpo. Passei meus braços ao redor de Brynne e enterrei minha cabeça nos cabelos dela. Eu

inspirava o perfume que já conhecia – e do qual havia sentido tanta falta – para dentro da minha cabeça de novo. Eu a tinha. Eu tinha Brynne novamente.

Afastei meu corpo um pouco e peguei no rosto dela com as minhas mãos. Eu a mantive numa posição em que podia realmente olhar para ela. Ela não afastou o olhar. Minha garota era corajosa. Às vezes a vida era uma merda, mas ela aguentava firme e não se intimidava. Olhei para os lábios dela e soube que a beijaria, quisesse ela ou não. Eu esperava que ela quisesse.

Os lábios dela eram tão macios e doces quanto me lembrava. Até mais, porque eu tinha ficado tempo demais longe deles. Sentir a boca da Brynne na minha era como ir até o céu. Eu me perdi naquele momento e esqueci completamente de que estávamos em público. Me perdi dentro da Brynne, no instante em que ela me acolheu.

Brynne me beijou de volta e foi tão gostoso sentir sua língua se enroscando na minha que gemi encostado nela. Sabia o que queria fazer. Eu tinha poucas exigências. Privacidade. Brynne nua. Se ao menos as coisas fossem tão simples assim. Lembrei-me de que estávamos parados no meio de uma multidão de pessoas em Victoria Embankment e, infelizmente, nem perto de estarmos em um lugar privado.

Parei de beijá-la e passei o polegar no lábio inferior dela.

— Você vem comigo. Agora.

Brynne balançou a cabeça entre as minhas mãos e eu a beijei mais uma vez. Um beijo de agradecimento.

Ficamos em silêncio enquanto nos dirigíamos ao Rover. Pelo menos estávamos de mãos dadas. Eu não ia soltar até que fosse obrigado, para ela poder entrar no carro. Quando ela já estava no banco do carona, com as portas trancadas, me virei e finalmente a olhei. Brynne parecia faminta e isso me deixou zangado. Lembrei da noite em que a gente se conheceu e eu comprei para ela uma barrinha de proteínas e água.

— Aonde vamos? — perguntou.

— Primeiro? Arrumar alguma coisa pra você comer — saiu um pouco mais ríspido do que eu pretendia.

Ela concordou e desviou o olhar, para fora da janela.

— Depois que você comer, a gente vai comprar um celular com um número novo. Preciso ficar com o seu velho, pra monitorar quem tentar entrar em contato com você. Tudo bem?

Brynnie baixou o olhar para o colo e balançou a cabeça de novo. Eu quase a puxei para os meus braços e disse que tudo ia ficar bem, mas me contive.

— E depois, vou te levar pra casa. Meu apartamento. *Casa*.

— Ethan, não é uma boa ideia — disse baixinho, ainda olhando para baixo.

— Que se fodam as boas ideias — explodi. — Você podia pelo menos olhar pra mim?

Brynnie olhou para mim e se endireitou no banco, com um lampejo de faíscas, fazendo com que eles parecessem bem castanhos. Queria arrastá-la para casa e sacudi-la, forçá-la a entender que esse término idiota era coisa do passado. Ela ia para casa comigo, ponto final. Girei a chave na ignição.

— O que você quer de mim, Ethan?

— Essa é fácil. — Fiz um barulho rude. — Quero voltar no tempo pra 10 dias atrás. Quero voltar pro escritório, fodendo em cima da minha mesa, com você enganchada em mim! Quero seu corpo embaixo do meu, olhando pra mim com outra expressão, diferente daquela que eu vi quando você me deixou no elevador!

Encostei a cabeça no volante e procurei ar para respirar fundo.

— Ok, Ethan. — A voz dela saía trêmula e derrotada.

— Ok, Ethan? O que é que isso quer dizer? Ok, eu vou pra sua casa com você? Ok pra nós dois? Ok, vou deixar você tomar conta de mim? O quê? Preciso que você me dê mais do que isso, Brynnie — falei isso virado para o para-brisa, com medo de olhar para o rosto dela. Se eu não conseguisse fazê-la entender...

Brynnie se inclinou para o meu lado e encostou a mão na minha perna.

— Ethan, preciso que você me diga a verdade. Preciso saber o que está acontecendo à minha volta.

Imediatamente, botei a mão em cima da dela.

— Eu sei, minha linda. Eu não tinha que ter escondido isso de você.

Brynnie sacudiu a cabeça.

— Não, você não sabe. Me deixa terminar de falar — pediu ela, colocando os dedos sobre meus lábios para que eu me calasse. — Você sempre me interrompe.

— Tô quieto agora. — Com a outra mão, segurei os dedos dela e os mantive sobre os lábios. Dei um beijo neles e não os deixei sair dali. Bom, eu aproveitava todas as oportunidades que tinha, por menores que fossem.

— A sua honestidade e a sua falta de tato são coisas que eu amo em você, Ethan. Você sempre fala o que tem vontade, o que quer fazer, como se sente. Você era verdadeiro comigo e fazia com que me sentisse segura. — Ela inclinou a cabeça e balançou-a. — Você não faz ideia de como precisava disso vindo de você. Não tinha medo do desconhecido porque você era tão bom, me dizendo exatamente o que ia acontecer entre a gente. Isso realmente funcionava comigo. Mas ao mesmo tempo, eu confiava em você, você estragou essa parte ao não ser honesto e não me contar que tinha sido contratado pra me proteger. Só precisar de um segurança já me deixa pirada, mas você não acha que eu tenho o direito de ao menos *saber* dessa porra?

Meu Deus, ela ficava muito sexy quando estava puta e dizia palavrões. Dei a ela um momento de triunfo porque realmente tinha esse direito.

Quando tirou os dedos dos meus lábios, me dando permissão para falar, eu murmurei as palavras, mais do que as pronunciei:

— Sinto muito.

E sentia mesmo, profundamente. Tinha errado feio. Brynnie precisava saber a verdade. Ela tinha suas razões; era uma das suas exigências e eu pisei na bola. *Espera. Ela acabou de dizer "uma das coisas que eu amo em você"?*

— Porém... Desde que falei com meu pai e ele me contou coisas que eu não sabia até agora, percebi que a culpa não foi totalmente sua. Papai te botou numa situação em que você não queria... Venho

tentando enxergar pela sua perspectiva. Sua carta me ajudou a entender.

— Então você me perdoa e a gente pode deixar essa confusão toda para trás? — estava esperançoso, mas não completamente seguro. Era só jogar a verdade na minha cara, para que eu pudesse imaginar o que fazer em seguida. Eu conseguiria trabalhar com uma possibilidade assim.

— Ethan, tem muita coisa que você não sabe sobre mim. Você não sabe o que aconteceu comigo, sabe?

O olhar que Brynne me lançou era tão angustiada que desmentia o que ela dizia. Queria sumir com a angústia dali, se pudesse. Queria poder dizer que não fazia diferença saber ou não. Se era tão horrível que me contar a faria sofrer, então não era preciso. Mas sabia que esse não era o jeito da Brynne lidar com as coisas. Ela precisava botar todas as cartas na mesa antes de poder ir em frente.

— Acho que não. Até há bem pouco tempo, eu não tinha percebido o quanto o seu passado tinha deixado uma marca tão profunda. Pensei que estivesse te protegendo de uma possível vigilância política, ou uma exposição desnecessária, fosse contra você ou pra tirar algum proveito. Depois que vi que você tinha os seus demônios, eu me importava demais com você pra te assustar ou te fazer sofrer ainda mais com tudo isso. Só queria te proteger e manter a gente junto. — Falei com o rosto bem colado ao dela, sentindo-a respirar.

— Eu sei, Ethan. Agora eu entendo isso. Mas você ainda não sabe de tudo — ela chegou para trás no banco e olhou novamente para fora da janela. — Você não vai gostar de escutar. Pode ser que você não queira mais ficar comigo depois de saber.

— Não fala isso. Eu sei exatamente o que eu quero — alcancei o queixo dela e puxei-o na minha direção. — Vamos comer alguma coisa e você me conta tudo o que precisa falar. Tá bom?

Brynne acenou levemente com a cabeça, como ela faz quando está me obedecendo – com aquele olhar que me deixa louco por ela, meu nível de possessividade surpreendendo a mim mesmo.

Sabia que ela estava assustada e sofrendo, mas também sabia que ela era forte e iria lutar contra o que quer que a assombrasse. Nada ia mudar a maneira como me sinto, no entanto. Aos meus olhos, ela era minha linda garota americana e seria assim para sempre.

— Eu não vou a lugar nenhum, Brynne. Você tá presa comigo e é melhor se acostumar com isso — beijei-a e só depois disso soltei seu rosto.

Brynne mostrou um meio sorriso enquanto eu dava a ré no carro.

— Senti tanta saudade de você, Ethan. Você nem faz ideia.

Estiquei a mão e toquei novamente no seu rosto. Não conseguia me conter. Tocá-la era uma maneira de me certificar de que ela estava ali comigo de verdade. Sentir a pele e o calor do corpo dela me dizia que não estava sonhando.

— Primeiro, a comida. Você vai comer alguma coisa pra te sustentar e eu vou olhar e aproveitar cada segundo da sua boca linda. O que é que você tá com vontade agora?

— Não sei. Pizza? Não tô arrumada pra jantar — sorriu embaraçada, apontando para as roupas de ginástica. — Você tá de terno.

— A sua roupa é a menor das minhas preocupações, linda — levei a mão dela até meus lábios e beijei a pele macia. — Pra mim você fica bonita com qualquer coisa... Ou com nada. Especialmente nada.

O rosto dela ficou um pouco vermelho. Quando vi sua reação, senti meu pau latejar. Queria tanto tê-la na minha casa. Na minha cama, ao meu alcance por toda a noite, sabendo que ela estaria ali comigo. Não a deixaria escapar novamente.

Uma vez ela me disse que adorava quando eu beijava a sua mão. Eu não conseguia evitar. É difícil não tocar e não beijar Brynne o tempo inteiro, porque eu nunca fui uma pessoa de me privar das coisas que eu quero. E eu quero essa mulher.

Brynne balbuciou um obrigado silencioso, mas continuou parecendo triste. Provavelmente estava nervosa com nossa conversa, mas sabia que era necessário. Para seu próprio bem, ela

precisava me contar algo difícil e eu teria que escutar. Se era isso o que ela tinha que fazer para que a gente pudesse ir em frente, então eu ouviria o que quer que fosse.

— Então vai ser pizza — tive que soltar a mão dela para dirigir, mas dava para aguentar. Ou assim eu esperava.

Minha garota estava ali ao meu lado no carro. Podia cheirá-la, vê-la e até mesmo tocá-la, se esticasse o braço; ela estava realmente perto de mim. E pela primeira vez em dias, a dor constante no meu peito tinha desaparecido.

Capítulo 4

Pizza e luz de velas são ótimos quando divididos com a pessoa certa. Para mim, a pessoa certa estava sentada bem em frente a mim, e não teria me importado com o lugar, desde que estivesse com ela. Mas Brynne precisava comer e eu precisava ouvir a história que ela tinha para me contar, então o Belíssima serviria tanto quanto qualquer outro lugar.

Pegamos uma mesa num canto escuro e discreto, com uma garrafa de vinho tinto e uma pizza gigante de linguiça e cogumelos para dividir. Tentei não encará-la demais, para evitar deixá-la desconfortável, mas era muito difícil porque meus olhos estavam viciados na imagem dela. Famintos por ela.

Ao contrário, dei o melhor de mim para ser um bom ouvinte. À minha frente, Brynne parecia não saber como começar. Sorri para ela e fiz um comentário sobre como a comida estava gostosa. Me peguei tentado a dizer que ela deveria comer mais um pouco, mas fiquei de boca fechada sobre esse assunto. Tenho certeza de que não sou um imbecil. Cresci com uma irmã mais velha e as lições que aprendi com a Hannah ficaram comigo para sempre. As mulheres não gostam que se diga a elas o que comer ou não. Melhor deixá-la em paz e torcer pelo melhor.

Ela parecia viajar em seus próprios pensamentos quando começou a me falar sobre a vida. Não apreciava a linguagem corporal, triste, ou a voz derrotada, mas isso era irrelevante.

— Meus pais se separaram quando eu tinha 14 anos. Acho que não lidei bem com isso. Sou filha única, então acredito que precisei de algum tipo de afirmação ou talvez de dar um troco neles. Vai saber, mas, resumindo, eu era uma piranha na época do colégio — ela levantou os olhos para mim, cinzas como o aço, determinada a chegar ao ponto que queria. — É verdade, eu era. Os caras que eu namorei nunca eram boas escolhas e eu não me importava com a minha reputação. Era mimada e imatura, sem falar estupidamente descuidada.

Mesmo? Primeira surpresa da noite. Não conseguia imaginar Brynne desse jeito e nem queria, mas o meu lado pragmático logo se adiantou a dizer que quase todo mundo tem um passado, e que a minha garota não era diferente. Ela levantou a taça de vinho e ficou olhando, como se estivesse recordando. Não falei nada. Só fiquei escutando e me embriagando com a visão dela ali tão perto de mim.

— Teve uma notícia que se transformou num viral na Califórnia uns anos atrás. O filho de um delegado fez um vídeo de uma menina numa festa. Quando ela apagou, bêbada, ele e dois amigos comeram a garota e ficaram fazendo mil sacanagens com ela em cima de uma mesa de bilhar.

Senti os cabelos da minha nuca se arrepiarem. *Por favor, não.*

— Eu lembro disso — falei, me forçando a ouvir e procurando não demonstrar muita reação. — O delegado tentou eliminar pistas contra o filho, mas o negócio vazou e os filhos da puta foram condenados de qualquer jeito.

— É, nesse caso eles foram — ela olhou para baixo, para a pizza, e depois de volta para mim. — Não no meu.

Os olhos dela ficaram embaçados e de repente eu não tive mais vontade de comer.

— Fui pra uma festa com a minha amiga Jessica e a gente ficou bêbada, claro. Tão bêbadas que não lembro de nada que aconteceu antes de acordar e ouvir a conversa deles, rindo e falando de mim — deu um gole grande de vinho antes de continuar. — Lance Oakley

era – é – um idiota completo, metidinho, um delinquente riquinho. Na época, o pai dele era senador pelo estado da Califórnia. Não sei por que eu saí com ele. Provavelmente, porque ele convidou. Como eu falei, eu não tinha boas escolhas de comportamento. Me arriscava. Pra você ver como eu realmente não me importava comigo mesma.

Odeio isso.

— Ele já tinha ido pra faculdade e eu tava no último ano do colégio. Acho que ele se sentia no direito de ficar comigo sempre que aparecesse, mas a gente não era comprometido, não mesmo. Eu sei que ele ficava com outras garotas. Acho que ele esperava que eu fosse ficar sempre de prontidão pra quando ele fosse pra casa, à disposição. Sabia que ele tinha ficado zangado porque eu saí com outro cara que conheci numa competição de corrida, mas não imaginava que ele fosse ser tão cruel por isso.

— Você era da equipe de atletismo no colégio? — perguntei.

— Era... Corrida — balançou a cabeça e olhou de novo para o copo. — Então acordei completamente zonza, sem conseguir mexer as pernas. A gente acha que ele botou alguma coisa na minha bebida.

Ela engoliu com força e continuou, corajosa:

— Eles tavam falando sobre mim, mas no início eu não tinha me tocado que era eu. Ou o que eles tinham feito comigo. Eram três caras, todos visitando as famílias e aproveitando a folga da faculdade por causa do feriado de Ação de Graças. Eu nem conhecia os outros dois, só o Lance. Eles não tinham sido da minha escola — tomou mais um gole de vinho. — Dava pra sacar que eles riam de alguém. Falando como tinham enfiado um taco de bilhar e uma garrafa – e foderam ela com essas coisas — e como ela era uma puta que implorou por tudo isso.

Brynn fechou os olhos e respirou fundo. Eu sofri por ela. Queria matar o Oakley e o amigo, e desejei que o que havia morrido ainda estivesse vivo, só para que eu pudesse matá-lo também. Não fazia ideia de nada disso. Imaginei que tivesse sido só uma indiscrição de adolescência, um idiota filmando uma transa — não uma agressão sexual completa a uma menina de 17 anos. Estiquei meu braço para

alcançar a mão dela. Ela parou por um instante e fechou os olhos com mais força, mas não hesitou em continuar. Novamente, a coragem dela me deixava admirado, e aguardei que falasse mais.

— Não fazia ideia de que estivessem falando de mim, de tão tonta que eu tava. Quando consegui mexer as pernas e os braços, me esforcei pra levantar. Eles riram e me deixaram lá na mesa. Sabia que tinha transado com alguém, mas não sabia com quem e nenhum detalhe. Tava passando tão mal, com uma ressaca... Só queria sair daquela casa. Então eu catei as minhas roupas, encontrei a Jessica e peguei uma carona pra casa.

Um rugido saiu sem querer da minha garganta. Não pude segurar. Até para mim, eu soei como um cachorro. Brynne me olhou por um segundo, quase assustada, e depois para a minha mão sobre a dela. Resolvi focar nela e segurar minhas emoções. Perder a linha não a ajudaria em nada, então acariciei a mão dela com meu polegar, indo devagar para a frente e para trás, torcendo feito louco para que ela entendesse como doía em mim ouvir esse relato. Minha cabeça estava girando com tudo o que ela tinha contado. Na época, os criminosos já eram adultos, e ela era menor de idade. Interessante. Não conseguia imaginar por que Tom Bennett tinha me omitido essa informação quando me procurou. Provavelmente, queria proteger a reputação da filha única. Não é de se espantar que ele tenha ficado louco quando soube que a gente estava namorando.

— Se não fosse pelo tal vídeo, eu teria apagado tudo da cabeça. Não fazia ideia do que eles tinham feito comigo ou que tinham filmado. Fui pra aula numa segunda-feira e era o assunto do dia. Eu era o assunto do dia. Todos tinham me visto pelada, desmaiada, bêbada, sendo... sendo tocada, estuprada, usada como um objeto.

Lágrimas rolaram pelo rosto dela, mas Brynne não perdeu a compostura. Continuou falando e eu apenas segurei na mão dela.

— Todo mundo sabia que era eu. As pessoas tinham assistido ao vídeo durante todo o fim de semana e passado adiante. Dava pra me ver claramente, mas os caras nunca apareciam diante da câmera e o som tinha sido editado com uma música, então não dava pra reconhecer as vozes deles. — Baixou a voz e cochichou: — Era uma

música do Nine Inch Nails que diz “quero te foder como um animal”. Eles fizeram parecer um clipe, com a letra aparecendo gigante na tela. “Você me deixou te penetrar, você me deixou te violar.”¹

Brynne hesitou, e meu coração se partiu em dois com o que ela havia sofrido. Só pensava no quanto eu queria fazer tudo dar certo entre a gente. Eu a fiz parar ali. Tinha que fazer isso. Não podia mais escutar aquilo e me controlar em público. A gente precisava de mais privacidade. Queria levá-la para casa comigo e abraçá-la bem forte. O resto a gente resolvia depois.

Apertei a mão dela, para que olhasse para mim, com aqueles olhos grandes e luminosos, de cores que se misturavam, cheios de lágrimas que eu queria lamber.

— Me deixa te levar pra casa, por favor — balancei a cabeça para fazê-la entender que era o que precisávamos. — Quero ficar sozinho com você agora, Brynne. Nada importa tanto quanto isso.

Ela emitiu um som que rasgou meu coração. Tão suave, mas tão sofrido e ferido. Levantei da mesa num impulso, levando-a comigo. Ela me seguiu sem protestar, ainda bem. Deixei algum dinheiro em cima da mesa, a levei para o carro e a afivelei no banco.

— Tem certeza de que você quer, Ethan? — perguntou, com os olhos vermelhos, cheios de lágrimas.

Olhei para ela na mesma hora.

— Nunca tive tanta certeza de alguma coisa — me inclinei e botei minha mão por trás da cabeça dela, de maneira que poderia controlar o beijo. Beijei-a com vontade, forçando minha língua contra os dentes da Brynne, porque queria que ela se abrisse para mim. Brynne precisava saber que eu ainda a desejava. Sabia que ela estava relutante com a ideia de eu conhecer seu passado. Ela imaginava que eu não a desejaria mais, caso soubesse dos detalhes.

Minha garota não poderia estar mais errada.

— Todas as suas coisas ainda estão lá, te esperando. Fica sabendo disso... — falei de pertinho, a poucos centímetros do rosto dela, quase perfurando aqueles olhos tão cheios de vida. — Não tenho qualquer intenção de te deixar. Se você vier comigo, pode contar que todas as fichas estão na mesa, Brynne. Não conheço

outro jeito de ficar com você. Vou apostar todas as minhas fichas. E quero que você aposte também.

— Todas as fichas? — ela pôs a palma da mão no meu rosto e a deixou lá, me lançando um olhar curioso.

Virei o rosto para dar um beijo na palma da mão dela.

— É um termo de pôquer. Quer dizer apostar tudo o que você tem nas cartas que estão na sua mão. Você é o que tá na minha mão.

Brynn fechou os olhos novamente e os lábios dela tremeram de leve.

— Eu ainda nem te contei tudo. Tem mais coisa — ela tirou a mão dali.

— Olha pra mim — pedi com gentileza, mas bem firme.

Ela obedeceu imediatamente, e eu tive que sufocar um gemido com o quanto o gesto dela me deixava excitado.

— Não me importo com o que quer que você não tenha me contado no restaurante nem mesmo com o que você me contou no restaurante — balancei a cabeça um pouco, para fazê-la entender. — Nada vai mudar o que *eu* sinto por você. Sei que ainda tem coisa pra gente conversar, mas você pode me contar tudo quando estiver preparada... Ou quando precisar. Vou escutar. Eu tenho que saber de tudo de qualquer maneira, pra poder te proteger. O que, aliás, vou fazer, eu te prometo, Brynn.

— Oh, Ethan...

Seu lábio inferior estremeceu quando me olhou, tão bela assim, triste, quanto era quando estava feliz.

Dava para notar que ela estava preocupada com várias coisas — dividir os detalhes do passado comigo, a minha reação a essa história toda, as possíveis ameaças à segurança dela em Londres, meus sentimentos —, e eu estava desesperado para apagar essa expressão do rosto dela, se fosse possível. Queria que ela se livrasse dessa carga e pudesse ficar livre para viver a vida — comigo, de preferência. Nunca tinha prometido nada com tanta certeza. Eu realmente *ia* protegê-la, mas também queria que ela soubesse no que estava se metendo, caso concordasse em voltar para casa comigo.

— Mas nada de fugir de mim de novo, Brynne. Se você precisar de um tempo, beleza, vou respeitar e te dar espaço. Mas vou ter que poder te ver e saber que você não vai embora novamente, ou vai me afastar — passei meu polegar nos lábios dela. — É isso que eu quero de você, minha linda. Você consegue?

Brynne começou a respirar mais pesado e o movimento dos pulmões fazia com o que os seios fossem para cima e para baixo naquele top justinho, azul-turquesa. O olhar estava parado. Dava para ver que ela tinha medo, mas era preciso que aprendesse a confiar em mim, para que a gente pudesse ter uma chance junto. Apostei na esperança de que ela aceitasse minha oferta. Mas eu não tinha a menor ideia do que faria se ela não topasse. *Desmoronar? Virar um maníaco? Fazer terapia?*

— Mas é que eu tenho tanta dificuldade em confiar em alguém. Você foi mais longe do que qualquer outra pessoa. Pela primeira vez precisei escolher entre estar num relacionamento complexo, que me assusta às vezes, e ficar segura e sem complicações, só que sozinha...

Eu grunhi e segurei-a um pouco mais forte.

— Sei que você tá com medo, mas quero que nos dê essa chance de qualquer maneira. Seu destino não é ficar sozinha. Seu destino é ficar comigo.

Minhas palavras saíram um pouco ríspidas, mas já era tarde demais para trazê-las de volta.

Brynne surpreendeu-me com um sorriso e uma balançadinha na cabeça:

— Você é uma coisa, Ethan Blackstone. Você foi sempre assim?

— Assim como?

— Tão exigente, franco e direto.

Dei de ombros.

— Acho que sim. Não sei. Só sei como eu sou quando tô com você. Quero coisas com você que nunca quis com ninguém. Te desejo e isso é a única coisa que eu sei. Agora o que eu quero é te levar pra casa e ficar com você. Quero só a promessa de que você não vai sair ao primeiro sinal de problemas. Você vai me dar a oportunidade de fazer o certo e não vai se fechar pra mim — peguei

nos ombros dela. — Posso ser compreensivo se você disser pra mim o que precisa. Quero te dar o que você precisar, Brynne.

Passei os polegares pela nuca dela, sentindo a pele macia se magnetizar conforme eu tocava. Depois que comecei a senti-la novamente, não queria desistir dela.

Brynne inclinou a cabeça e fechou os olhos por um instante, se rendendo a nossa atração e me dando um pouco mais de esperança. Ela disse uma palavra. Meu nome.

— Ethan.

— Acho que sei o que é isso também. Basta confiar em mim, que te dou — segurei-a um pouco mais forte. — Me escolhe. Escolhe a gente.

Ela estremeceu. Quando isso aconteceu, também senti o arrepio. Brynne assentiu e murmurou as palavras:

— Tudo bem. Eu prometo que não vou fugir de novo.

Beijei-a devagar, com as mãos segurando o rosto dela. Empurrei minha língua entre os lábios doces, e graças aos céus, ela me deu passagem. *Sim*. Ela me deixou entrar e me beijou de volta, com a língua quente e macia deslizando contra a minha. *A sorte grande*. Sabia que tinha ganho essa rodada — queria bater no feltro, como fazia nas competições de pôquer, e dar um obrigado silencioso para a minha mãe lá em cima.

Em vez disso, continuei a tomar conta da boca de Brynne. Deixei-a saber de tudo naquele beijo, pegando os lábios dela para mim, esfregando-os com meus dentes, tentando chegar mais longe. O quão mais fundo eu fosse, mais difícil seria para ela me deixar de novo. Quando se tratava de Brynne, era assim que a minha cabeça funcionava. Estratégia de batalha – podia fazer isso o dia inteiro. Ela não ia mais fugir de mim, não ia mais se esconder, sem chance. Ela *seria* minha e me deixaria amá-la.

Brynne se derreteu sob meus lábios, ficou meiga e submissa, achou o lugar que procurava e se sentiu confortável ali, assim como fiz ao assumir o controle. Isso funcionava com a gente – muito, muito bem. Me afastei e respirei fundo.

— Vamos pra casa agora.

— O que aconteceu com “ir devagar”? — perguntou ela, calmamente.

— Todas as fichas, querida — murmurei. — Comigo não dá pra ser de outro jeito.

Se soubesse as ideias que eu tinha para o futuro, ela poderia ficar arisca comigo de novo, e eu ainda não podia arriscar. Haveria tempo suficiente para essa discussão mais tarde.

— Mesmo assim, a gente ainda tem muito pra conversar, Ethan.

— Então vamos conversar bastante. *E fazer outras coisas também.*

Brynne se virou no banco do carona e se recostou. Parecia confortável enquanto me observava, manobrando para sair do estacionamento. Ela ficou me olhando durante todo o percurso. Gostava de sentir o olhar dela sobre mim. Não, porra, eu simplesmente amava isso. Adorava que ela estivesse ao meu lado, parecendo me desejar tanto quanto eu a ela. Também a olhei, assim que pude desviar a atenção do trânsito.

— Todas as fichas, né? Acho que vou precisar aprender pôquer.

Eu ri.

— Tô muito dentro dessa. De algum jeito, acho que você vai ser um talento natural, minha querida — arqueei as sobrancelhas. — Começamos com strip pôquer?

— Tava só esperando você mandar essa. Bom saber que você não me desaponta — falou, revirando os olhos.

Sorri e a imaginei se despindo num jogo de pôquer, porque eu iria ganhar todas as jogadas. Imagens muito, muito agradáveis vieram à minha cabeça.

No fim ela pediu para passarmos no apartamento dela, para que pudesse pegar os remédios. Não tinha certeza se eram os anticoncepcionais ou as pílulas para dormir, mas nem pensei em perguntar. A gente precisava dos dois tipos, de qualquer jeito. Então, fiz o que qualquer cara com um pouquinho de cabeça também faria. Levei-a até o apartamento. De novo, me orgulho de não ser um idiota.

Esperei enquanto ela fazia uma mala. Disse a ela que levasse o suficiente para alguns dias. O que queria mesmo era que ela ficasse

na minha casa sem data pra ir embora, mas não acho que esse era o momento mais adequado para tratar do assunto – de novo, minha condição de não idiota falava mais alto.

Quando entramos, meu cérebro foi tomado por lembranças. A parede ao lado da porta da frente estava para sempre marcada na minha memória. A imagem dela, naquele vestido roxo curto e botas, sendo levantada por mim. Jesus, ela tinha sido incrível, montando no meu pau naquela noite, encostada naquela parede. *Eu amo aquela parede foda*. Parede foda. Engraçado. Sorri para mim mesmo por causa dessa piadinha.

— Do que é que você tá rindo agora? — perguntou Brynne, enquanto saía do quarto com a mala na mão, parecendo muito melhor do que mais cedo, quando nos encontramos. A personalidade espirituosa dela estava de volta.

— Humm... Tava aqui lembrando como eu amo a sua parede — dei a ela meu melhor olhar de sobrelha arqueada e peguei a mala da mão dela.

Os lábios adoráveis da Brynne se abriram, numa expressão de surpresa que logo se transformou num riso divertido.

— Você ainda consegue me fazer rir, Ethan, apesar de tudo. É um talento que você tem.

— Obrigado. Gosto de dividir todos os meus talentos com você, — respondi, com segundas intenções, enquanto passava o braço em volta dela para irmos. Ela também deu uma olhada na parede quando passamos ali. — Eu vi isso, garota!

— Viu o quê? — perguntou, inocente. Ela sabia fazer aquela expressão de jogadora de pôquer, impassível. Mal podia esperar para jogar com ela.

— Você olhou pra parede e lembrou de como me fodeu encostada nela.

Brincando, ela me deu uma cotovelada nas costelas enquanto andávamos.

— Claro que não fiz isso! E foi você quem me comeu, não o contrário.

— Que se dane — fiz cócegas e ela se encolheu mais perto do meu corpo. Senti-la de novo nos meus braços era uma delícia. —

Apenas reconheça a verdade, minha querida. A gente teve uma transa épica naquela parede.

Quando finalmente cheguei ao apartamento com Brynne, já era noite sobre a cidade.

No caminho, paramos novamente, dessa vez para comprar um novo celular para ela. Perdemos uma hora nisso, mas era necessário. O antigo ia ficar comigo. Quem quer que tenha ligado procurando pela Brynne Bennett agora teria que lidar comigo.

Talvez eu investigue essa ligação ainda hoje à noite, talvez fale com o Tom Bennett. Não era uma conversa que quisesse ter, mas não poderia evitá-la. *Oi, Tom. Estou comendo a sua filha de novo. Ah, e antes que eu me esqueça, é bom você saber que a segurança dela está completamente por minha conta. Ah, sim, já disse que ela é minha? Minha, Tom. E eu mantenho minhas coisas bem perto de mim e bem seguras.*

Imaginei como ele iria receber essa notícia, mas logo em seguida me dei conta de que não me importava muito. Foi ele mesmo quem colocou Brynne no meu caminho. Agora ela era minha propriedade. Eu me importava com ela. Só queria protegê-la e mantê-la longe de qualquer perigo. Ele teria que lidar com essa situação da mesma maneira que eu.

Fui caminhando até ela, parada perto da janela, observando as luzes da cidade. Na primeira vez que a levei para lá, ela já tinha dito que adorava a vista do meu apartamento. Eu tinha respondido que também adorava uma vista: ela dentro da minha casa e que nada se comparava. Na minha opinião, nada tinha mudado.

Toquei-a com cuidado, minhas mãos sobre seus ombros, meus lábios na orelha dela.

— Que é que você tá olhando aí?

Brynne viu meu reflexo no vidro, então não se assustou.

— A cidade. Adoro as luzes à noite.

— Adoro ver você olhando para as luzes à noite — afastei o cabelo dela para o lado e beijei seu pescoço. Ela inclinou a cabeça para me dar mais espaço e eu respirei fundo, me inebriando com o

cheiro da pele dela, me deixando completamente louco por ela. — É tão gostoso te ter aqui comigo.

Sempre que ela estava por perto, precisava lutar para controlar meu desejo. Era um problema novo que eu nunca tinha encarado num relacionamento. Adorava a parte do sexo – sou um cara e tenho um pau. Nunca tive dificuldade em encontrar garotas. As mulheres gostam do meu visual e, como disse o meu pai, isso deixa as coisas bem mais fáceis, mas não necessariamente melhores. Quando as mulheres vêm atrás de você porque te acham bonito e rico, as coisas logo se reduzem a uma troca bem simples.

Um jantar, um sexo selvagem e talvez um segundo encontro com mais sexo. Depois, adeus. A verdade é que não gosto de me sentir usado, e a experiência que tive com as mulheres nos últimos anos me deixou bem menos interessado nos namoros do que nos encontros sexuais.

Brynne provocava uma reação diferente em mim, e tinha sido assim desde a primeira vez que nos vimos. Ela nunca veio atrás de mim, para começar. Se eu não tivesse escutado pelo fone quando ela disse na galeria que eu era bonito, nem iria saber que ela sequer tinha me notado. Ela pressionava todos os pontos certos em mim e pela primeira vez eu me importava mais com a mulher do que com o sexo com a mulher.

Claro que eu ainda me importava com o sexo, mas era muito diferente. O desejo de dominar tinha aflorado em mim desde que a conhecera, como se ela fosse um catalisador. Na verdade, sabia que ela era. As coisas que desejava fazer com ela que me davam medo, porque não queria – não, não podia – perdê-la por isso.

O que ela me contou essa noite me assustou pra caralho. Também tinha esclarecido o comportamento estranho dela, no início, e me dado algumas respostas sobre os motivos pelos quais ela vivia fugindo.

— Estou feliz também — ela expirou lentamente. — Senti tanta saudade de você, Ethan.

Ela se encostou em mim, com a curva do bumbum encaixando bem no meu quadril. Só a camada fina de lycra do short de corrida

cobria aquela parte deliciosa dela, e meu pau acordou imediatamente, pronto para o trabalho.

Meu Deus do céu! Era tudo o que precisava para começar. A qualquer instante, ela sentiria minha ereção, e aí? Não deveria estar indo para cima dela ainda. Ela estava fragilizada e precisava terminar de me contar a história. Se ao menos eu pudesse dizer isso ao meu pau. Virei o rosto dela para mim e cobri seus lábios num beijo que dissipou toda aquela minha lógica. Mordi e chupei os lábios dela, tentando trazê-la para dentro de mim. O gosto dela era tão bom. Brynne correspondeu, se derretendo toda, e na mesma hora eu soube que não conseguiria mais voltar atrás. Estava precisando tomar posse da minha mulher de novo.

Só um filho da puta ia querer levá-la para a cama e deixá-la nua agora. Logo, eu era um filho da puta.

Bom, poderia viver com isso.

Brynne sempre diz que gosta quando eu sou direto. Ela fala que se sente melhor quando eu digo o que quero, porque pode se preparar. Ela precisava disso de mim.

Então respirei fundo e disse a ela o que queria.

— Quero te levar pra cama agora mesmo. Quero ter você nos meus braços e quero estar... dentro de você — segurei o rosto dela entre as minhas mãos e esperei uma resposta.

[1](#) Trecho da música *Closer*, do Nine Inch Nails. No original, "I wanna fuck you like an animal / You let me penetrate you / You let me violate you".

Capítulo 5

— Quero você também — ela concordou com a cabeça e se esticou para me beijar. — Me leva pra cama, Ethan.

Eram as palavras mais bonitas que eu ouvia em dias. Beijei a boca doce que ela me ofereceu e a peguei no colo, segurando seu corpo com firmeza contra o meu peito.

Ela enroscou as pernas em volta dos meus quadris e enterrou o rosto no meu pescoço. Dei um grunhido alto e comecei a andar. Quando chegamos ao quarto, a visão da minha cama feita, com roupas de cama limpas, nunca tinha sido tão acolhedora. Era *segunda*, dia da Annabella, graças aos céus! Se os lençóis daquela manhã ainda estivessem lá, com as provas da minha ridícula sessão de punheta matinal, não saberia o que fazer. Preciso me lembrar de dar uma boa gorjeta, agradecendo-a por sempre ser tão discreta.

Deitei Brynne na cama de costas e, por um momento, apenas a olhei. Era importante ir devagar nessa hora. Queria acariciá-la e aceitar esse presente que ela estava me dando. Precisava saboreá-la.

O cabelo dela caiu por cima dos ombros e os seus olhos pareciam meio verdes, contra o top azul-turquesa que ela ainda vestia. *Não por muito tempo.*

Comecei pelos tênis. Depois as meias. Segurei os pés dela e fiz uma massagem, antes de deslizar perna acima, pelos quadris, até encontrar o elástico do short dela, na linha da cintura. Meus dedos passaram por baixo dele e puxaram. Até embaixo. Meus olhos acompanharam a pele que ia se revelando, conforme o short descia – umbigo, quadris, barriga, boceta e as pernas longas. Pernas que se enroscavam em mim quando eu ficava dentro daquela boceta linda. *Deus do céu.*

Havia uma razão pela qual minha garota era modelo. *Modelo de nu.* Ela tinha um corpo capaz de me deixar sem palavras. Mas ainda não tinha chegado na melhor parte. Alcancei o top dela. Era coisa rápida também, sem nada por baixo. Queria gritar em triunfo. Os seios se espalharam para os lados, assim que eu tirei a blusa por cima da cabeça dela.

— Brynne... Linda! — Ouvi o som do nome dela sair da minha boca, mas não me lembrava de ter pensado em dizê-lo. Tinha que vê-la nua de novo, para recordar como ela era, para saber que tinha o direito de tocá-la e que ela iria me aceitar. Tinha que ter um pedacinho dela dentro de mim antes que pudesse fazer qualquer coisa. Eu estava realmente desesperado.

Bem devagar, percorri com os lábios a distância entre o umbigo e um seio perfeito. Cobri o mamilo todo com eles e chupei com força. Puxei-a para dentro da minha boca e acariciei a parte de baixo com os dedos. *Tão macio.* Ela se contraiu debaixo da minha língua e, para ser justo, eu precisava dar a mesma consideração ao outro par. Essas duas delícias mereciam tratamento igualitário e partes iguais da minha atenção, com certeza.

Deitada ali, diante dos meus olhos, ela parecia tão entregue, tão sensual. Como num retrato. Mas esse só eu veria. *Isso não é verdade.* A irritação incômoda passou logo, porque consegui afastar para longe da minha mente a ideia de que mais pessoas poderiam vê-la nua. No momento, havia um banquete diante de mim. Era hora de aproveitar.

Precisava sentir aquela carne contra minha língua e meus lábios. Precisava tanto dela, que tremia na hora em que chutei meus sapatos e puxei meu cinto. Me despi rapidamente, ciente de que

Brynn observava cada movimento que eu fazia, seus olhos fixados em mim. Vê-la admirada me deixou tão duro que fez meu saco doer e meu pau queimar. *Só para ela.*

Abaixei na cama, de joelhos, totalmente perdido sobre onde ir primeiro. Ela era um banquete, espalhada ali, com as pernas ligeiramente dobradas, mas sem revelar o que queria ver. Meus impulsos surgiram de algum lugar e as palavras saíram da minha boca:

— Abre e me mostra. Quero ver o que é meu.

Devagar, ela deslizou os pés no colchão, dobrando os joelhos. Prendi a respiração e senti meu coração batendo forte dentro do peito. Ela mexeu uma perna, depois a outra. Só isso. Ela fez o que eu tinha pedido. Submissão perfeita, numa manobra graciosa que fez correr uma onda de desejo até meu pênis, só pelo show que ela fazia. Mas eu estava longe de estar satisfeito. Queria dar uma boa olhada nela, antes de começar o que me tinha sido negado por muitos dias.

— Coloca as mãos pra cima e segura na cabeceira — os olhos dela brilharam de leve e focalizaram na minha boca. — Confia em mim. Vai ser muito gostoso pra você, minha linda. Me deixa fazer do meu jeito.

— Ethan — falou baixinho, mas obedeceu e fez o que eu tinha pedido. Devagar, ela levou os braços para trás da cabeça, cruzou-os na altura dos punhos e agarrou a extremidade do colchão. Jesus, eu adorava quando ela gemia meu nome no meio do sexo. Adorava quando ela falava o meu nome, ponto final.

— Querida! — quando levantou os braços, os peitos dela se mexeram um pouquinho mais para os lados e para cima. Aqueles mamilos perfeitos, cor de framboesa, imploravam pela minha língua. Voltei a eles, chupando e apertando a carne sensível, adorando ver como ela se mexia debaixo da minha boca. Ela se encaixou no mesmo ritmo que eu.

Relutante, tirei os lábios do corpo de Brynn. Com os dedos, segurei um dos mamilos e apertei um pouco, antes de puxá-lo um pouquinho para cima, com um beliscão. Ela gemeu e se arqueou, mas manteve os braços para trás. Apertei o outro e observei quando

ela mexeu um pouco os quadris, abrindo as pernas e me deixando ver melhor ainda aquela parte que eu tinha necessidade de explorar outra vez.

— Você fica tão bonita assim — falei, os lábios encostados na barriga dela, enquanto eu beijava o caminho até o lugar que eu tanto queria ter na minha boca. Primeiro, beijei e gostei da reação. Ela tremeu com o meu toque. Passei a língua nos pequenos lábios, fazendo com que se abrissem como uma flor. *Minha*. Ela contraiu os músculos e gemeu baixinho. Sons baixinhos, delicados, de prazer e desejo. Desejo pelo que eu podia dar a ela. Desejo por *mim*.

— Você é tão linda, Brynne... — murmurei, enterrado nela.

— Você é que faz eu me sentir assim — respondeu ela, baixinho, se abrindo um pouco mais para mim.

— Isso mesmo... Se entrega pra mim, minha linda — beijei os lábios da boceta dela exatamente como faria com os da boca. — Vou te fazer gozar com tanta força que você só vai pensar em mim.

— Por favor, faz, sim...

— A coisa mais sexy do mundo é te fazer gozar só com a minha língua. O jeito que você se mexe. O gosto que você tem. O barulho que você faz quando goza... — grunhi, com a boca na pele dela.

— Ahhhh — gemeu e se mexeu embaixo de mim. *Que som mais lindo*.

Comecei a chupar para valer enquanto ela gritava, arqueando os quadris para se aproximar da minha boca. Segurei-a bem aberta e a devorei, macia e trêmula. Não conseguia parar e não podia diminuir. Meus lábios dentro da boceta de Brynne, minha língua entrando nela, era tudo que me importava. Continuei em cima do clitóris dela, até que a senti explodir.

— Meu Deus, Ethan! — choramingou baixinho, com o corpo tremendo, deixando o orgasmo tomar conta.

— Uh-huh! — gemi, porque mal conseguia falar. — Agora você vai fazer isso de novo.

Fui para cima dela, nossos corpos alinhados com meu pau duro. Estremeci quando o encostei na boceta dela, como se uma carga de eletricidade percorresse todo o meu corpo. Nossos olhos se

encontraram e os dela se arregalaram, um instante antes de meter bem lá dentro.

Enterrei meu pau de uma vez só, num impulso único. Não era capaz de me segurar por mais um segundo que fosse. Brynne deu o gemido mais sexy que eu já tinha ouvido, quando afundei nela. Foda, ela era gostosa – me engolia, apertada e quente, os músculos internos ainda no frenesi do orgasmo. Era uma coisa tão boa que me assustei ao compreender o poder que ela tinha sobre mim. Brynne me prendeu, como vinha fazendo desde o início. No sexo não era diferente. Ela me prendia em todas as horas.

Brynne se mexeu junto comigo, aceitando cada bombada, como se precisasse delas para viver.

— Vou te foder até você ter gozar de novo!

E eu fiz.

Brynne aguentou tudo, cada golpe do meu pênis na sua cavidade tão doce, o som de nossos corpos se encontrando, trazendo-nos para mais perto do clímax. Meu rosto ficou acima do dela, meus olhos a encararam, possuí o corpo dela com o meu. Vi apenas Brynne. Senti apenas Brynne. Ouvi apenas Brynne.

Ela ficou tensa por dentro, rolou os olhos para trás e abriu a boca. Queria isso para mim também. Cobri os lábios dela com os meus e empurrei minha língua para dentro da sua boca. Engoli o grito de Brynne quando ela começou a gozar e dei a ela o meu, quando senti o puxão nas bolas. Isso seria imenso: um sentimento inexplicável, um prazer que vinha de dentro do meu pau e não podia ser descrito em palavras. Só o que tinha a fazer era me perder nela e aproveitar, enquanto caía quase inconsciente com a explosão.

Meu corpo foi desacelerando e continuei enterrado dentro dela, ainda latejando. Não queria sair dali nunca. Como poderia?

O tempo acalmou e a gente só respirava. A simples tarefa de absorver oxigênio já era cansativa demais. Podia sentir o coração dela batendo debaixo do meu peito e os últimos espasmos de prazer nas paredes apertadas da boceta dela, em volta do meu pau. *Bom pra caralho.*

Quando consegui descolar a boca da pele dela, fiquei observando seu rosto, procurando alguma coisa boa naqueles olhos.

Tinha medo do que poderia ver. Da última vez que ficamos tão perto, coisas muito ruins aconteceram nos instantes seguintes. *Ela te disse para sair de dentro dela e foi embora porta afora.*

— Eu realmente amo você — sussurrei, a poucos centímetros do rosto dela, e observei seus olhos ficarem iluminados e molhados. Ela começou a chorar.

Não era exatamente a reação que esperava. Tirei meu pênis de dentro dela e senti o gozo escorrer entre nós. Mas Brynne me surpreendeu novamente. Em vez de se afastar, ela se aninhou nos meus braços, encostada no meu peito, e soluçou baixinho. Ela estava chorando, mas não tentou ir embora. Ela procurou conforto em mim. Me dei conta de que jamais entenderia a cabeça das mulheres.

— Fala pra mim que vai ficar tudo bem... Mesmo que não vá — pediu ela, entre soluços.

— Vai sim, querida. Vou cuidar disso — queria tanto um cigarro que podia até sentir o gosto dele. Em vez disso, abracei-a bem perto e passei os dedos no cabelo dela, acariciando-os até que ela parasse de chorar.

— Por quê? — perguntou, depois de uns instantes.

— O quê? — dei um beijo na testa dela.

— Por que você me ama? — a voz dela saiu baixa, mas deu para ouvir muito bem a pergunta.

— Não posso mudar o que eu sinto, Brynne, assim como não sei o *porquê*. Só sei que você é a minha garota e que tenho que seguir meus sentimentos — ela ainda não era capaz de me dizer o mesmo. Sabia que ela gostava de mim, mas acho que na verdade ela estava convencida de que não merecia o amor. Nem para dar, nem para receber.

— Ainda não te contei o resto da história, Ethan.

Bingo.

— Do que você tem medo? — ela se encolheu nos meus braços.

— Me diz o que te assusta, meu amor.

— De que você desista.

— Desista de amar você? Não, não vou.

— E quando você souber de tudo? Eu sou uma bagunça, Ethan — ela olhou para mim, com os olhos brilhando em várias cores novamente.

— Hum... — beijei a ponta do nariz dela. — Já sei de bastante coisa e não mudou em nada o que sinto por você. Não pode ser pior do que eu. Sério, eu exijo que você pare de se preocupar. E você tá certa. Tá mesmo uma bagunça aqui embaixo, mas fui eu que fiz — deslizei minha mão entre as pernas dela e enfiei os dedos dentro, para sentir o que tinha depositado ali. O homem das cavernas em mim adorava a ideia daquela porra toda derramada dentro dela, mas provavelmente ela não concordava. — Vamos tomar um banho e daí a gente conversa mais.

Os olhos dela se arregalaram com o meu toque, mas ela concordou com a cabeça e falou:

— Isso soa bem.

Rolei da cama e fui ligar a água. Os olhos dela me acompanharam, observando minhas costas. Sabia que era por causa das cicatrizes. Sabia que ela ia me perguntar sobre elas logo, logo. E eu teria que dividir meu passado fodido com ela. Não queria. A ideia de levá-la para dentro daquela merda ia contra todos os meus instintos, mas, ainda assim, nunca mais esconderia algo dela. Isso não era uma opção com Brynne – eu tinha aprendido a lição.

Derramei um pouco de espuma de banho e ajustei a temperatura. Levantei os olhos para apreciar a visão dela entrando no banheiro. Nua e linda, vindo em minha direção. Ela tirava o meu fôlego, ainda que estivesse um pouco magra demais. Me peguei imaginando uma nova rodada sexo pré-histórico, mas afastei a ideia para que a parte racional do meu cérebro conseguisse trabalhar. A gente realmente precisava conversar algumas coisas, e o sexo tinha um jeitinho todo especial para furar a fila das prioridades. *Egoísta safado.*

Peguei a mão dela e ajudei-a a entrar na banheira comigo. Sentei atrás e a coloquei na minha frente, com o bumbum ensaboado tentadoramente encostado no meu pau, que já dava sinais de acordar. Disse a ele que se segurasse e que pensasse na Muriel, camelô que tinha um bigode medonho, caso quisesse mais

uma casquinha da bunda deliciosa da Brynne. Funcionou. Muriel era horrível, talvez nem fosse uma mulher. Talvez nem mesmo humana. Na verdade, tenho certeza de que a Muriel é um alienígena, enviado para cá com a missão de vender jornais e aprender nossa língua. Ainda desejava meus cigarros. Um maço inteiro deles.

Brynne sentiu um cheiro no ar.

— Você fuma aqui dentro?

— Às vezes. — *Preciso parar com isso.* — Mas tenho que parar de fumar dentro de casa, agora que você está aqui.

— Eu não ligo, Ethan. O cheiro das ervas e do cravo é bom, não me incomoda. Mas fumar faz mal pra você, e eu não gosto dessa parte.

— Tô tentando parar — deslizei minha mão pelo braço dela e depois desci para tocar num dos seios que estava bem na linha da água. — Vou ficar melhor com você. Você pode ser a minha motivação, ok?

Ela respirou fundo e concordou com a cabeça. E aí começou a falar.

— Nunca mais voltei pra minha escola. Só faltavam seis meses pra me formar, e eu larguei. Meus pais ficaram chocados só de ver como eu tinha mudado. Não demorou muito até eles saberem do vídeo também. Eles discutiram sobre o que fazer, os dois tinham opiniões bem diferentes sobre isso. Eu nem ligava. Minha cabeça tava em outro lugar, tava muito, muito doente. É difícil admitir isso, mas é verdade. Eu estava completamente destruída emocionalmente, sem a menor chance de lutar contra os meus próprios demônios.

Beijei a cabeça dela por trás e apertei-a mais forte. Sabia de tudo sobre demônios, os filhos da puta que estavam sempre ali.

— Posso saber por que seus pais decidiram não registrar queixa contra os três? Não imagino que fosse difícil prender os caras. Você era menor, eles eram adultos... E havia as provas no vídeo.

— Meu pai queria que eles fossem pra cadeia. Minha mãe ficou com medo da repercussão. Ela achava que a minha reputação de piranha ia jogar o nome da família na lama e destruir a ordem social

das coisas. Provavelmente ela estava certa. Mas de novo, eu não ligava pra nada que ninguém fizesse a respeito. Eu tava perdida.

— Puxa, meu amor.

— E foi aí que eu descobri que eu tinha engravidado...

Gelei com essa parte. *Putá que pariu, que inferno...*

— Isso me levou ao limite. Não conseguia lidar nada bem com isso. Meu pai não tinha a menor ideia do que fazer e começou a conversar com o senador. Minha mãe marcou um aborto pra mim, mas eu simplesmente não aguentava mais. Não queria ter um bebê. Mas também não queria matar nada que estivesse dentro de mim. Só não queria ter que relembrar aquilo tudo, mas era o que todo mundo fazia, o tempo todo. Acho que, se eu me sentisse melhor comigo mesma, teria conseguido resolver algumas coisas, mas se me sentisse melhor comigo mesma, nunca teria ido para aquela festa e não teria ido parar naquela mesa de sinuca.

— Eu sinto tanto... — falei suavemente, mas com firmeza, querendo que ela de fato entendesse como me sentia. — Me escuta, minha linda. Você não pode se culpar por nada do que aconteceu. Você foi vítima de um crime abominável. Não foi culpa sua, Brynne. Espero que você saiba disso agora.

Brynne se encaixou melhor no meu corpo e respirou fundo mais uma vez.

— Acho que agora eu sei, pelo menos na maior parte do tempo. A dra. Roswell me ajudou muito com isso, me ajudou a encontrar meu lugar no mundo, também. Mas na época, eu estava acabada. Sem força para viver. Não conseguia enxergar uma saída pra mim.

Todo o calor que tinha sentido mais cedo foi embora, e me preparei para o que viria em seguida. Como um acidente de trem que a gente não consegue deixar de olhar, eu precisava saber o que tinha acontecido com ela, mas, ao mesmo tempo, não queria saber. Não queria ter que ir com ela a esse lugar escuro.

Ela mudou de posição na banheira e mexeu os dedos na água, conforme começou a falar de novo.

— Nunca me senti tão calma quanto naquele dia. Acordei e sabia o que queria fazer. Esperei o papai sair pro trabalho. Me senti mal por fazer isso na casa dele, mas sabia que a minha mãe nunca

ia me perdoar se fosse na dela. Escrevi cartas de despedida pros dois e deixei em cima da minha cama. Depois tomei um punhado de remédios pra dormir que tinha roubado da minha mãe, entrei na banheira e cortei meus pulsos.

— Não! — senti um aperto no coração e tudo o que podia fazer era abraçá-la, sentir seu corpo quente junto ao meu e ser muito grato por ela estar ali comigo naquela hora. Imaginá-la a ponto de tirar a própria vida, tão nova e sentindo que não tinha outra opção, era um baita choque de realidade. Sabia muito bem como me sentia em relação a Brynne, mas isso me deu um puta medo.

— Mas até nisso eu mandei mal. Fiquei grogue e não cortei fundo o suficiente pra sangrar bem, ou pelo menos foi o que me disseram. Os comprimidos que tomei, esses sim eram perigosos. Meu pai me encontrou a tempo. Ele voltou pra casa na hora do almoço pra ver como eu tava. Falou que desde cedo tava com uma sensação estranha e que decidiu ir lá. Ele me salvou — Brynne estremeceu levemente e virou um pouco mais a cabeça, até encostar o rosto no meu peito.

Obrigado, Tom Bennett.

— Estou tão aliviado em saber que você não conseguiu. Minha garota não podia ser brilhante em tudo — falei baixinho, tentando melhorar o clima, mas essa não era uma conversa para mudar de assunto. Meu papel era ouvir, então beijei os cabelos dela de novo e pus a mão sobre meu coração. — Quando falar com o seu pai de novo, vou agradecer a ele.

— Acordei numa clínica psiquiátrica. A primeira coisa que a minha mãe disse foi que eu tive um aborto e tinha feito uma coisa muito idiota e egoísta, e que por isso os médicos iam me deixar em observação. Ela não lidou bem com nada disso, ficou envergonhada. E agora que tô mais velha, mal posso imaginar o que fiz meus pais passarem, mas a verdade é que ela não queria encarar o que eu tinha feito. Minha mãe ficou só falando como tinha sido uma bênção que a gravidez tinha terminado, como se esse fosse o grande problema. O nosso relacionamento não é fácil. Ela desaprova praticamente tudo o que eu faço.

Brynne suspirou de novo, encostada no meu peito. Continuei tocando nela, como se para me assegurar de que ela estava mesmo ali. Minha garota estava me contando os segredos mais profundos, num banho quente, nua nos meus braços, depois de uma foda e tanto. Eu não tinha do que reclamar. Bom, talvez tivesse, mas não ousaria falar nada para ela. Continuei a jogar água quente sobre os braços e seios dela e pensei no quanto eu reprovava as atitudes da mãe dela. Que tipo de mãe diria uma coisa dessas a uma filha, logo depois de uma tentativa de suicídio?

— Quando tudo terminou, meus pais me mandaram para um lugar bonito no deserto do Novo México. Levou um tempo, mas eu melhorei e aprendi a lidar melhor com o meu passado. Não foi fácil, mas consegui ter algum progresso decente, eu acho. Descobri o interesse pela arte e amadureci.

Brynne fez uma pausa na história, quase como se avaliasse a maneira que eu estava absorvendo os fatos, se já estava chocado ou horrorizado com ela. Ela se preocupava demais. Peguei o pulso dela que tinha as cicatrizes e dei um beijo bem em cima das marcas dentadas. Pequenos riscos brancos desfigurando a pele perfeita, quase translúcida, que deixava ver o tom azul das veias. Só a ideia de cortar aquela pele me deixava triste por tudo que ela teve que suportar.

De repente, tive uma epifania — Brynne tinha tentado se matar mais ou menos na mesma época em que eu estava preso no Afeganistão, à beira...

Ela entrelaçou os dedos nos meus e me trouxe de volta do devaneio, levando nossas mãos até a boca e segurando-as com os lábios. Dessa vez, era a *minha* mão que Brynne estava beijando. Senti uma descarga de calor por todo o meu corpo e tentei aproveitar ao máximo aquela sensação maravilhosa, enquanto durasse, porque esse gesto tinha me deixado emocionado demais para falar.

— Nunca soube que meu pai tinha ido até o senador Oakley e praticamente o chantageado. Ele estava louco, porque quase tinha me perdido e culpava o Lance por tudo. Meu pai queria prestar queixa, mas achou que eu não teria condição de encarar um

juízo. Aí você junta isso à minha mãe, falando pra ele que tinha que deixar de lado pra eu me curar em paz, e ele se convenceu de que tinha que abandonar a ideia de mover um processo. Mas ainda assim, meu pai queria alguma forma de compensação. O senador Oakley só queria varrer a sujeira pra debaixo do tapete, então ele obrigou o filho a se alistar no exército e resolveu o problema quando o Lance foi enviado para o Iraque. Depois, ele deu um jeito de me aceitarem na Universidade de Londres, quando finalmente eu melhorei o bastante para ir embora do Novo México e entrar pra faculdade. A gente escolheu Londres porque era longe de casa e tinha muitas opções para estudar arte. Eu já falava a língua, e a minha tia Marie morava aqui, então não ia ficar completamente sozinha num país estranho, sem ter nem ao menos *um* parente.

— Então o senador sabia onde você estava por todos esses anos? — a situação era uma droga, muito mais complicada do que eu havia imaginado, e os riscos para a Brynne podiam ser enormes.

— Nunca soube disso, até a semana passada — falou baixinho. — Achava que tinha entrado pelos meus próprios méritos.

— Entendo que isso te deixe chateada, mas a sua pós foi conquistada com os seus méritos e a sua capacidade na área. Eu vi como você trabalha e sei que você é brilhante no que faz — mudei o tom da voz para um mais brincalhão e beijei a bochecha dela. — Minha CDFzinha querida.

— CDFzinha? Que gíria mais velha é essa?

— É, acho que vocês hoje em dia falam mais “nerd”, né? Mas é exatamente o que você é. Uma CDFzinha que eu adoro — virei a cabeça de Brynne para mim e me aproximei dos lábios dela para mais um beijo. Sabia que nós dois estávamos nos lembrando da conversa ridícula que tivemos no carro naquela manhã, sobre a professora que daria uma punição ao aluno malcomportado.

— Você é doido — falou, com os lábios nos meus.

— Doido por você — respondi, apertando-a um pouco. — Mas de verdade, o senador Oakley te devia muito mais do que te deu. E não fico nem um pouco contente em saber que ele sabe muito bem onde você está e o que você faz todos os dias.

— Eu sei. Isso me assusta um pouco. Papai falou que o Eric Montrose morreu numa briga de bar esquisita, exatamente quando o Lance estava em casa numas férias do exército. Ele... ele era um deles... Do vídeo, mas nunca mais encontrei com nenhum desses caras depois daquela noite. Nem mesmo o Lance.

O tom de voz dela me chateava, assim como a consciência de que ela estava recordando todos os momentos pelos quais tinha passado nas mãos desses monstros. Tinha ficado realmente feliz que um deles estivesse morto. Isso não me incomodava em nada. Só rezava para que a morte dele não tivesse nada a ver com o vídeo, nem com atos do senador Oakley.

Abri a tampa para a água escoar e ajudei-a a sair da banheira.

— Não vou deixar nada acontecer com você. Não precisa ter medo. Tenho tudo sob controle — sorri e comecei a secar as pernas dela com uma toalha. — Vou conversar com seu pai amanhã e tentar descobrir tudo o que puder sobre o senador.

Enxuguei os braços, as costas e os seios dela, pensando que poderia facilmente me acostumar com isso.

— Você deixa que eu me preocupo com o senador Oakley. Vou mandar alguns caras pra rua, ver o que eles conseguem descobrir de informação. Ninguém vai chegar perto da minha garota sem passar por mim primeiro.

Brynnie sorriu e me deu um beijo muito gostoso no meu lábio inferior. Tinha muita dificuldade em me segurar para não jogá-la em cima da bancada da pia e comê-la de novo, ali mesmo.

A pele da Brynnie tinha um brilho naturalmente dourado, mas estava rosada por causa da água quente, tão linda que era difícil olhar e ficar indiferente. *Não pensa nisso.* Ignorei o desejo e me concentrei em secar as curvas do corpo dela, que definitivamente tinha perdido um pouco de recheio, mas continuava sendo lindo e todo *meu*. Ela ficou parada perto de mim, graciosa, como se a nossa nudez, aquela proximidade, não a afetasse em nada. Me perguntei como ela conseguia fazer isso. Bom, eu tinha uma certa ideia. Afinal, ela era uma modelo que posava nua e estava acostumada. *Não pensa nisso.*

Não me lembrava de jamais ter sido comandado pelo meu pau dessa maneira. Talvez quando era mais garoto, mas nada nesse nível de intensidade, nada que me consumisse como agora. Transar com Brynne era uma necessidade do mesmo patamar de comida e abrigo.

Todo mundo precisa do básico, Brynne. Comida, água... cama.

As emoções que ela provocava em mim eu sequer conhecia antes da noite em que ela entrou na Galeria Anderson, falando bobagens sobre mim e sobre a minha mãe amiga.

Ela puxou a toalha do meu corpo com um sorrisinho sexy e se enrolou nela, cobrindo aquela nudez gloriosa com algodão felpudo cor de creme. Uma pena. Foi para o quarto e eu ouvi gavetas abrindo e fechando. Adorava o som de tê-la por perto, mexendo aqui e ali e se preparando para ir para a cama. Peguei uma toalha para mim e comecei a me enxugar, imensamente grato por poder dormir com ela nos meus braços essa noite.

Capítulo 6

Quando abri os olhos no escuro, senti o perfume da Brynne no ar e sorri ao me dar conta de onde estávamos. *Na sua cama com você.* Tomei cuidado para fazer silêncio e não atrapalhar o sono dela. Ela dormia virada para mim, mas a cabeça estava para baixo, enfiada debaixo do braço. Em transe e satisfeito pela primeira vez em dias, apenas observei a respiração dela por alguns minutos. Queria tocar nela, mas deixei-a dormir. Deus sabe como ela tinha necessidade disso.

Necessidade. Havia tanta necessidade dentro de mim agora. Necessidades que só Brynne poderia satisfazer – e isso me assustava. Há apenas um mês eu sequer imaginava que sentiria isso por alguma mulher, e agora não conseguia imaginar a vida sem ela. Temia que o tempo que passamos separados tivesse me transformado para sempre.

Respirei fundo e preendi o ar. Ainda dava para sentir um leve cheiro de sexo nos lençóis, mas o perfume mais forte era o dela, limpo, floral, que me intoxicava. Me intoxicava agora tanto quanto tinha me intoxicado na primeira noite em que nos vimos. O perfume dela era tão bom que eu odiava ter que sair da cama, mas levantei com cuidado e vesti um moletom e uma camiseta qualquer.

Atravessei a grande sala em direção à entrada do escritório, deixando a porta do quarto com uma frestinha aberta, caso Brynne acordasse com um pesadelo. Precisava fumar um cigarro, e também tinha que falar com o pai dela.

— Tom Bennett — o sotaque americano do outro lado da linha me lembrou o quão longe da família Brynne estava, embora – é preciso reconhecer – adore o fato de ela considerar Londres a sua casa agora.

— Aqui é o Ethan — dei uma longa tragada no cigarro.

Um segundo de silêncio e, em seguida, uma avalanche de perguntas apressadas:

— Brynne tá bem? Que é que aconteceu? Onde é que ela tá?

— Não aconteceu nada, Tom. Brynne tá dormindo agora, em perfeita segurança — traguei de novo.

— Você tá com ela? Peraí. Ela tá na sua casa agora? — o silêncio ficou pesado e assustador, enquanto Tom Bennett imaginava exatamente o que eu estaria fazendo com a filha dele. — Então vocês conseguiram se entender. Olha, eu sinto muito por aquele telefonema...

— Você sente muito? — interrompi — E sim, Brynne tá comigo no momento, e eu tenho a intenção de mantê-la sempre bem perto de mim, Tom.

Apaguei meu cigarro e decidi não acender outro antes de terminar essa conversa.

— Só pra você saber também, não vou pedir desculpas por ficar com ela. Você armou isso tudo. Sou apenas o cara que se apaixonou por uma garota linda. Não dá pra evitar, né?

O Tom fez um som que eu traduzi como frustração. Tinha que dar a ele um crédito por não explodir comigo, mas talvez ele fizesse isso no futuro.

— Olha, Ethan. Só quero que minha filha fique segura. A Brynne toma as próprias decisões em relação a quem ela quer namorar. Quero manter esses bandidos longe dela. Evitar que ela tenha que lembrar daquela merda toda. Você não faz ideia do quanto ela sofreu. Ela quase se destruiu.

— Eu sei. Ela me contou tudo hoje à noite. Tenho algumas coisas pra te dizer também.

— Vai em frente — falou, impaciente.

— Primeiro, quero te agradecer por ter seguido os seus instintos e ter voltado pra casa na hora do almoço naquele dia. E segundo, quero te perguntar uma coisa — fiz uma pausa para dar mais efeito.

— Que merda você estava pensando que não me contou o que tinha acontecido com a sua filha? Conhecimento é poder, Tom. Como você acha que eu posso proteger a Brynne sem saber o que eles fizeram com ela? O que ela me descreveu não foi um vídeo indiscreto de sexo, como você fez parecer; foi um crime cometido por três adultos contra uma menina de 17 anos.

— Eu sei disso. Não queria quebrar a confiança dela e abrir detalhes pra você ou pra qualquer pessoa. Contar ou não essa história é um direito dela.

Foda-se. Acendi mais um cigarro.

— Você omitiu que o senador foi quem arrumou a bolsa dela na Universidade de Londres. Ele sabe exatamente onde é que ela tá, e sabe disso há anos.

— Sei disso e, de novo, só queria deixar Brynne o mais longe possível dessa gente! Tenho a perfeita noção de que essa situação pode se transformar num desastre e deixar minha filha numa posição péssima! Agora você entende por que eu preciso de você? Essa coisa toda teria caído em esquecimento se não fosse pelo acidente com o avião. Quem imaginaria que o Oakley pudesse ser candidato a vice-presidente?

Dei um suspiro sonoro.

— Tô no pé dele e, por enquanto, não achei nenhuma sujeira pipocando por aí sobre o cara. O filho dele é um problema, mas a caixa-preta do senador parece limpa.

— Bom, eu não confio nele. E agora um daqueles bandidos saiu de cena! Tudo o que o senador mais quer é que essa história fique bem enterrada, e a minha filha tá bem no meio dessa merda! Isso eu não posso aceitar.

— Você tá certo, e eu tô de olho em todos eles, acredita em mim. Tenho alguns contatos nas Forças Especiais e eles estão

investigando a ficha militar do filho. Se aparecer qualquer coisa lá, vou descobrir. Só tenho uma perguntinha: Brynne me disse que a única pessoa que dava para identificar no vídeo era ela. Que os outros ficavam fora do foco, e que tinha uma música que abafou as vozes...

— Eu assisti. Eu vi o que eles fizeram com a minha menina. — O homem soava arrasado.

Fechei os olhos e desejei que as imagens desaparecessem. Não conseguia me imaginar no lugar dele, tendo visto todo o horror e não ter tentado matar quem a feriu. No meu mundo, Tom Bennett ganhou uma estrela por não ter se transformado num assassino.

Limpei a garganta para poder falar de novo:

— Tem mais uma coisa que você precisa saber sobre mim.

— O quê?

— Agora ela está sob minha responsabilidade. Eu tomo as decisões e faço os contatos com o pessoal do Oakley, quando e se houver necessidade. Brynne é uma mulher adulta e a gente tá junto. E se você tá preocupado com os meus motivos pra te falar isso, não precisa. Eu amo a Brynne, Tom. Vou fazer o que for preciso para garantir que ela fique segura e feliz — dei uma última tragada no cigarro e deixei ele absorver minhas palavras.

O Tom suspirou antes de responder:

— Tenho duas coisas pra dizer. Como cliente que precisa de você, concordo com tudo, de coração. Sei que você é o cara certo pra esse trabalho. Se tem alguém que pode ajudar a Brynne nessa bagunça, é você — fez uma pausa e eu pude imaginar o que viria em seguida. — Mas como um pai que ama a sua filha – e você só vai entender isso quando tiver uma também – digo que, se você partir o coração dela, eu vou te pegar, Blackstone, e vou esquecer que já fomos amigos um dia.

Sorri, sentado na minha cadeira, contente por ter tido essa conversa.

— Nada mais justo, Tom Bennett. Posso viver com esses termos.

Falamos um pouco mais e ouvi toda a história dos Oakley de São Francisco. Combinei de nos falarmos novamente em pouco

tempo, para mantê-lo a par de qualquer desdobramento, e desliguei o telefone.

Fiquei um pouco mais ali na minha mesa, anotei algumas coisas e mandei uns poucos e-mails antes de fechar o notebook. Quando acendi a luz, vi que o Simba estava nadando feito louco, no aquário atrás de mim. Voltei e joguei uma comidinha para ele, antes de sair para a varanda para sentar um pouco.

Passei pelo quarto e não ouvi nenhum barulho. Queria que a Brynne dormisse bem. Nada de pesadelos para a minha garota. Ela já tinha passado por coisas demais por uma vida só.

O céu estava iluminado por milhares de estrelas naquela noite. Não era sempre que elas brilhavam tanto, e me dei conta de que fazia tempos que não sentava ali fora. Acendi mais um. Mas esse não contava. Quando fumo do lado de fora, ninguém precisa saber. Com Brynne aqui, não queria mais fumar dentro de casa mesmo.

Cruzei as pernas em cima do pufe e me recostei na espreguiçadeira. Deixei os pensamentos viajarem por tudo que tinha acontecido no dia. Pensei na história trágica da Brynne e em como as coisas tinham mudado. Para nós dois. É... nossos tempos de escuridão eram como um universo paralelo. Ela tinha 17, e eu, 25. Os dois em péssima situação. Me senti mais conectado com ela do que nunca, sentado aqui sozinho, tragando tabaco e cravo para dentro dos meus pulmões.

Já fumei Dunhills. Era minha marca preferida, top de linha. Gosto de coisas boas, então não seria diferente com os cigarros. Mas tudo mudou no Afeganistão. Muitas coisas mudaram depois de lá. Absorvi a nicotina que meu corpo desejava e olhei para as milhares de estrelas que brilhavam lá no alto.

... Todos os guardas fumavam tabaco com cravo, enrolados à mão, imperfeitos e deliciosos. Todos os rebeldes filhos da puta tinha um desses pendurado nos lábios, enquanto executavam as tarefas, de espancamentos a torturas mentais. E o cheiro? Era uma dádiva celestial. Sonhava com isso nos primeiros dias de prisão. Sonhava com o cheiro doce do cravo, misturado com o tabaco, até ter certeza de que morreria antes de provar um. As surras e os interrogatórios só começaram mais tarde. Acho que eles não se deram conta logo

do que tinham capturado. Mas eles não demoraram muito a perceber, não. Os afegãos queriam me usar como moeda de troca para negociar a libertação de outros deles. Foi o que entendi da conversa que ouvia, quase sem sentido. No entanto, estava totalmente fora do meu alcance. A política do governo era não negociar com terroristas, então sabia que eles ficariam bem decepcionados. E sabia também que eles iam descarregar todas as frustrações em mim. O que realmente fizeram. Frequentemente me perguntava se eles sabiam como eu tinha quase desistido no início. Sentia uma culpa terrível por saber a verdade e era um alívio nunca ter sido obrigado a escolher, mas houve alguns interrogatórios (se é que se pode chamá-los assim) em que eu teria cantado como um canário se tivessem me oferecido um daqueles cigarros de cravo, doces, perfumados, deliciosos. Foi meu primeiro pedido, assim que saí do cativeiro. O militar americano que me encontrou disse que eu estava em choque. Eu estava... E não estava, acho. Acho que ele é que estava em choque por ver alguém sair vivo do que sobrou da minha prisão, depois do bombardeio que derrubou tudo (e pelo qual eu agradei demais a ele). Mas eu estava realmente em choque por perceber, naquele instante, que a minha sorte tinha mudado. Finalmente, tinha tido boa sorte. Ou a boa sorte tinha finalmente me encontrado. Ethan Blackstone era um homem de sorte, muita sorte.

Uma sombra se mexeu, na luz fraca que vinha de trás de mim, e chamou minha atenção. Virei a cabeça e meu coração derreteu dentro do meu peito ao ver Brynne de pé do outro lado da porta de vidro, olhando para mim. Nos encaramos durante um ou dois segundos até que ela abriu a porta e saiu.

— Você tá acordada.

— Você tá aqui fumando.

Botei o cigarro no cinzeiro e abri os braços para ela.

— Você me pegou.

Brynne veio até mim, com uma linda carinha de sono, vestindo uma camiseta azul clara e uma cueca minha. *E nada embaixo dela.* Puxei-a para baixo, para mim, e ela sorriu um pouco. Dobrou as pernas longas e sentou no meu colo, passando uma por cada lado. Segurou meu rosto com as duas mãos.

— Você tá tão fodido, Blackstone! — os olhos dela se mexeram cheios de curiosidade, como se tentassem me ler. Sabia que era isso o que ela estava fazendo e desejei ser capaz de ver o que ela estava pensando. Só o fato de sentar no meu colo e segurar meu rosto já me deixava arrepiado, mas era vê-la relaxada e feliz depois de acordar que realmente me agradava.

— Hummmm, você pode me punir, se quiser.

Ela se encolheu em mim e passou meus braços em volta dela.

— No que você tava pensando? Você parecia tão longe daqui, fumando escondido no meio da madrugada.

Respondi com os lábios encostados no cabelo dela, passando a mão para cima e para baixo nas costas dela.

— Tava pensando na sorte. Ter sorte. Ser uma pessoa de sorte.

— Era a verdade e a razão pela qual ainda respirava, mesmo que não pudesse dividir essa parte com ela ainda. Eu queria, mas não sabia sequer por onde começar esse relato para Brynne. Ela não precisava de mais merda em cima do que já tinha que carregar por aí.

— E você tem? Sorte?

— Não tinha. Mas aí o destino mudou pra melhor um dia. Aproveitei a bênção que tive e comecei a jogar cartas.

Brynne passou suavemente os dedos por cima do meu peito, provavelmente sem saber o efeito que tinha em mim.

— Você ganhou um monte de torneios. Meu pai contou que foi assim que ele te conheceu.

Concordei, balançando a cabeça, com os lábios ainda colados no cabelo dela.

— Gostei muito do seu pai quando a gente se conheceu. Ainda gosto. Falei com ele hoje à noite.

— E como foi isso?

Sua mão parou em meu peito por um instante, mas depois voltou a me acariciar.

— Mais ou menos como eu imaginei. Os dois falaram o que precisavam e colocamos as coisas nos eixos. Ele sabe sobre a gente. Eu contei. Ele quer a mesma coisa que eu, que você fique segura e feliz.

— Mas eu me sinto segura com você. Sempre me senti. E sei que meu pai te respeita muito. Ele contou que teve que insistir pra você pegar o meu caso — ela fez um barulhinho, com a boca encostada no meu peito. — Eu só queria que ele tivesse me contado. Preciso saber de tudo que tá acontecendo, Ethan. Nunca mais eu posso voltar a ser a vítima que não sabe de nada. Os segredos só me fazem mal, eu não consigo suportar isso agora. Vou querer sempre saber de tudo. Ter acordado naquela mesa, sem saber quem ou quê... Não posso...

— Shhhh, eu sei — interrompi, antes que ela ficasse muito mexida. — Me dou conta disso agora.

Virei o rosto dela. Queria ver os olhos dela quando falasse a próxima parte. Ela estava absolutamente linda, olhando para mim, deitada no meu peito, sob aquele céu estrelado. Os lábios dela pediam um beijo, e eu queria estar dentro dela de novo, mas me forcei a falar.

— Eu sinto muito por ter guardado segredos. Compreendo por que você precisa de transparência. Eu entendo e prometo que daqui pra frente vou te contar tudo, mesmo que eu ache que você não vai gostar de ouvir. Sei também que foi difícil pra você me contar essa história toda hoje à noite, mas quero que você saiba que tô muito orgulhoso. Você é tão forte, adorável e brilhante, Brynne Bennett. Minha linda garota americana — passei o polegar nos lábios dela.

Brynne sorriu com o canto da boca.

— Obrigada — murmurou.

— E você sabe qual é a melhor parte?

— Qual?

— Você tá aqui comigo. Aqui e agora, e eu posso fazer isso — enfiei a mão debaixo da blusa dela e segurei um dos seios, tão macio, enchendo a minha mão com aquele peso delicado. Sorri para ela. O tipo de sorriso que eu posso sentir no meu rosto, que eu só mostro a ela e a uma pequena lista de pessoas.

— Tô mesmo. E mais, tô feliz de estar aqui com você, Ethan. Você é a primeira pessoa que me faz esquecer — a voz dela ficou mais suave e, ao mesmo tempo, mais clara. — Não sei por que dá certo com você, mas dá. Por muito tempo eu não conseguia ter

nenhuma intimidade com ninguém. Mesmo quando eu tentava, era muito difícil.

— Isso não importa mais, minha linda — interrompi. Não gostava nem mesmo de imaginar Brynne com outro cara. Outro homem vendo a minha namorada nua, tocando-a, fazendo-a gozar. As imagens me deixavam louco de ciúmes, mas o que ela tinha acabado de falar também me deixou muito feliz, ao mesmo tempo. Eu era a primeira pessoa com quem ela tinha conseguido esquecer. *Aí, sim!* E eu ia dar meu jeito para ser também a última pessoa de quem ela se lembre.

— Agora eu tenho você, e me apoio em você e nunca quero deixa-lo ir.

Brynne gemeu para mim e vi que seus olhos se incendiaram quando apalpei o outro seio e segurei o bico durinho. Ela tinha mamilos que eu adorava devorar. E fazer com que ela me desejasse. Essa era a minha verdadeira motivação, honestamente. Fazer a Brynne *me* desejar era uma obsessão.

Afastei os cabelos dela e baixei meus lábios para tocar o pescoço. Adorava o gosto da pele da Brynne e a maneira como ela reagia ao meu toque. A gente tinha química, eu sabia disso desde o começo. Ela já estava se arqueando na minha direção, como se oferecesse mais ainda o seio para mim. Belisquei o bico e delirei com o gemido que ela soltou quando fiz isso. Sabia aonde isso ia parar, ou pelo menos aonde eu queria chegar. *Eu me mexendo dentro dela, a fazendo gozar, ela com aquele olhar delicioso depois do clímax.* Vivia para ver esse olhar. Esse olhar me levava a agir de uma forma que eu jamais tinha considerado agir com mulher nenhuma.

Ela começou a se mexer no meu colo. Os quadris se esfregaram no meu pau, que já estava muito duro embaixo da fina camada de tecido da calça do pijama e me faziam imaginar todo tipo de sacanagens que queria experimentar. Caramba, eu realmente queria tentar umas sacanagens com ela.

Deslizei minha mão coxa acima, por dentro da cueca de seda que ela vestia, direto na boceta dela. Caminho livre. Tão molhada que só podia mesmo ir em frente. Ela gemeu quando toquei no clitóris e comecei a massagear aquele carocinho que eu queria

maltratar com o meu pau. Ela me desejava. Eu fiz a Brynne me desejar. Se for isso o melhor que eu puder fazer por ela por enquanto, vou me contentar. Mas ainda quero mais. Muito mais.

Afastei a boca do pescoço de Brynne, tirei a mão da boceta e a fiz levantar para ficar de pé em frente a mim. Continuei na espreguiçadeira e olhei para ela.

— Tira a roupa pra mim.

Ela vacilou um pouquinho, me olhando com uma expressão que eu não conseguia ler. Não sabia o que ela faria, mas não me importava. Eu ia descobrir de qualquer maneira, e só o suspense já me deixava duro como aço.

— Mas a gente tá aqui fora... — Virou-se para olhar a varanda e depois se voltou para mim.

— Fica pelada e monta em cima de mim — ela começou a respirar mais pesado. Eu continuava sem saber o que ela ia fazer, mas pedi mesmo assim. Brynne gostava de quando eu era direto. — Ninguém tá vendo. Quero foder aqui e agora, debaixo das estrelas.

Ela me encarou com aqueles olhos que tinham uma cor indefinível e levou as mãos para a bainha da camiseta. De um golpe só, ela passou a peça pela cabeça, mas ficou com ela na mão por alguns instantes antes de jogá-la no chão da varanda. Essa demora e o olhar que ela me lançou eram sexy demais. Minha garota sabia brincar desse jogo. Ela também tinha os peitos mais maravilhosos do mundo.

Em seguida, ela partiu para o cós do short e enfiou os polegares por trás do elástico. Salivei quando ela começou a baixá-lo. Graciosa, ela dobrou o corpo e tirou a cueca, deixando aquele pedaço de pano cair no chão. Ficou de pé em frente a mim, completamente nua, as pernas ligeiramente afastadas, o cabelo bagunçado de quem acabou de acordar, e aguardou que eu dissesse o que fazer em seguida.

— Meu deus, olha só pra você. Nada que dissesse poderia mudar o que eu sinto ou me fazer te desejar menos — meu pau latejava, louco para gozar nela. — Pode acreditar.

Sua expressão era de alívio. Brynne ainda tinha muitas dúvidas sobre como o passado dela poderia mudar meus sentimentos. *Tenho*

que me concentrar em mostrar que, para mim, uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Vem aqui, linda.

Ela veio até mim e subiu novamente no meu colo, dobrando as pernas e se encaixando exatamente em cima do meu pênis, com apenas uma camada de tecido nos separando. Primeiro, fui para os seios, pegando um com cada mão e apertando. Eles cabiam exatamente nas minhas mãos, as enchiam perfeitamente, sem transbordar. Eram um peso suave que alimentava o desejo de exigir uma outra parte do corpo dela para mim. *Perfeitos.*

Quando mordi um dos mamilos, a Brynne virou o corpo para trás. Não fiz com força, só o suficiente para dar uma pequena fisgada e, em seguida, vê-la dar um glorioso gemido quando acalmei a dor com a língua. Imaginei como seria se ela usasse grampos nos mamilos. Aposto que poderia levá-la ao orgasmo. Na verdade, sabia muito bem que podia. Seria algo magnífico de assistir, quando acontecesse. Mordi e chupei o outro seio e senti o corpo dela se enrijecer, se jogando para trás nos meus braços, toda aberta, quente e linda.

Precisava entrar nela. Sentir Brynne gozar em volta dos meus dedos ou da minha língua ou do meu pau era uma sensação indescritível, na qual eu já estava viciado. Desci a mão pelas costas dela, deslizando-a sobre a bunda e fazendo uma trilha, indo mais para baixo, até alcançar, por trás, a vagina molhadinha. Ela suspirou quando meus dedos encostaram nela e gemeu mais alto quando eles entraram bem fundo lá dentro.

— Você é minha — cochichei a centímetros do rosto dela. — Essa boceta é minha. O tempo todo. Seja com meus dedos, minha língua ou meu pau.

Brynne grudou os olhos em mim, enquanto meus dedos faziam seu trabalho. Tomei conta da boca toda e enfiei minha língua o mais fundo que pude, beijando-a no mesmo ritmo em que mexia no meio das coxas dela. Aquelas coxas lindas, escancaradas em cima do meu colo, só porque eu mandei.

Estava tão em transe que não sei se fui muito duro com ela, mas não tinha como me segurar. Ela não reclamou; se tivesse, eu

teria parado. Cada resposta, cada som, cada suspiro, cada movimento em cima do meu pau, tudo me dizia que ela estava gostando. A Brynne curti que eu dominasse quando a gente fazia sexo, e eu a amava exatamente como ela era comigo.

Segurá-la desse jeito, com o braço atrás da bunda dela, forçando-a para mais perto de mim, era uma coisa que eu precisava fazer. Queria que ela entendesse que não ia mais deixá-la ir embora. Não ia deixá-la.

Talvez fosse esse o desejo dentro de mim, de possuí-la. Sempre gostei de ter controle durante o sexo, mas não desse jeito. Brynne fazia alguma coisa comigo que eu sequer entendia. Nunca tinha me sentido assim antes. *Somente com ela.*

Afastei o peso do corpo de Brynne de cima dos meus quadris. Ela entendeu a ideia e se levantou o suficiente para eu conseguir tirar a minha calça. Não era o truque mais fácil de todos, mas necessário, se eu queria meter nela. Ela parecia concordar. Segurei meu pênis em pé e ordenei, num fôlego só:

— Aqui. Me fode com gosto!

Na verdade, acho que uma ou duas lágrimas surgiram nos meus olhos quando ela deslizou sobre mim e começou a se mexer. Pelo menos, eu quis chorar. Senti meus olhos se encherem de água no primeiro momento em que senti a boceta dela apertando meu pau, com todo seu calor, e depois, durante todo o tempo em que ela me montou, para cima e para baixo, me fodendo até eu quase perder a consciência. E depois de novo, quando gozei dentro dela. Consegui que ela tivesse outro orgasmo, massageando o grelhinho dela, e curti cada arrepio e gemido que ela deu, até vê-la atingir o clímax, um instante depois. Ela gozou com intensidade, com a boceta em volta do meu pau. Mas o melhor foi ouvir o meu nome saindo daqueles lábios enquanto tudo acontecia. *Ethan...*

Quando ela se desmontou em cima de mim, meu pênis ainda estava em espasmos, enterrado dentro dela, abalado pelas convulsões dos músculos internos do seu órgão sexual. Podia ficar ali para sempre.

Ficamos abraçados, sem querer separar nossos corpos. Continuamos na varanda por um tempo. Eu a trouxe para perto e

fiquei fazendo carinho, para cima e para baixo, seguindo a linha da coluna. Ela fungou, encostada em meu peito. Não fazia frio, apesar de estarmos do lado de fora no meio da noite. Mas ela estava completamente nua, então puxei uma manta de cima da outra espreguiçadeira e joguei por cima dela.

Pela primeira vez, compreendi o que as pessoas querem dizer quando falam que choraram de felicidade.

Capítulo 7

— Vai lá e escolhe uma gravata que você goste pra eu usar hoje — falei. Da porta do closet, Brynne sorriu e desapareceu lá dentro.

— Bom, eu adoro as roxas, mas acho que vou ficar com essa — anunciou, trazendo uma gravata azul na mão. Ela enlaçou meu pescoço com o pedaço de seda — combina com seus olhos, e eu amo a cor deles.

Amo quando você usa a palavra amo para se referir a qualquer coisa que tenha a ver comigo.

Fiquei observando a expressão dela enquanto tentava dar o nó, mordendo de leve o cantinho do lábio inferior, toda concentrada; eu amava receber toda essa atenção de Brynne, mas não gostava nem um pouco de notar que ela obviamente já tinha treinado isso com outra pessoa. Ela já ficou assim, de frente para outro cara, e deu o nó na gravata dele. Eu tinha certeza. Tentei não visualizar a cena numa manhã, porque seria pior: ela teria passado a noite chupando o filho da puta. Andava louco de ciúmes. Nunca fui um cara ciumento com nenhuma das garotas com quem tinha saído, mas Brynne não era só uma garota para mim. Brynne era *a* garota. *Minha* garota.

— Amo que você esteja aqui, fazendo isso pra mim.

— Eu também — sorriu para mim, antes de se concentrar de novo na tarefa.

Havia tanto mais que eu queria dizer, mas não falei nada. Pressionar nunca funcionava, tinha aprendido isso da maneira mais difícil. Mesmo assim, era duro manter as coisas devagar. Não queria ir devagar com ela. Queria ir rápido, intensamente, o tempo todo. *Graças a Deus não disse isso em voz alta!*

— Quais são seus planos pra hoje, srta. Bennett? — eu perguntei, em vez disso.

— Vou almoçar com alguns colegas da faculdade. Cruze os dedos! Tenho que começar a pensar em como vou tirar o visto de trabalho, e pode ser que eles tenham alguma coisa pra mim. Como uma vaga de restauradora num museu — ela acabou de fazer o nó e me deu um tapinha. — Pronto. O senhor está muito elegante com a sua gravata azul, sr. Blackstone.

Dei um beijinho nela bem de leve. Ela abriu os olhos e apertou-os, parecendo um pouco decepcionada.

— Queria mais, né? — adorava implicar com ela e fazê-la rir.

Brynnie fingiu que nem se importava.

— Ah, nem — respondeu, dando de ombros. — Seus beijos são totalmente dispensáveis. Posso passar muito bem sem eles.

Ri da cara que ela fez e apertei a cintura, fazendo cócegas.

— Ainda bem que seu trabalho é conservar pinturas, porque se precisasse mentir pra sobreviver, estava ferrada. Você mente mal pra cacete — ela riu e tentou escapar. Passei os braços em volta dela e abracei-a bem perto de mim. — Você não tem como fugir.

— E se eu não quiser fugir?

— Tá bom também — respondi, dando um beijo de verdade nela em seguida. Fui devagar e com cuidado, saboreando essa manhã juntos, antes de nós dois irmos trabalhar. Ela se derreteu em meus braços de um jeito tão delicioso que me forcei a lembrar que precisava trabalhar e que não daria tempo de levá-la para a cama. A parte boa era saber que estaríamos de volta ali no fim do dia e que eu poderia realizar o que a minha imaginação quisesse.

Dei mais alguns beijos de despedida nela antes de irmos cada um para um lado: esperando o elevador, na garagem e quando a

deixei na Rothvale. Esses são os benefícios de ter na vida alguém de quem você queira tanto estar perto. De novo, sou um homem de sorte, muita sorte. Ainda bem que sou inteligente o suficiente também para perceber isso.

Entrei pela portaria principal depois de deixar o carro na garagem, porque queria comprar todos os jornais americanos que conseguisse encontrar e depois esquadrinhá-los com cuidado. Todos teriam centenas de notícias sujas sobre política, mas a briga mais direta entre os candidatos ainda não era o foco principal. As eleições presidenciais nos Estados Unidos aconteciam só em novembro, então ainda faltavam cinco meses de campanha. Senti um aperto de angústia, mas ignorei. Não podia falhar na missão de proteger Brynne. Não permitiria nenhuma falha.

Muriel sorriu para mim quando paguei pelos jornais. Tentei não me arrepiar com a visão dos dentes dela.

— Toma aqui, meu amor — falou, estendendo o troco na mão suja. Decidi que ela precisava mais daquelas moedas do que eu precisava pegar uma doença naquela sujeira.

— Pode ficar — olhei dentro dos olhos verdes dela, surpreendentemente belos, e balancei a cabeça. — Vou precisar desses jornais americanos todos os dias, se você já quiser se preparar e separar pra mim.

— Você é um amorzinho, é mesmo. Vou trazer sempre. Bom dia pra você, bonito — ela piscou e me revelou mais um pouco dos dentes medonhos. Tentei não encarar, mas acho que a Muriel podia mesmo competir comigo no quesito barba. Coitada.

Quando cheguei ao escritório, comecei a investigação de verdade. Escutei a mensagem que o tal homem havia deixado para Brynne. Repeti várias vezes. Americano, não ameaçador, nada na pergunta dele entregava o que ele de fato sabia. *“Alô. Aqui é o Greg Denton, do Washington Review. Tô tentando encontrar uma tal de Brynne Bennett que estudou na Union Bay High School, em São Francisco.”*

A mensagem dele era prática, curta e deixava os contatos para ela ligar de volta. O registro de chamadas mostrava que ele só ligou uma vez, então havia uma boa chance de que não soubesse de muita coisa, nem mesmo se a Brynne era a pessoa certa para procurar.

Sem dar muitos detalhes, pedi a Frances que descobrisse o que pudesse sobre Greg Denton, do *Washington Review*, e também que desse uma boa lida nos jornais que tinha comprado.

Tinha acabado de me sentar, de olho na gaveta em que eu guardava os cigarros, quando o Neil entrou na sala.

— Você parece bem... bem mais humano hoje, cara — se sentou na cadeira e ficou olhando para mim, com certo sorriso nos lábios.

— Nem começa.

— Tá bom — sacou o celular e mexeu nos botões, parecendo ocupado. — Não vou falar que sei quem passou a noite com você ontem. E definitivamente não vou comentar que vi vocês pela câmara de segurança, se pegando enquanto esperavam o elevador hoje de manhã.

— Vai se foder!

O Neil riu de mim.

— Porra, cara, a empresa toda tá feliz. Agora vai dar pra todo mundo respirar de novo sem medo de ser esquarterado. O chefe conseguiu a garota de volta. Louvado seja Deus! — olhou para cima e levantou as mãos para o céu. — As últimas semanas foram foda.

— Queria só ver como que você ia ficar se a Elaina de repente decidisse que não queria mais ver a sua cara — dei uma cortada nele com um sorriso falso e aguardei a mudança de atitude. — O que, aliás, sempre pode acontecer, você sabe, já que eu conheço todos os seus segredos vergonhosos.

Funcionou muito bem. O Neil perdeu a pose de malandro em meio segundo.

— Tá todo mundo muito feliz por você, cara — completou, num tom de voz mais baixo. Eu sabia que era de verdade.

— Como é que tá indo a investigação nos arquivos militares do tenente Oakley? — não resisti e peguei um maço de cigarros na gaveta.

— Ele tem feito um monte de coisa bem suja com os iraquianos e se dando bem com isso, mas não sei dizer por quanto tempo vão conseguir manter isso abafado. Acho que o senador deve estar aliviado pelo filho estar se metendo em confusão no Iraque, e não num lugar mais perto da campanha para a eleição.

Grunhi qualquer coisa, concordando com ele, e dei a primeira tragada do dia. O cravo dava um tranco, mas já estava acostumado. Depois era só deixar a nicotina fazer seu trabalho e me sentir culpado pelo que eu estava ingerindo.

— Então você acha que ele vai seguir carreira? — exalei a fumaça para longe do Neil.

— Acho que não.

— Por que não? — Neil tinha os instintos mais aguçados que eu conhecia. Ele não era somente um empregado, nem de longe. O Neil era muito, muito mais. Nós crescemos juntos, fomos para a guerra, sobrevivemos naquele inferno. Voltamos juntos para a Inglaterra, conseguimos crescer no meio do caminho e abrir um negócio bem-sucedido. Eu confiava nele a minha vida. Isso significava dizer que eu confiaria também a da Brynne. Ficava feliz que ela gostasse dele, porque tinha a sensação de que precisaria ter alguém tomando conta dela sempre que saísse. Brynne ia detestar tanto isso... Mas, por mais que ela odiasse a ideia de ter um segurança, nunca descontaria no Neil. A minha garota era gentil demais para fazer uma coisa assim.

Também não podia me enganar – amigo ou não, era bom que o Neil já estivesse com alguém, porque, se ele fosse solteiro, não seria a minha primeira opção. Ele era um cara bonito.

— Bom, essa é a parte interessante. Umas semanas depois do acidente com o avião, o tenente Oakley recebeu uma ordem para estender seu turno no Iraque. Pelo que pude apurar, os Estados Unidos já tinham parado com essas extensões há mais de um ano, e só uns poucos ainda estão valendo.

— Você tá pensando a mesma coisa que eu?

Neil fez que sim com a cabeça.

— Assim que o senador descobriu que seria a nova esperança para vice-presidente, deu um jeito de o filho ficar mais tempo por lá.

Estalei a língua, concordando.

— É, parece que o senador conhece o filho muito bem e achou que quanto mais longe pudesse mantê-lo da campanha, mais chance de se eleger — recostei na cadeira e dei uma tragada. — Quem melhor para conseguir ordenar uma extensão de turno do que alguém com boas conexões militares? Tô começando a achar que o senador Oakley quase torce para o filho não voltar nunca do Iraque. Herói de guerra, essas coisas. Seria um trunfo com os patriotas.

— Era exatamente onde eu queria chegar — Neil desviou o olhar para o cigarro entre os meus dedos. — Achei que você estava tentando diminuir...

— Eu tô. Em casa — respondi, enquanto apagava o cigarro no cinzeiro. — Não vou fumar perto dela.

Tinha quase certeza de que o Neil era esperto o suficiente para saber por que eu não ia fazer isso. Isso era o bom com os amigos, um entende o outro, não é preciso explicar até cansar toda a merda sofrida que você preferia esquecer, mas que também era parte de você, lá no fundo.

O celular da Brynne se iluminou e me distraiu do trabalho. Chequei o identificador de chamadas. Uma palavra — *Mamãe*.

É, isso vai ser engraçado, foi o que pensei enquanto atendia.

— Alô.

Houve um instante de silêncio e depois uma voz meio arrogante:

— Eu tô tentando falar com a minha filha e sei que este é o número dela. Com quem estou falando?

— Ethan Blackstone, senhora.

— Por que você atendeu o telefone da minha filha, sr. Blackstone?

— Estou monitorando o antigo número dela, senhora... desculpe, não sei seu nome — eu não entregaria tudo para ela de bandeja. A mãe da Brynne teria que me pedir. E com educação. Por enquanto, não tinha uma boa impressão.

— Exley — ela esperou que eu falasse alguma coisa, mas fiquei quieto. Jogo pôquer e sei muito bem como esperar. — Por que o

senhor está monitorando o telefone dela?

Não pude deixar de sorrir. Nós dois sabíamos que eu tinha ganho essa rodada.

— Bom, eu trabalho com segurança, sra. Exley. Esse é o meu trabalho. O pai da Brynne me contratou para cuidar da segurança da filha depois que o senador Oakley começou a ser cotado para a eleição. Não serei discreto com a senhora. Eu sei por que a segurança dela está em risco e a senhora também. Eu sei de tudo — fiz uma pausa de efeito. — Ela me contou sobre o que aconteceu com ela nas mãos do filho do Oakley.

Ouvi uma respiração pesada do outro lado e pagaria caro para poder ver a cara dela, mas teria que usar a imaginação.

— Foi o senhor quem comprou o retrato dela, não foi? Ela me contou isso, que o senhor comprou a foto dela e depois a levou pra casa. O senhor precisa saber uma coisa sobre a Brynne: ela adora me deixar chocada.

— É mesmo? Não saberia dizer, sra. Exley. Brynne nunca falou da senhora pra mim até ontem à noite. Não tenho informações para comparar.

A mulher pareceu ignorar meu insulto velado e começou a apelar.

— Então, quer dizer que vocês estão namorando, sr. Blackstone? Eu sou boa em ler nas entrelinhas e descobrir as coisas, tão bem quanto qualquer outra pessoa. Brynne é minha filha única e, ao contrário do que quer que ela tenha dito, eu a amo e só quero o melhor para ela.

— Pode me chamar de Ethan. Sim, nós estamos namorando — me estiquei para pegar um cigarro e acendi o isqueiro. Mesmo? Essa mulher não sabia com quem estava brincando. Poderíamos fazer isso o dia inteiro e, ainda assim, eu ganharia. — Eu também.

Ela ficou em silêncio por um momento e em seguida perguntou:

— O senhor também o quê?

— Amo a sua filha e só quero o melhor pra ela. Vou mantê-la protegida de qualquer perigo. Ela é minha responsabilidade agora.

Podia vê-la revirando os olhos do outro lado da linha e imaginei todo o ar de reprovação que a minha garota teve que aturar dessa

mulher. Também percebi que ela não aceitou a oferta para me chamar pelo meu primeiro nome. Fiquei triste pela Brynne. Especialmente porque eu tinha passado a vida toda sentindo tanta falta da minha própria mãe e a Brynne tinha uma que censurava todas as suas decisões. Preferia conviver com a memória de uma mãe amorosa que nunca tive do que ter que lidar com esse dragão de mulher pela vida toda.

— Tá bem, então. Será que eu posso ter o número novo dela, já que ela não achou importante passar por conta própria pra mãe dela? — ela soava como uma verdadeira vítima e estava decidida a se livrar de mim o mais rápido possível.

Eu sorria de novo. Puta merda, eu amo uma mão de cartas vencedoras.

— Por favor, sra. Exley, não se ofenda. Tudo aconteceu muito de repente ontem à noite. Brynne me contou algo que aconteceu, e eu tomei a decisão de trocar o telefone dela. Simples assim. Ela não teve tempo de entrar em contato com a senhora ainda e tenho certeza de que foi por isso — era fácil ser gentil quando se tinham as melhores cartas na mão.

— O senhor tomou a decisão, sr. Blackstone?

— Sim — meu cigarro tinha um sabor maravilhoso.

— Por que o senhor está tomando essas decisões pela minha filha? — mamãe estava mostrando suas garras.

— Porque, como eu havia dito antes, vou mantê-la a salvo de todos e tudo que tentar machucá-la. Qualquer coisa, qualquer pessoa — inspirei uma boa tragada de cravos e saboreei o tempero.

Ela ficou quieta. Esperei e finalmente ela se entregou:

— O número novo da Brynne, sr. Blackstone?

— Claro, senhora. Vamos fazer assim: vou mandar o número dela por mensagem de texto, assim a senhora pode guardar o meu também. Se tiver qualquer preocupação em relação a essa situação da Brynne, ou receber qualquer pessoa procurando levantar histórias do passado, gostaria que me avisasse. Por favor, ligue para mim a qualquer hora.

Nossa conversa esfriou rapidamente depois disso, e eu estava exaurido quando desliguei. Meu Deus, ela era difícil. Pobre Brynne.

Pobre Tom Bennett. Como diabos ele foi se envolver com aquela mulher? Não podia imaginar como um relacionamento como esse fosse dar sequer para a saída, nem sabia como ela era fisicamente. Aposto que era bonita, no entanto. Fria, mas bela.

Mandei um SMS para a mãe da Brynne com o novo número e um texto curto: **Prazer falar com a senhora –EB –** e sorri o tempo todo enquanto digitava.

Cerca de uma hora mais tarde, foi a vez de Brynne me mandar um SMS: **Vc falou c/ a minha mãe?! :O**

Ah, não. Mamãe já tinha conseguido falar com ela. Espero que não tenha se metido em confusão. Respondi com: **Sorry, baby. Ela ligou no seu tel antigo e ã ficou mto feliz qdo atendi :/**

Brynne respondeu direto: **Sorry vc ter q lidar c ela. Vou te compensar. ??**

Tive que rir. Digitei: **vc me deu duas ?s!! aceito a oferta, mas ela ã foi tão ruim assim.** Uma mentirinha inofensiva sobre essa conversa não faria mal. Mas a verdade é que aquela mulher não era legal.

Houve uma pausa antes que ela respondesse, mas a espera valeu a pena. **Ela ficou c uma impressão e tanto. Te conto de noite. Vou almoçar agora. Saudade, meu amor. Bj <3 <3 <3**

Fiquei namorando as palavras no visor, sem querer fechar a mensagem. Ela me chamou de meu amor. Ela disse que tinha saudade. Me mandou beijos e corações. Tentei não dar importância demais a isso, mas era difícil evitar. Sabia o que queria e não gostava de ter que esperar por um minuto a mais por isso.

Meus delírios foram interrompidos quando a Frances ligou e me lembrou de que havia uma empresa para cuidar.

— Ivan Everley está na linha para falar com você — anunciou no viva voz.

Disse a ela que transferisse a ligação e atendi.

— Você já tá se metendo em confusão de novo, né? — fui bem sarcástico.

— Recebi outra ameaça de morte, E. Dessa vez foi pro escritório da Federação Mundial de Arco e Flecha. Eu nem ligo pra essa merda, mas aqueles babacas do comitê olímpico não vão arrumar um lugar para eu anunciar a competição sem alguma segurança sua. São

loucos os caras comandando esses jogos, tô te falando, e não tenho tempo pra essa besteira.

— Não sei, não. Vou falar com eles, mas acho que a gente deveria se encontrar e repassar a programação, pra checar direito a segurança e garantir tudo.

— Você tá pensando em quê?

— Sei lá, almoço? Posso pedir pra Frances marcar alguma coisa quando você puder.

— Tá bom assim. Te agradeço muito, E. Não acho que sem isso anunciaria nada nos jogos. A sua empresa tem uma puta influência com esses idiotas que tão chefiando tudo.

— Falando de idiotas chefiando tudo, Ivan, você acabou de me dar uma ideia. Você não faz parte do conselho executivo da National Gallery?

Ivan fungou.

— Pode-se dizer que sim. Por quê? E vou fingir que você não acabou de me ofender, já que sou um cara magnânimo e, bom, tem a família...

— Tá certo, *primo* — revirei os olhos. — Minha namorada estuda restauração de arte na Universidade de Londres. Ela é americana e precisa de um visto de trabalho pra poder ficar aqui de vez.

— Peraí. Peraí, porra. Você acabou de falar namorada? O malandro Blackstone tá fora do mercado? Como aconteceu isso, cara?

Deveria saber que seria sacaneado assim que abrisse minha boca. Ri, meio constrangido.

— Nem eu sei, cara, mas ela é brilhante restaurando pinturas e realmente gosta do que faz. E eu não quero *mesmo* que o visto dela expire...

— Tô entendendo. Vou perguntar lá. Aliás, tem um evento na National. A Mallerton Society...

— Verdade, ela me falou disso. A gente vai junto. Ela estava trabalhando num dos quadros do Mallerton esses dias. Mas Brynne pode explicar tudo muito melhor do que eu. Vou te apresentar pra ela e você vai ver do que tô falando.

— Mal posso esperar para conhecer a beldade americana que físgou seu pau pra fora do circuito dos casinhos de uma noite só.

— Por favor, não diz isso quando vocês se encontrarem, ou vou ter que fingir que não sei de todas essas ameaças de morte que você recebe regularmente dos seus fãs leais.

Ele riu de mim.

— Mas você sabe, E. Se quiser que ela fique aqui sem data pra voltar, tudo o que você tem que fazer é casar com ela. Daí ela não vai mais precisar de visto de trabalho.

Minha cabeça deu mil voltas no segundo em que ele pronunciou as palavras “casar com ela”, e me peguei vasculhando na gaveta atrás de outro cigarro.

— Você não me disse isso, não acredito. De todas as pessoas, logo você vem com essa ideia de casamento. É a coisa mais hilária que ouvi sair da sua boca o ano inteirinho. Ou será que foi da sua bunda?

Meu primo riu ainda mais de mim.

— Só porque o meu casamento foi um tiro no pé, não quer dizer que o seu também vai ter que ser.

— E a gente definitivamente chegou ao fim dessa conversa, Ivan. Vou desligar agora — Dava para ouvi-lo rindo quando desliguei.

Capítulo 8

Eu passava o dia esperando chegar a hora de buscá-la no trabalho e hoje não era diferente. Tudo ia muito bem até eu receber aquela mensagem no celular. Depois, fiquei desesperado para poder vê-la.

Parei no estacionamento da Rothvale e observei as portas pelas quais ela sairia do prédio; a conversa com meu primo ainda ecoava, desde que falamos. E sinceramente, minha imaginação tinha sido contaminada por todo tipo de loucuras. *Casamento? Mesmo?* Que tal um relacionamento sério, exclusivo e comprometido, para começar?

A ideia de me casar com alguém nunca esteve entre os meus planos. Simplesmente não via um futuro desses nas minhas cartas, nunca vi. Respeitava muito a “instituição casamento”, mas provavelmente uma pessoa com o meu estilo de vida e a minha bagagem seria um fracasso como marido. Havia tanta merda no meu armário, desde tão cedo, que eu tinha dificuldade em imaginar um momento em que eu me tornasse alguém normal.

Minha irmã era casada, muito bem casada, com três filhos lindos. Hannah e Freddy eram um modelo a seguir, acho – nunca tinha pensado nisso. Minha irmã tinha percorrido o caminho da família e deu netos ao meu pai, me tirando da mira dele. Quero

dizer, Hannah fez tudo tão bem que eu não me sentia pressionado a competir.

Decidi ligar para ela enquanto esperava Brynne sair. Sorri quando ela atendeu logo no segundo toque:

— Como vai meu irmãozinho?

— Trabalhando feito um louco.

— Acho que essa não é a única coisa que tá te deixando louco. Pelo menos foi o que ouvi por aí — a Hannah sabia ser bem implicante quando queria.

— Quer dizer que o papai já deu com a língua nos dentes, né?

— Ele ficou preocupado com você. Disse que nunca tinha te visto desse jeito, nem quando você voltou da guerra.

— Não devia ter ido lá e contado tudo pra ele. Sou um idiota. Vou tentar recompensar de algum jeito. E como vão as coisas com você, minha irmãzona?

— Boa tentativa, Ethan, mas não vou cair. Meu irmão finalmente se apaixonou e você acha que eu vou perder os detalhes? O que você pensa de mim? Nós dois sabemos quem é o mais esperto aqui.

Suspirei.

— Jamais discutiria esse ponto, Han.

— Uau, você tá mesmo mudado, né?

— Acho que tô, sim. Espero que pra melhor. E o papai pode parar de se preocupar comigo, a gente voltou e não sou mais o fiapo de homem, a criatura despedaçada que ele viu naquele dia.

— Você andou lendo poesia, Ethan? Você tá falando diferente.

— Sem comentários — respondi, sem dar bola para o sarcasmo dela. — Escuta, pensei em a gente ir até a sua casa no fim de semana. Acho que a Brynne ia adorar Hallborough e eu ia gostar de levá-la pra fora da cidade um pouco. Será que você e o Freddy dão um jeito de hospedar a gente?

— Pra você? Pela chance de conhecer essa americana que transformou meu irmão frio, sem amarras, num bobão apaixonado que bebe cerveja mexicana? Sem problemas.

Eu ri.

— Que bom. É só me dizer o dia. Quero que todos vocês conheçam ela. A sua casa é uma delícia e vai ser o lugar perfeito

para isso. Também tô com saudade das crianças.

— Elas também tão com saudade do tio Ethan. Ok, vou ver na minha agenda e te digo quando. Tá tudo começando a ficar agitado com a chegada das Olimpíadas.

— Nem me fale. A cidade toda já tá uma loucura e a gente só tá em junho!

Desligamos e olhei pela janela, esperando pela Brynne. Peguei o celular dela do bolso e puxei de novo o texto que tinha estragado meu dia, que até então ia muito bem. Um cara chamado Alex Craven, do museu Victoria & Albert, que eu adoraria transformar em eunuco: **Brynne, ótimo te ver de novo hj. Brilhante a hist do Mallerton tb. Vamos jantar qq dia e discutir como te trazer p cá. N sabia q vc era modelo, agora q vi as fotos quero saber +! –Alex**

Tenho certeza de que morde a língua de tanto que trinquei os dentes. A vontade de responder era tanta que podia sentir o gosto de sangue na minha boca: **Cai fora, seu imbecil. Ela tá comprometida c um cara q vai arrancar tuas bolas se vc pensar nela nua. –Ethan e o facão.** Claro que não mandei, mas foi quase.

Meu Deus, como me comportar? Não era bom com essas coisas. Ciúmes eram uma merda, mas eu provavelmente teria que lidar muito com eles por causa da Brynne. Era parte do pacote de estar com ela, tão linda e sempre no centro das atenções. Precisava que ela me desse mais segurança, mas tinha quase certeza de que ainda era cedo para ela.

A porta do passageiro se abriu e ela entrou, se jogando no banco, corada depois de correr para fugir da garoa fina que tinha começado a cair. Ela sorriu e se inclinou para me beijar.

— Olha você aí — falei e a puxei para mim. A pele dela estava um pouco gelada, mas os lábios estavam quentes e macios para mim.

Putá merda, só para mim!

Mergulhei em sua boca e segurei o rosto dela perto do meu, ocupando cada espaço com a minha língua, bem fundo, para que ela sentisse o quanto a desejava. Ela permitiu que a invadisse e eu não retrocedi até que ela protestou, pedindo que me afastasse um pouco. Soltei-a e me encostei no meu banco para enxergá-la melhor.

— Desculpa, isso foi um pouquinho selvagem — dei o meu melhor olhar de culpado.

O rosto dela mudou e os olhos ganharam aquela expressão de que procuravam alguma coisa. Meu Deus, ela era linda demais. Não é de se admirar que babacas chamados Alex a queriam nua. Eu a queria nua. Queria agora, porra, agora! Ela usava o cabelo solto e vestia um blazer verde e um cachecol. A cor ficava muito bem nela, acentuando os olhos castanho-esverdeados, e ela tinha algumas gotinhas de chuva aqui e ali no cabelo.

— O que houve, Ethan?

— Por que você acha que aconteceu alguma coisa?

— Só um palpite — ela se encolheu. — E ainda teve esse beijo desesperado pra confirmar.

Balancei a cabeça.

— Só tava com saudade. Como foi o almoço com os tais colegas que você queria impressionar?

— Foi incrível. Falei pra eles da restauração da Lady Percival e acho que pode ser um gancho pra eles se lembrarem de mim. Espero que saia alguma coisa daí. Quem sabe não sai? — ela sorriu. — E eu devo tudo a você.

Ela segurou meu queixo e beijou. Tentei sorrir de volta. Achei que tinha conseguido, mas aparentemente eu sou tão ruim em disfarçar meus sentimentos quanto em controlar meu ciúme. *Ah, baby, vai sair alguma coisa daí sim. Alex Craven vai ficar de pau duro e vai ser um gancho para ele se lembrar da sua foto nua, não da instigante Lady Percival segurando um livro raro e precioso. Os quadros do Mallerton podem apodrecer, o que ele quer é Brynne Bennet em cima dele!*

Ela suspirou.

— Vai ou não vai me dizer o que houve? Você acabou de bufar e tenho quase certeza de que esse não é o som universal de felicidade e harmonia — ela parecia realmente irritada comigo.

— Você recebeu isso aqui agora há pouco — botei o celular no colo dela, com a mensagem na tela.

Brynne pegou o aparelho, leu, engoliu em seco e depois me olhou de lado.

— Você ficou com ciúme quando viu isso — não foi uma pergunta.

Balancei a cabeça. Já que estamos tendo essa conversa, melhor colocar tudo para fora.

— Ele quer te comer.

Todos os homens querem, quando veem suas fotos nua. Não fui imbecil o bastante para dizer isso, mas eu poderia pensar o que quisesse. Era a mais pura verdade!

— Eu duvido muito, Ethan.

— Por quê? Ele é gay?

Brynne deu de ombros.

— Não acho que Alex seja gay, mas não sei.

— Então ele com certeza quer te comer — afirmei, amargo, olhando pela janela que agora já estava coberta de pingos de chuva, em perfeita harmonia com o meu estado de espírito.

— Ethan, olha pra mim.

O tom exigente dela me assustou. E me deixou excitado, também.

Virei para a garota que tinha passado a significar tanto para mim, em tão pouco tempo, e me perguntei o que ela gostaria de dizer. Não sei como compartilhá-la, ou como não ser ciumento, ou como ser o parceiro compreensível de uma modelo de nu artístico com quem os outros homens fantasiavam. Não sabia ser esse homem.

— Alex Craven não é um *homem*.

Brynne prendeu o sorriso para não rir de mim. Não importava. Eu estava aliviado o suficiente para encarar qualquer piadinha.

— Ah — exclamei, me sentindo muito, muito tonto. — Bom, então você realmente *deve* ir jantar com Alex Craven, baby, e eu te desejo muita sorte. Ela parece mesmo querer te contratar.

Ela riu de mim e disse:

— Você se preocupa demais, meu amor.

Me inclinei em direção aos lábios dela, mas não cheguei a tocá-los.

— Não consigo evitar me preocupar e amo quando você me chama de meu amor. — Beijei-a de novo, só que desta vez não

como um homem das cavernas, mas do jeito que eu devia ter feito da primeira vez. Passei meus dedos pelo rosto dela e tentei mostrá-la o quanto significava para mim. Me afastei aos poucos, dando mordidinhas no lábio inferior, passeando com minha mão pelo rosto e pelo pescoço dela. — Quero te levar pra casa agora. Minha casa. Preciso muito disso.

Espero que ela saiba que essa era a minha versão de um pedido. Tinha dito para ela levar roupas suficientes para alguns dias, mas não tinha certeza de que ela tinha feito isso. Só queria que Brynne ficasse comigo o tempo todo. Não podia explicar esse sentimento de outro jeito que não fosse uma necessidade profunda. Um desejo de tê-la por perto para conversar e tocar. E transar. Isso fazia de mim um escroto carente, mas não me importava mais; me segurar para não pressioná-la era difícil demais.

— Tudo bem, vamos pra sua casa hoje — ela colocou a mão no meu cabelo e passou os dedos por ele, me estudando novamente com seu olhar atento. Podia jurar que ela era capaz de me ler como um livro aberto e me perguntava por que ela me aturava. Esperava que fosse porque ela também estava começando a me amar, mas detestava pensar muito nisso, já que a questão sempre voltava a ser... *E se ela não amar?*

— Obrigado.

Tirei a mão dela da minha cabeça e levei-a aos meus lábios para beijá-la. Levantei os olhos para ver a reação dela e fiquei bem feliz em ver aquele sorriso. Sorri de volta e pus o carro em marcha. Era hora de levar minha garota para casa, onde eu poderia fazer com ela tudo que eu realmente queria.

O frango à parmegiana estava perfeito, com carne suculenta, molho saboroso e bem temperado, mas a companhia sentada à minha frente era ainda melhor.

Mais cedo, enquanto estava no notebook trabalhando, observei-a preparar o prato. Quer dizer, mais ou menos. Eu levantei várias vezes e fui até o balcão da cozinha para olhar mais de perto e sorrir para ela. Gostava muito dos sons de alguém trabalhando na cozinha.

Era uma sensação gostosa, junto com os aromas deliciosos que vinham de um cômodo da casa no qual nunca passava muito tempo. Aromas do nosso jantar, preparado pela Brynne, com as suas lindas mãos.

Sexy pra caralho, se você quer saber.

Era diferente de quando a Annabelle cozinhava para mim. Ela era uma empregada que limpava a casa, preparava as refeições e deixava tudo etiquetado no freezer. Isso aqui era de verdade. Uma coisa que as pessoas fazem porque se importam, não porque estão sendo pagas.

Ter uma mulher em casa cozinhando para mim não era algo que eu já tivesse experimentado antes. Mas tinha certeza de que poderia me acostumar com isso. É. Brynne me pegou de jeito. Brilhante, sexy, linda, realizada e uma ótima cozinheira – e mais do que maravilhosa quando se deitava comigo na minha cama. Já disse sexy e linda? Pensei na hora de ir para a cama, dali a pouco.

Peguei mais uma garfada do prato e saboreei a comida. Ela estava com o cabelo preso com uma pregadeira e vestia uma camiseta vermelha de gola em V, que me fazia olhar diretamente para aqueles mamilos deliciosos, que estavam durinhos e me chamavam. Algumas mechas longas do cabelo tinham escapado da presilha e caíam por cima do decote. *Hummm, delícia.*

— Fico feliz que você ache isso. É muito fácil de fazer.

Observei-a mexer a boca para tomar um gole de vinho, totalmente surpreso por ter dito em voz alta o que estava pensando e aliviado por ela ter pensado que estava me referindo à comida.

— Como você aprendeu a fazer gostoso desse jeito? — ela revirou os olhos e balançou a cabeça. — Tô falando da comida, Brynne! Apesar de você fazer *tudo* muito gostoso.

— Bobo. Sempre assisti a programas de culinária na televisão e aprendi. Meu pai me deixou fazer experiências com ele, depois do divórcio. Depois você pergunta pra ele sobre quando comecei a cozinhar — ela riu e botou outra garfada de comida na boca. — Mas é melhor evitar perguntar a ele sobre quando comecei a fazer as *outras coisas* gostosas.

Ri junto com ela e abaixei a cabeça.

— A comida não era boa como essa aqui, né?

— Nem de longe. As primeiras tentativas saíram horríveis e foi o papai que pagou o preço. Mas ele nunca reclamou.

— Seu pai não é bobo. E ele te ama demais.

— Fico feliz que vocês dois tenham conversado. Ele realmente gosta de você, Ethan. Ele te respeita muito — disse, sorrindo para mim.

— Bom, eu sinto o mesmo por ele — hesitei antes de mencionar a mãe dela, mas achei que deveria. — Por outro lado, não acho que sua mãe tenha ficado com uma boa impressão de mim. Desculpa, mas achei que fosse melhor me apresentar e falar o que eu tinha a ver com a sua vida. Só que talvez pudesse ter tido um pouco mais de tato.

— Tudo bem. Na verdade, ela disse que tinha ficado satisfeita em saber que você está tomando conta de mim e que tinha te achado bem determinado em não deixar nada de ruim me acontecer.

Senti a voz dela falhar e quis encorajá-la, mas a deixei terminar.

— Mas ela acha que você está obcecado por mim — ela brincou um pouco com a comida no prato.

— Não me contive com ela, é verdade. Disse a sua mãe exatamente como me sinto em relação a você — reconheci, dando de ombros.

Brynne sorriu para mim.

— Ela me contou isso também. Bem corajoso da sua parte, Ethan.

— Falar a verdade não é ser corajoso, é o esperado. É que é importante pra mim que os seus pais saibam que não estou aqui só para fazer a segurança da filha deles — estendi a mão para ela. — E é importante que você também saiba disso, Brynne, porque você significa bem mais do que isso pra mim.

Brynne segurou minha mão e eu a apertei, fechando meus olhos ao envolver os dedos ao redor dos ossinhos delicados dela. A mesma mão adorável que tinha preparado o jantar para mim agora à noite e dado o nó na minha gravata hoje de manhã. A mesma mão que vai tocar o meu corpo quando a gente for para a cama, daqui a muito pouco tempo.

— Você é também, Ethan.

Senti o sentimento de possessão tomar conta de mim de novo. Era como um interruptor. Uma hora estava levando bem a situação, ou pelo menos achava que estava, e depois alguma coisa era dita, ou induzida, e boom, eu entrava no modo preciso-te-comer-agora.

As palavras dela eram tudo que precisava ouvir. Me levantei da cadeira e peguei-a nos meus braços. Brynne enroscou aquelas pernas longas em volta da minha cintura para que pudesse carregá-la da sala de jantar até o quarto.

Brynne segurou meu rosto e me beijou loucamente enquanto eu a levava. Não havia de reclamar. Adorava quando ela ficava excitada assim. E ela era assim.

Obrigado. Porra.

Tirei a roupa dela, sem dar tempo para as preliminares do strip. Precisava ver o corpo dela antes de perder completamente a cabeça. Ela usava um sutiã cor de violeta e uma calcinha preta. Rosnei quando olhei para ela, dos pés à cabeça.

— O que você tá tentando fazer comigo? Quer me matar?

Brynne sorriu e balançou a cabeça devagar, para um lado e para o outro.

— Nunca — falou baixinho.

Me abaixei e a beijei, devagar e com carinho, agradecendo a resposta, mas meu coração já estava batendo forte e acelerado. Meu Deus, eu amava o jeito dela comigo, tão carinhosa e gentil, tão entregue a mim.

Amava tantas coisas nela.

Virei-a de barriga para baixo, abri o fecho do sutiã e tirei a calcinha dela. Apreciei a visão e respirei pausadamente, passando as mãos pelas costas de Brynne, pelos quadris, por aquela bunda deliciosa e depois fiz o caminho inverso.

Com ela nua, me acalmei um pouco e diminuí o ritmo. Continuei vestido e me deitei ao lado dela na cama. Ela virou o rosto para mim e nós ficamos nos olhando.

Soltei o cabelo dela e deixei as mechas caírem sobre seus ombros. Brynne tinha o cabelo longo e sedoso. Adorava tocá-lo e passar meus dedos por ele. Adorava quando ele chicoteava no meu

peito, quando ela montava em mim. Adorava segurá-la e puxá-la pelo cabelo enquanto estava transando com ela até chegar ao orgasmo e gritar meu nome.

Mas não fiz nada disso. Ao contrário, a acariciei devagar e com cuidado, visitando todos os lugares com meus dedos e minha língua, fazendo com que ela gozasse várias vezes antes mesmo de tirar minha roupa e penetrá-la.

A gente se encaixava desse jeito. O sexo com ela me abalava até os níveis mais profundos; se ela não nota, eu noto. Não sei nem mesmo o que falei para ela nos momentos mais quentes. Digo todo o tipo de safadeza, porque ela gosta da minha boca suja. Ela me disse isso. O que é ótimo, porque não posso evitar. O filtro entre meu cérebro e minha boca é praticamente inexistente.

Continuo sem saber o que disse para ela depois de atingirmos o orgasmo, que me deixou tão arrasado que comecei a pegar no sono ainda dentro dela, torcendo para que me deixasse ali um pouquinho.

Mas sei o que ela falou.

— Eu também te amo.

Abri os olhos e fiquei olhando para a escuridão, abraçado a ela. Repeti o som daquelas palavras dentro da minha cabeça por várias e várias vezes.

Fodeu. Eles vão mesmo fazer isso. Meu coração começou a bater mais forte e um medo que nunca tinha sentido antes se espalhou como adrenalina pelas minhas veias. Já esperava que isso acontecesse. Lá no fundo sabia que aconteceria, mas preferi ignorar, para tentar manter a sanidade. A negação funcionou por um tempo, mas já tinha expirado.

— Tá pronto? — perguntou-me.

A criatura que falou isso era a que eu queria trucidar e deixar para sangrar até morrer. A que falou DELA. A que ameaçou o tempo todo que iria machucá-la.

Por favor, NÃÃÃÃO!

Balancei minha cabeça quando ele se aproximou de mim, o rosto muito próximo ao meu, com aquele cheiro do cigarro enrolado de cravo que me entorpecia e me fazia salivar. Engraçado que alguém possa sentir desejo de fumar numa hora como essas, mas

eu senti. Se pudesse, teria puxado aquela merda da boca dele e colocado na minha.

Meus braços estavam presos nas minhas costas, enquanto me seguravam com uma das mãos e tapavam meu nariz com a outra. Tentei segurar o fôlego e seguir assim, mas meu corpo me traiu. No momento em que fui respirar pela boca, ele derramou alguma coisa horrível pela minha garganta. Tentei evitar que o líquido descesse, mas de novo meu corpo optou pela tarefa mais simples: respirar. Que ironia. Eles estavam me drogando para depois me executarem. Assim, não ia tentar me defender. E iam poder filmar minha morte e mostrá-la para o mundo todo.

Não! Não! NÃO!

Lutei com todas as forças que tinha, mas ele só riu de mim. Senti lágrimas jorrarem, mas tinha certeza de que não estava chorando. Nunca chorei.

Ele vociferou uma ordem e em seguida eu vi. A câmera. Enquanto eu olhava, um subordinado montou-a num tripé. As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto; o ópio começava a fazer efeito.

Me dei conta de que estava realmente chorando.

Mas não pelos motivos que eles imaginavam. Chorei pelo meu pai e pela minha irmã. Pela minha garota. Eles teriam que ver fazerem essa... coisa... comigo. O mundo inteiro ia assistir. Ela ia assistir.

— Se apresenta! — ordenou.

Balancei a cabeça e apontei para a câmera.

— Nada de vídeo! Nada de VÍDEO, seu filho da puta! SEM VÍDEO, PORRA!

O tapa na minha boca foi tão brutal que me calou. Ele latiu outra ordem qualquer para o que estava com a câmera e começou a focalizar minhas identificações e a ler, num inglês tosco: "Blackstone, E. Capitão do Serviço Aéreo Especial. Dois-nove-um-cinco-zero-um".

Ele se voltou para mim, dessa vez com uma khukuri na mão. A lâmina era curva e muito afiada. Mesmo com meus reflexos enfraquecidos pelas drogas, pude perceber que a arma tinha sido bem preparada para a tarefa e que daria conta dela rapidamente.

Pensei na minha mãe. Desejei-a por toda a minha vida e agora mais do que nunca. Não era corajoso. Tinha medo de morrer. O que aconteceria com Brynne? Quem a protegeria deles depois que eu morresse?

Meu Deus...

— Sem vídeo. Sem vídeo. Sem vídeo. Sem vídeo — era tudo que eu consegui balbuciar. E se o som não saísse mais da minha boca, seriam essas as últimas palavras na minha mente, junto com "sinto muito, pai. Hannah. Brynne. Eu sinto pra caralho!"

— Ethan! Acorda, meu amor. Você tá tendo um pesadelo — a voz mais doce entrou pelos meus ouvidos e as mãos mais macias me tocaram.

Acordei ofegante, levado subitamente pela consciência a um estado hiperalerta. As mãos dela se afastaram quando bati na cabeceira da cama e suguei todo o oxigênio que pude. Pobre Brynne, de olhos arregalados, me encarou horrorizada quando nos sentamos na cama.

— Puta que pariu! — soltei ofegante, tomando consciência de onde estava.

Respira, filho da puta!

Já tinha tido isso várias vezes. Eram coisas que só aconteciam na minha cabeça. Não era a realidade. Mas ali estava eu, perdendo completamente a linha, na frente da minha garota. Claro que era assustador para ela, e eu sentia muito. Achei que fosse passar mal.

Ela tocou em mim de novo, a mão fria encostou no meu peito, me trazendo de volta para o presente. Brynne estava bem ali ao meu lado na cama, não naquele sonho desgraçado. Ela vivia aparecendo nos meus pesadelos. Por que diabos eu fazia isso?

Brynne chegou mais perto e eu segurei sua mão perto do meu peito, precisando do toque dela como um salva-vidas.

— O que foi isso, Ethan? Você estava gritando coisas e se debatendo por todos os lados na cama. Não conseguia te acordar.

— O que eu falei? — interrompi.

— Ethan — disse suavemente, pegando no meu rosto, seus dedos acompanhando a linha do meu queixo.

— O que foi que eu disse? — gritei, agarrando a mão dela e afastando-a do meu peito, sentindo o impulso de vomitar só de pensar no que poderia ter saído de minha boca. Ela se encolheu para trás e meu coração se partiu por assustá-la, mas eu tinha que saber. Olhei para Brynne no escuro e tentei absorver ar suficiente para encher meus pulmões. Uma tentativa quase inútil, porém. Não havia ar suficiente em toda a Londres para me satisfazer naquele momento.

— Você só ficava falando “nada de vídeo, sem vídeo”, repetindo isso toda hora. O que isso quer dizer, Ethan?

O lençol tinha caído até a cintura dela, deixando à mostra os lindos seios nus sob a luz da lua que entrava pela claraboia. Notei certa cautela nos olhos dela, quando tirou a mão da minha, e detestei isso. Mas a deixei ir.

— Me desculpa. Tenho pesadelos às vezes. Desculpa ter gritado com você — saí da cama e fui para o banheiro. Me debrucei na pia e deixei a água correr sobre a minha cabeça, escovei os dentes e bebi da torneira. Porra, tinha que me recuperar; isso não era nada bom. Tinha que ser forte para ela. Tudo isso era história antiga e já estava enterrada no inferno do meu passado. Não era bem-vindo no presente e menos ainda no meu futuro com a Brynne.

Ela me abraçou por trás. Pude sentir o corpo dela nu nas minhas costas e isso me deixou excitado. Ela encostou os lábios nas minhas cicatrizes e as beijou.

— Conversa comigo. Me conta o que houve — a voz suave dela tinha uma determinação feroz, mas não havia a menor possibilidade de eu trazê-la para essa tortura.

De jeito nenhum ela vai lá comigo. Não alguém inocente como ela.

— Não, não quero — olhei para o espelho em cima da pia e me vi ali, com água pingando do cabelo, os braços da Brynne em volta do meu peito, onde meu coração ainda batia acelerado, depois de um pesadelo maldito, de todas as maneiras possíveis. Ainda assim ela estava me abraçando, segurando meu coração dentro daquelas mãos lindas. Ela veio até aqui para me confortar.

— Que vídeo, Ethan? Você ficou gritando sobre um vídeo.

— Não vou falar disso! — o som ríspido da minha voz sobre a dela me fez fechar os olhos, detestando a raiva que deixei escapar ali, detestando que ela tivesse que me ver assim.

— Era por minha causa? O meu vídeo? — ela tirou as mãos de mim e se afastou. — Você disse que nunca tinha assistido.

Dava para notar a mágoa na voz dela e para onde a imaginação iria guiá-la. Ela não podia estar mais distante da verdade.

Com medo de que ela deixasse de confiar em mim e apavorado com a ideia de ela me abandonar de novo, tive que me entregar totalmente, por completo. Me virei para ela e abracei-a com força.

— Não, meu amor, isso não. Por favor. Sou eu. Coisa do passado, uma época muito ruim pra mim na guerra.

— Mas você não me conta. Por que não pode falar sobre o que aconteceu com você, as suas cicatrizes, Ethan?

Ela tentou se afastar, abrir algum espaço entre a gente, mas eu não deixei.

— Não, Brynne, eu preciso de você, não se afasta de mim.

— Não vou — interrompi essas palavras com a boca colada na dela, minha língua a possuindo com tanta força, que tudo o que ela pôde fazer foi aceitar. Peguei-a no colo e voltei para a cama, cambaleante. Tinha que me sentir dentro dela de novo, de todas as maneiras. Precisava comprovar que ela estava aqui, que eu estava vivo, que ela estava segura sob meus cuidados, que eu estava vivo... que ela estava segura... que eu estava vivo...

— Meu amor, você é tão linda e tão boa pra mim. Você é tudo pra mim, ok? Diz pra mim que você me quer — tagarelei, enquanto afastava as pernas dela com os meus joelhos e a explorava, toda molhada, com dois dedos. Comecei a investir, remexendo todo aquele gozo de antes, espalhando por cima do clitóris dela, como ela gostava.

— Eu te quero, Ethan — respondeu sem fôlego, se aquecendo para mim, pronta para me receber. Nossa, que batalha era me controlar, quando ela se entregava para mim dessa forma — o maior tesão de todos, ainda que ela tenha sido a primeira com quem isso acontecia.

— Diz pra mim que você vai me deixar te ter por completo. Todos os lugares. Quero tudo, Brynne!

— Eu deixo! Estou bem aqui!

Beijei-a profundamente outra vez, ao mesmo tempo que meus dedos se mexiam dentro dela, deixando-a ainda mais molhada.

— Sua boca é minha, quando você me chupa com essa boca vermelhinha — ela se mexeu, debaixo de mim. Parei de beijá-la e levei meus lábios até um mamilo. Mordi até escutá-la gemer, depois lambi e chupei, para deixá-lo gordinho de novo, antes de partir para o outro. — Seus peitos maravilhosos também são meus. Quando eu mordo, chupo e te deixo louca.

— Meu Deus.

Me desloquei um pouco mais para baixo daquele corpo, mas mantive os dedos dentro dela, esfregando-os e chegando cada vez mais perto de um clímax.

— Essa bocetinha docinha também é minha, quando eu meto meu pau dentro dela e inundo tudo com um monte de porra — sussurrei mais umas sacanagens e tenho certeza de que isso a excitava ainda mais.

Ela se contorceu e rolou a cabeça para um lado e para outro, e eu adorei ver que ela estava ficando louca.

Dei umas lambidinhas no clitóris dela e cheguei até a mordê-lo, beliscando a carne até ouvir um gemido chorado. Mudei para uma chupada calma, gostosa, gentil, levando-a cada vez mais longe.

— Quero mais! Me fode, Ethan!

Agora sim, ela estava quente.

Meu Deus do céu, finalmente tinha conseguido levar minha garota aonde queria. Fiquei louco com o gosto dela na minha língua, o meu gosto, o cheiro dela, o calor, o suor, o sexo pegando fogo!

— Posso te dar mais, meu amor. Quero te dar mais — tirei os dedos de dentro da boceta e deslizei-os até o outro burquinho; com meu indicador ensopado, fiz movimentos circulares em volta dele. Ela se engasgou e ficou em silêncio.

Levantei minha cabeça e movi seu corpo, com um braço me sustentando e a outra mão livre para explorar. Enfiei de leve só a

ponta do meu dedo dentro dela e encarei o seu olhar. Ela parecia selvagem, com os olhos pegando fogo.

— Quero botar aqui, Brynne. Você me deixa comer sua bunda linda? — perguntei isso com ela me olhando, trêmula, mordiscando de leve o lábio de baixo, enquanto a ponta do meu dedo ainda a provocava na entradinha, esperando a resposta.

— Sim! — saiu como um suspiro mais do que uma palavra, mas era definitivamente um sim.

Me arqueei e virei-a de barriga para baixo. Agarrei os quadris e afastei tanto as pernas dela que dava para comê-la de joelhos. Brynne era incrível. Ali, toda aberta para mim, me desejando, me aceitando, mais do que perfeita.

Com a mão no pau, esfreguei de leve a ponta dele na boceta, toda molhada. Esfreguei várias vezes, indo e vindo no clitóris dela, deixando-a quase a ponto de gozar, pra que ficasse bem lubrificado.

— Humm — gemi, mirando o meio do cuzinho apertado dela. — Você é tão perfeita...

Empurrei e meti só a cabeça do pau, tentando alargar a entrada um pouco, mas estava a ponto de perder o controle. Podia gozar antes mesmo de entrar nela.

Brynne se retesou e arqueou o corpo reagindo a minha invasão; então aliviei a pressão imediatamente, botando a palma da mão na cintura dela para acalmá-la.

— Calma, calma, relaxa pra mim, meu amor — ficou quieta de novo e começou a respirar pesadamente, me esperando, se submetendo aos meus desejos; tão perfeitamente entregue e gloriosamente estreita, com aqueles músculos me apertando, pronto a explodir. Não queria machucá-la, mas Deus, que tesão espetacular era estar ali, pronto a tomar posse da única parte dela onde ainda não tinha estado. — Você tá quase me fazendo gozar, minha linda. Eu quero tanto, mas vai você primeiro. Quero que você goze gostoso!

— Ethan, por favor, me deixa gozar! — ela se contorceu, apertando a ponta do meu pau, pronto para entrar todo. Me dei conta de que ela me deixaria ir até o fim mesmo que fosse doloroso, de tão generosa que era como amante.

Deus, me ajuda!

Foi preciso toda força que tinha para não me afundar naquela parte misteriosa dela, toda aberta para mim. Queria muito. Precisava disso. Mas queria e precisava ainda mais agradá-la. Sabia que a machucaria e ela ainda não estava pronta. A gente tinha que ir trabalhando nisso – uma coisa para desejar lá na frente. Como tudo de novo que fazíamos juntos. Eu estava completamente louco e não era o momento certo para forçá-la a fazer anal pela primeira vez comigo.

— Brynne, eu te amo tanto — soprei por trás dela, descendo meu membro um pouquinho, para alcançar a boceta. A carne estava tão quente que me queimou. Ouvi meu próprio grito quando me enterrei dentro dela e começamos a transar. Minhas mãos seguravam seus quadris com firmeza, empurrando para frente e para trás contra o meu corpo, de novo e de novo e de novo. O som dos nossos corpos se batendo, em meio a gemidos, era sinal de que ali o prazer tinha tomado conta.

Ficamos nisso por um bom tempo. Precisava exorcizar aquele pesadelo para fora do meu sistema e fazer sexo era uma maneira ótima de conseguir isso. Se pode transar, é porque está vivo – a lógica brutal era difícil de ser contestada.

Foi um sexo bem violento, até mesmo para a gente. E a Brynne aguentava bem a violência que vinha de mim. Já tinha feito isso antes e faria de novo, porque eu nunca mais a deixaria ir embora. Nunca. Não conseguia me imaginar fazendo com outra pessoa tudo que tinha acabado de fazer com ela. Sabia que não conseguiria.

Compreendi isso mais tarde, no escuro, depois dessa transa louca na qual a levei comigo, e depois que ela apagou num sono profundo ali ao meu lado. Ela gozou tantas vezes que desmaiou de cansaço, quando finalmente consegui parar. Ela nunca me pediu para parar. Minha garota se entregou para mim e não me pressionou, pedindo respostas. E eu estava aliviado, porque ainda não queria falar sobre isso. Minhas entranhas ainda estavam muito feridas, depois do pesadelo.

Quis acender um cigarro, mas me repreendi. Achava errado com ela. Não era certo sujeitá-la ao meu hábito nada saudável e por isso

não fumaria mais perto dela.

Observá-la dormindo depois dessa sessão, a respiração ritmada dela, seus longos cílios cerrados e as bochechas proeminentes logo abaixo, o cabelo desenhando ondas no travesseiro, me tirou completamente o ar. Sabia que tinha encontrado meu anjo e me agarraria a ela de todas as maneiras possíveis.

Não foi mais que um sonho...

Ela me salvou da minha loucura, do meu tormento. Fez com que desejasse coisas que nunca quis antes. Mataria, se preciso fosse, para protegê-la. Se alguma coisa acontecer com ela, morro.

Consegui dormir, finalmente, mais tarde, e foi só porque ela estava bem ali comigo.

Capítulo 9

Acordei na cama vazia, no apartamento vazio, num verdadeiro pesadelo. Depois do que tinha acontecido à noite, a última coisa que esperava é que a Brynne sumisse de novo.

A primeira pista de que algo não estava certo foi quando rolei na cama e não encontrei obstáculos. Nenhum corpo quente, suave, cheirando a flores e ao sexo maravilhoso que tivemos na noite passada para eu abraçar e me enrolar. Apenas lençóis e travesseiros. Ela não estava na cama. Chamei pelo nome dela, mas só recebi de volta o silêncio. Comecei a sentir um medo nauseante.

Será que peguei pesado com ela na noite passada?

Chequei o banheiro primeiro. Podia ver que ela tinha usado o chuveiro. Os produtos de beleza e a escova estavam espalhados na bancada, mas ela definitivamente não estava ali. Tampouco estava na cozinha fazendo o café, nem no escritório lendo e-mails, nem na sala de ginástica malhando, nem em *lugar algum* dentro do apartamento.

Procurei o vídeo da câmera de segurança que filmava a porta de entrada e o hall. Qualquer um que entrasse ou saísse apareceria ali. Meu coração batia tão forte que meu peito certamente se mexia.

Voltei a fita para a última hora e lá estava ela, de *legging* e tênis, se dirigindo ao elevador, com fones de ouvido.

— Porra! — gritei, batendo com a mão no computador. Foi dar uma corrida? Inacreditável, puta que pariu. Pisquei para checar o que estava vendo e esfreguei a barba.

— Fala pra mim que você tá com ela agora — gritei para o Neil, na linha direta.

— O quê? — ele soava como se tivesse acabado de acordar, e eu fiquei com mais raiva ainda.

— Resposta errada, cara. Brynne saiu do apartamento. Pra correr!

— Estava dormindo, Ethan. Por que eu iria seguir a Brynne se ela tá com você?

Desliguei na cara do Neil e liguei para o celular da Brynne. Foi para a caixa postal, claro. Quase joguei o meu na parede, mas consegui escrever um SMS: **Onde vc tá?**

Corri para o closet, vesti uma roupa qualquer, um par de sapatos, peguei as chaves do carro, carteira, celular e desci para a garagem. Saí na rua cantando os pneus e comecei a calcular até onde ela já teria ido desde a hora em que aparecia no vídeo de segurança. Minha cabeça estava a mil, montando um milhão de cenários sobre como seria fácil para um profissional acertá-la a essa hora e fazer parecer um acidente.

Era cedo, pouco depois das sete, de uma manhã nublada tipicamente londrina. As vans de entrega descarregavam caixas, vendedores de rua chegavam às esquinas, o café da vizinhança estava bem cheio e se viam alguns corredores pelas ruas, mas nenhum era quem eu procurava. Ela podia estar em qualquer lugar.

A toda hora me perguntava por que ela sairia sem me avisar. Morria de medo de que fosse por minha causa. Ou pelo que ela viu de mim ontem à noite. Ou o que aconteceu depois... Estava tão confuso que era risível. Só Deus sabe como nós dois tínhamos os nossos problemas, mas talvez a avalanche de emoções de ontem tenha sido mais do que ela queria suportar. Esfreguei o peito e continuei a dirigir.

O celular tocou. Era Neil. Coloquei a chamada no viva voz.

— Ainda não consegui encontrá-la. Estou na Cromwell agora, indo pro sul, mas acho que já tô mais longe do que ela poderia ter ido desde a hora do vídeo na câmera de segurança.

— Me desculpa, E.

— Você pode me falar isso depois que ela voltar — ficou zangado, mas não era mesmo culpa dele. Brynne estava comigo, e o Neil, tecnicamente, não estava em horário de serviço. Tinha sido minha culpa. Que merda.

— Vou para o leste, então. Muita gente corre na direção de Heath Downs, pelo parque.

— Faz isso, cara.

Continuei procurando, rezando para avistá-la, quando chegou uma nova mensagem: **Vc acordou. Vim comprar café. Quer q leve o q?**

Que tal trazer seu belo traseiro de volta pra casa, mulher?

O alívio quase me fez ajoelhar em gratidão, mas estava com muita raiva dela por essa gracinha. Na rua comprando café! Por Deus! Estacionei imediatamente e encostei a cabeça no volante por um momento. Precisava muito sentar com ela e explicar algumas coisinhas sobre como a vida dela teria que mudar nos próximos meses. E que as corridinhas de manhã, sozinha, estavam totalmente fora de cogitação.

Putz!

Meus dedos tremiam ao digitar: **Qual café?**

Houve uma curta pausa e em seguida: **Hot Java. Vc tá zangado?**

Pergunta idiota.

O café em que ela estava não ficava a mais de um quarteirão do meu apartamento. Já tínhamos ido lá juntos em algumas manhãs quando ela dormia em casa comigo. Brynne estava tão perto de casa o tempo todo! Mandei de volta: **Ñ sai daí!! Vou te buscar!**

Levei pelo menos 10 minutos para percorrer as ruas de volta para a minha vizinhança. Estava com raiva de mim mesmo – por diversos motivos, mas principalmente por ter continuado a dormir quando ela acordou e saiu de casa sem eu saber. Eu estava numa tamanha correria atrás dela que devo ter passado pelo café quando ela já estava lá e isso era inaceitável. Estava perdendo a mão.

Achei melhor deixar de lado, ao menos por enquanto, os motivos pelos quais meu sono tinha sido tão pesado.

Um pesadelo dos infernos e uma maratona de sexo em seguida, quem sabe?

Sabia bem que isso tudo ia voltar à tona em alguma conversa, provavelmente logo, porque Brynne iria me perguntar, mas agora estava muito abalado para enfrentar o que borbulhava no meu subconsciente. A negação era muito mais atraente.

Corrida? Só se fosse pra me foder! Isso mesmo, com trocadilho.

Putá merda, claro que ela não estava na loja, como eu tinha mandado, mas na calçada, segurando dois cafés! E muito menos estava sozinha. Tinha um cara todo assanhado em cima dela, conversando; quem pode adivinhar o que diabos ele era dela? Alguém que ela conhecia? Ou alguém testando o terreno, sabe-se lá com qual intenção! Ah, mas ela ia levar umas palmadas por essa gracinha, assim que ficássemos a sós.

Tive que estacionar do outro lado da rua e atravessar. Ela me viu chegando e falou qualquer coisa para o companheiro, que imediatamente olhou para mim. Os olhos dele se iluminaram um pouco e ele chegou mais perto dela.

Péssima ideia, idiota.

— Ethan — disse ela, sorrindo como se essa fosse uma maneira perfeitamente aceitável de começar o dia.

Ah, minha querida, a gente realmente precisa ter uma conversa.

— Brynne — disse secamente e puxei a cintura dela para perto de mim, não sem antes dar uma boa encarada no amigo dela, que já deveria ter tomado outra direção há uns bons 10 minutos. O cara era um pouco folgado para o meu gosto, parado ali como se tivesse o direito de falar com ela, como se houvesse feito isso antes e tivesse um passado com ela. Merda! Ele a conhecia. Esse homem conhecia Brynne.

— Ethan, esse é Paul Langley, um... um amigo do departamento de Belas Artes. Ele dá aulas. Eu tava saindo quando ele chegou.

Brynne estava nervosa. Ela parecia desconfortável – e se tinha uma coisa em que eu era bom é ler as pessoas. Podia sentir o cheiro da inquietação vindo dela. Já o cara era diferente. Parecia muito

arrogante e um pouco à vontade demais, e foi por isso que eu desconfiei.

Brynne pareceu se tocar e falou:

— Paul, esse é o Ethan... Blackstone, meu namorado — disse, virando-se para mim e me entregando um dos cafés: — Te comprei um misto.

Olhou para mim e deu gole no copo dela. É. Ela estava desconfortável.

O idiota estendeu a mão primeiro.

Odeio você.

Eu estava com um dos braços em volta da Brynne, na outra mão segurava o café que ela havia acabado de me entregar. Para cumprimentá-lo, teria que soltá-la. O detestei, de terno chique e profissional, arrumado, e acima de tudo, cheio da grana. Tirei a mão da cintura da Brynne e o cumprimentei. Apertei firme e tentei não pensar em como eu estava horroroso, como se tivesse caído da cama.

— Prazer — falou Langley, sem a menor convicção.

Devolvi com um rápido aceno de cabeça. Foi o melhor que pude fazer e, para falar a verdade, não dava a mínima se estava sendo rude ou não. Ele era um cara no lugar errado na hora errada e jamais seria um amigo meu. Odiei-o à primeira vista.

Os olhos dele me estudaram. Decidi que seria eu quem terminaria aquele aperto de mão. Ou aquela disputa de território, porque era isso o que fazíamos ali.

Tirei minha mão e encostei os lábios no cabelo da Brynne, mas mantive os olhos fixos nele.

— Acordei e você tinha saído — passei de novo o braço em volta dela.

Ela riu, nervosa.

— Só fiquei com vontade de tomar um mocha de chocolate branco logo de manhã.

— Sempre o mesmo café da manhã, não é? Algumas coisas nunca mudam, não é mesmo, Brynne? — Langley lançou um sorriso cúmplice para ela e nesse momento eu soube. Ele comeu a Brynne. Ou tentou muito conseguir isso. Eles tinham alguma história, e eu só

conseguia ver a bandeira vermelha do ciúme se agitando na frente dos meus olhos. Puta que pariu, quantas emoções violentas tomaram conta de mim nesses segundos! Queria mostrar ao Langley como era cair de cara na calçada pela força do meu punho, mas precisava mais ainda era tirar ela dali.

— Hora de ir, meu amor — anunciei, pressionando as costas dela com a minha mão.

Brynne resistiu por um instante, mas em seguida se entregou.

— Foi muito bom te rever, Paul. Se cuida.

— Digo o mesmo. Agora tenho seu telefone novo e você tem o meu, então já sabe como me achar, né? — o babaca olhou para mim e não tive dúvidas da provocação dele. Ele achou que eu fosse um imbecil e lançou um desafio; se a Brynne precisasse ser resgatada, bastava ligar para ele que o príncipe encantado viria atrás dela.

Cai fora, idiota, patético.

Brynne balançou a cabeça e sorriu.

— Tchau, Paul.

Isso, sai fora... Paul.

Era muito óbvio que o Paul Gostosão não queria deixá-la para trás. Ele queria beijá-la ou abraçá-la, ou se despedir de alguma outra maneira afetuosa, mas teve juízo suficiente para não fazer nada. Não disse que ele era burro, só meu inimigo.

— Vou te ligar. Quero saber tudo da pintura do Mallerton — ele fez o gesto de levar a mão à orelha. — Tchau, querida.

Olhou para mim, e eu olhei de volta para ele. Sinceramente, torcia para que ele soubesse ler mentes, porque tinha tanta coisa que valia a pena ser dita e que ele realmente precisava ouvir.

Seu lambe cu, saco de merda! Você NÃO vai nada ligar pra ela pra saber do Mallerton. Também não vai olhar pra ela, nem pensar nela! Entendeu? Minha garota NÃO é "sua querida" agora, nem nunca vai ser. Sai da minha frente antes que eu me sinta obrigado a fazer alguma coisa que vai me colocar em muita merda com a MINHA garota.

A gente tinha começado a atravessar a rua, meu coração ainda estava batendo acelerado, de tanta raiva que jorrava dentro de mim, quando ela abriu a boca.

— Que diabos foi isso, Ethan? Você foi incrivelmente grosseiro.

— Continua andando. A gente conversa em casa — foi o que consegui responder.

Ela me encarou como se eu tivesse duas cabeças e parou na calçada.

— Te fiz uma pergunta. Não fala comigo como se eu fosse uma criança que se meteu em encrenca!

— Entra no carro! — me descontrolei, tentando não pegá-la no colo e sentá-la no banco. Mas isso estava muito perto de acontecer, mesmo que ela não soubesse.

— Me desculpa, mas isso é babaquice. Vou voltar andando! — se afastou de mim.

Quis explodir, de tão puto que estava. Segurei a mão dela e a impedi de ir.

— Não, você não vai voltar andando, Brynne. Entra no carro agora. Vou te levar pra casa — falei baixo, mas bem perto do rosto dela, de onde podia ver seu olhar de raiva me fulminando. Ela ficava tão linda quando era contrariada. Me dava vontade de arrastá-la para a cama e fazer todo tipo de coisas com ela, por um dia e meio.

— Não vou receber ordens suas. Por que você tá agindo assim?

Fechei os olhos e rezei para ter paciência.

— Não tô agindo de jeito nenhum — as pessoas na rua olhavam para a gente. Deviam estar ouvindo a conversa também. Que inferno! — Você poderia por favor entrar no carro, Brynne?

— Você tá sendo um idiota, Ethan. Eu ainda tenho uma vida. Vou sair pra correr de manhã e vou parar para um café, se quiser.

— Não; sem mim ou o Neil você não vai, não. Agora entra com esse rabo gostoso dentro dessa merda de carro!

Ela me encarou por um momento e balançou a cabeça, os olhos me lançando facões. Levantou o queixo, cheia de soberba, e entrou no carro marchando. Ignorei o comportamento dela, até porque achava que estava sendo bem bonzinho, dadas as circunstâncias. Mandei uma mensagem para o Neil, dizendo que já estava com ela e a fiz esperar por mim. Ela estava trancada dentro do carro e não poderia ir a lugar nenhum, ao menos por enquanto.

Olhei para Brynne. Ela me olhou de volta. Estava zangada comigo. Eu estava mais do que furioso com ela.

— *Nunca* mais faça isso — falei, sem deixar margem a dúvidas.

— O quê? Andar? Comprar café? — ela se emburrou e virou para olhar pela janela. O celular dela acendeu e vibrou. Ela virou para mim enquanto atendia a chamada. — Tô, tô bem, Paul. Peço desculpas pelo que quer que tenha acontecido, mas não se preocupe, foi apenas uma briguinha de casal.

Ela chegou a me lançar um sorrisinho quando disse para aquele babaca que eu estava num mau dia.

Queria arrancar o telefone da mão dela e jogá-lo pela janela – e provavelmente teria feito isso, se Brynne não tivesse desligado e guardado no bolso.

— Você entendeu o que eu quis dizer, Brynne, e não debocha de mim pra ele.

— Você me fez passar vergonha, Ethan! O Paul agora acha que você...

— Eu tô cagando e andando pro que aquele filho da puta acha. Que é que você tem com ele, aliás?

— Ele é um cara legal, um amigo — não olhou para mim ao dizer isso, e eu soube. Porra, como eu sabia.

— Ele te comeu, Brynne? Ele conhece essa tua boceta que foi feita pra foder? Ele já passou a mão em você, te meteu o caralho também? Hein? Quero saber. Conta pra mim sobre você e o Paul, um cara tão legal.

— Você tá sendo um escroto agora — cruzou os braços embaixo dos peitos e olhou para a frente, pelo para-brisa. — Não vou te contar nada.

— Você deu pra ele!?

Ela se mexeu no banco e me olhou de um jeito que doeu nas minhas bolas.

— Quem que você tava pegando antes de se interessar por mim, Ethan? Quem era a sortuda? Já sei que não deve ter sido mais do que uma semana antes da primeira vez que a gente saiu! — começou a gesticular muito. — Falou o cara que acha que uma semana é tempo demais pra ficar sem transar.

Que merda.

Não era nada de que pudesse me orgulhar, ainda mais porque ela estava certa. Odiava admitir, mas não saberia dizer o nome da última com quem estive. Pamela? Penélope? Alguma coisa com P. O Ivan deve saber, ele tinha uma longa lista de *amigas*, e foi ele quem me apresentou a ela. Fiz uma careta ao perceber que não conseguia me lembrar e que, quem quer que fosse, não fazia dela ou da transa memorável mais do que a letra do seu nome.

Paul também começava com *P*, pensei. Tinha quase certeza de que do nome dele eu não ia esquecer.

— Não tá conseguindo lembrar do nome dela? — A Brynne perguntou.

Não.

— De que cor era o cabelo dela, então?

Ruivo claro natural. Isso eu lembrava.

— Você ia pegar ela de novo, se não estivesse comigo? — continuou provocando.

Não respondi. Liguei o carro e comecei a dirigir. Só queria ir para casa e, talvez, tentar voltar para o ponto em que estávamos há poucas horas. Odiava discutir com ela.

— Por que você saiu assim? — perguntei, finalmente. — Depois da noite passada, você me larga assim?

— Não te larguei, Ethan. Acordei, corri na esteira, tomei um banho e fiquei com vontade de tomar um café. A gente vai nesse café a toda hora, e eu sabia que você devia estar cansado de... um... ontem à noite.

Então ela também pensava na noite passada. Não sabia ainda se isso era vantagem para mim, mas esperava que sim. Entrei na garagem do prédio e estacionei o Range Rover. Vi que ela ainda estava espumando de ódio no banco do carona.

Aparentemente, a Brynne ainda não tinha encerrado a discussão.

— É uma coisa que eu faço todas as manhãs. Não estava chovendo e o dia estava perfeito pra uma caminhada no quarteirão — começou a gesticular de novo. — Dei minha corrida na esteira e queria tomar um café mocha de chocolate branco. Qual é o crime?

Não é como se eu tivesse arrombado a Torre e roubado as joias da Coroa ou qualquer coisa assim.

Revirei os olhos.

— Meu amor, você tem ideia de como foi acordar e não te encontrar? Nenhum recado, nenhum bilhete, nada!

Brynn encostou a cabeça no banco e olhou para o teto.

— Meu Deus do céu! Eu deixei um bilhete! Deixei, sim. Coloquei em cima do meu travesseiro pra você ver. Tava escrito: *Fui buscar um café no Java. Volto logo.* Puxa, eu corri na sua esteira e tomei um banho antes de sair. Não é óbvio o que eu estava fazendo? Nada tenho nada pra esconder, só uma manhã normal, Ethan!

Não o tipo de normal que eu quero ter daqui para a frente, muito obrigado!

— Não vi a merda do recado! Te liguei e foi pra caixa postal! Por que você não atendeu, se estava só na fila do café? — saí do carro e abri a porta dela. Queria ficar com ela a sós de novo no apartamento. Essa briga em público já tinha dado.

Ela balançou a cabeça para mim e saiu do carro.

— Tava falando com a minha tia Marie.

Apertei com raiva o botão para chamar o elevador.

— A essa hora da manhã? — guiei-a para dentro e a encurrelei contra a parede, meus braços cercando-a de forma que eu tivesse um pouco mais de controle sobre ela. A garota parecia uma metralhadora desgovernada. O som das portas se fechando e nos deixando a sós era o melhor que eu ouvia nos últimos minutos.

— Tia Marie acorda cedo e sabe que eu também saio a essa hora pra correr — Brynn olhou para a minha boca, os olhos me perfurando, como se ela pudesse me ler. Queria saber o que ela pensava. O que passava no coração dela. Cheguei bem perto, mas não a toquei. Queria só absorver o fato de que eu a tinha de volta inteira, sã e salva.

— Não faz isso de novo, Brynn. Tô falando sério. Essa história de sair sozinha por aí acabou.

As portas do elevador abriram e ela se abaixou para se livrar de mim e sair. Fui atrás dela pelo hall e destranquei a porta da frente do apartamento. Assim que entramos, Brynn se voltou contra mim.

Os olhos dela estavam pegando fogo. Ela estava muito, muito zangada, e incrivelmente bonita, de um jeito que me deixou excitado pra cacete.

— Então não posso ir nem ao Java pra comprar café?

— Não é bem isso. Você não pode ir *sozinha* e, especialmente, sem avisar! — balancei a cabeça, irritado com o que ela tinha feito, joguei as chaves em qualquer lugar e esfreguei os cabelos. — Que parte do que eu tô falando é difícil de entender, porra?

Ela me encarou de um jeito estranho, como se estivesse tentando me compreender.

— De verdade, Ethan, por que você está tão irritado? Ir tomar um café, em plena luz do dia, cercada de pessoas por todos os lados, não pode ser um risco assim tão grande — ela cruzou os braços de novo.

— Até onde eu sabia, você podia ter terminado comigo de novo e ido embora pra casa! — *A verdade às vezes é dura. Eu realmente disse isso em voz alta?*

— Ethan! Eu não faria isso — afirmou, me encarando. — Por que você achou que eu faria?

— Porque você já fez antes! — gritei. *Lá estava aquela filha da mãe da verdade outra vez, serpenteando entre a gente e tendo um belo dia graças às minhas inseguranças.*

— Vai se foder! — se virou e foi para o quarto, batendo a porta atrás dela.

Putá que pariu, ela precisava era de uma boa transa. Podia pensar em algumas coisas que iam calar aquela boca. Qualquer um imaginaria que, depois de ontem, ela ia acordar gentil e suave, como um gatinho dorminhoco. Não tive essa sorte. O que encontrei foi uma gata de rua, feroz e raivosa.

Percebi que tinha deixado o café que ela comprou para mim no porta-copos do carro. Foda-se o café, o que eu precisava era de uma garrafa de vodca e uma dúzia de cigarros.

Também precisava de um banho e de fazer essa mulher, que me deixava incrivelmente frustrado, entender algumas coisas. Nossa, ela dava um puta trabalho quando ficava desse jeito. Mas depois de uma ducha, talvez conseguisse sentar com ela e tentar alguma

argumentação lógica. Fui para o banheiro pela porta dos fundos, em vez de passar pelo quarto, porque imaginei que ela estivesse se vestindo para trabalhar e achei que um pouco de privacidade cairia bem, considerando que ela tinha acabado de mandar eu me foder. Tirei os sapatos, a camiseta e entrei.

E foi preciso pegar meus olhos de volta, que caíram da cabeça e rolaram pelo chão. A Brynne estava em pé, seminua, com uma lingerie muito sexy, se maquiando, arrumando o cabelo ou coisa parecida.

Ela se virou e me lançou um olhar que falou por si e deixou claro o quanto ela ainda estava furiosa.

— Achei o meu bilhete. Estava *debaixo* dos lençóis, que você deixou revirados — deu um sorriso debochado e virou de volta para o espelho, me deixando ver o traseiro delicioso dela, numa calcinha de renda preta que me furou os olhos.

Pensei na bunda dela e na noite passada. No que a gente fez e no que a gente não fez...

Os olhos dela se encontraram com os meus no espelho, um instante antes de ela se curvar, mostrando o colo cor-de-rosa logo acima dos seios, e aquele sutiã de renda preta que ia me matar de ciúmes.

Essa é a minha garota.

Brynne se lembrava também. Algumas coisas podiam estar meio esquisitas entre a gente agora, mas na área do sexo a gente ia sempre muito bem.

— A gente não tá nem perto de terminar essa discussão sobre a sua segurança — me aproximei por trás e peguei um punhado de cabelos dela. Ela respirou fundo e me olhou pelo espelho. — Você tá muito encrencada comigo.

Virei a cabeça dela para o lado e deixei o pescoço à mostra.

— Ahhh! — ela respirou mais fundo. — O que é que você tá fazendo?

Desci até o pescoço dela e passei meus lábios sobre as curvas dele, espetando-o de leve com os dentes. Mordi só o suficiente para arrancar alguns gemidos. O perfume dela era tão bom; me

intoxicava de uma maneira que eu não ia me controlar por muito tempo.

— Não, eu não. Você é quem vai me dizer. Você vai me dizer o que fazer, meu amor. O que eu faço com você primeiro? — mantive uma das mãos no cabelo dela e descii a outra até a barriga, pressionando e descendo em direção à renda preta.

Brynn se contorceu, mas eu segurei firme e continuei escorregando meu dedo médio por dentro dos lábios dela, até o clitóris.

— É isso? — mexi o dedo para a frente e para trás, lubrificando-a, fazendo com que ela ficasse gostosa e molhada para mim, mas não ia meter ainda. Ela ia ter que merecer.

— Meu Deus — gemeu.

Puxei de leve o cabelo dela.

— Resposta errada. Você ainda não me disse o que quer que eu faça. Agora fala: “Ethan, quero que...” — tirei a mão do meio das pernas dela e levei até a boca o dedo que estava lá dentro da boceta dela. Chupei bem, fazendo uma cena. — Hum, tem gosto de mel.

Brynn estava frustrada, quente e cheia de tesão. Eu estava curtindo dar a ela uma lição pelo que tinha aprontado. Ela se encostou em mim e esfregou a bunda no meu membro. Me afastei um pouco dela e ri baixo das reclamações dela.

— Ethan.

Enganchei nela e segurei mais uma vez o cabelo.

— Tava toda rebeldezinha hoje cedo. Ainda tô esperando, Brynn. Me diz o que é que você quer — botei a mão que estava livre na bunda dela e apertei com força. — Você que começou esse joguinho, você sabe. Então me diz o que é que eu vou fazer com você.

Brynn ofegou quando eu enterrei os meus dedos e tentou se esfregar de novo em mim.

— Não. Você não vai conseguir nada sem pedir com jeitinho.

Levantei minha mão e bati na bunda dela com um estalo. Ela gritou e se enrijeceu nas pontas dos pés, se arqueando como a deusa linda que era.

— Ethan, eu quero você... — ela amansou e tentou virar a cabeça para o meu peito.

— Hum, então quer dizer que você gostou de levar uma palmada nessa bunda linda, né? Será que eu te dou outra? — cochichei bem na orelha dela. — Você merece umas palmadinhas, meu amor. Você sabe que merece. E ainda não me disse o que te pedi, sua safada. Diz pra mim o que eu vou fazer com você aqui na pia.

Ela deu um gritinho gostoso, submisso, que fez meu coração se acelerar e me deixou prestes a explodir de tesão.

— Fala pra mim! — bati de novo no traseiro dela e segurei a respiração enquanto esperava uma resposta.

— Ahhh! — ela se ergueu mais ainda e abriu a boca, sem fôlego. Nesse momento soube que tinha vencido, sabia que ela ia me pedir, e a excitação foi diferente de tudo que já tinha sentido antes, quando ela finalmente disse as palavras: — Ethan, você vai me foder aqui encostada na pia!

— Se debruça nela e segura na beirada — ordenei e dei um passo para trás, esperando que ela obedecesse. Ela tremeu um pouco, mas se posicionou como eu mandei, parecendo tão excitada que era quase impossível controlar meu cérebro, mas me fez bem dar uma pausa.

Enfiei meus dedos debaixo do elástico daquela renda preta e a puxei, afastando as pernas dela enquanto ela pisava fora da calcinha. Dava para sentir o cheiro da excitação dela, o desejo por mim, pelo que somente eu era capaz de dá-la. Abri a minha calça e segurei o pau com a mão. Esfreguei por cima da boceta molhada dela, do lado de fora e em cima do clitóris, mas não penetrei.

— Era isso o que você queria, meu amor?

Brynne se apertou em volta do meu pênis e tentou se sentar nele. Ganhou alguns pontos pelo esforço, mas quem mandava naquele negócio era eu. Ainda precisava arrancar outras coisas dela. Minha garota teria que trabalhar um pouquinho mais.

Voltei ao cabelo e puxei outra mão cheia, esticando a nuca e o pescoço dela.

— Responde a pergunta, Brynne — falei suavemente. Sua linda garganta se moveu, engolindo em seco, quando nós dois nos encaramos pelo espelho. O puxão no cabelo era um gatilho para ela. Nunca puxava forte o bastante para machucar, só o suficiente para controlar os movimentos do corpo dela e poder dominar durante o sexo. Isso a levava à loucura, e se isso não estivesse funcionando agora, nada iria. Eu estava determinado a agradá-la.

— É, quero o seu pau, Ethan. Quero que você me foda e me faça gozar! Por favor! — o corpo dela tremia encostado no meu, fervendo de calor.

Ri e lambi o pescoço dela, todo esticado para mim.

— Boa garota. E qual é a verdade, meu amor? — acariciei o clitóris dela, sempre sensível, e esperei, adorando o gosto daquela pele e cheiro da excitação que ela exalava.

— A verdade é que eu sou sua, Ethan! Agora vai, por favor! — implorou e meu coração se inflou ao ouvir essas palavras.

Era a perfeição em seu estado absoluto.

— Você é mesmo, e eu quero muito. Te dar prazer me dá prazer — encaixei a cabeça do meu pau e enfiei tudo o que podia, o mais fundo que dava. Nós dois gritamos quando nossos corpos se ligaram.

Continuei a segurar aquele cabelo sedoso enquanto a comia por trás, para que pudesse ver seus lindos olhos através do espelho. Esse é o meu negócio. Não sei por quê, mas com a Brynne eu preciso ver os olhos dela quando transamos. Quero olhar para eles e ver cada sensação, cada golpe e cada movimento dos nossos sexos se relacionando, nos levando adiante até o fim, até nos perdermos em uma sensação que só pode acontecer entre nós dois juntos.

Há algo verdadeiro em olhar nos olhos do seu amor quando você atinge o prazer, e me afogar nos olhos da Brynne nessa hora era uma coisa tão poderosa, que me ligava a ela de uma maneira significativa, importante e real. A intensidade do que acontecia entre nós me assustava de verdade. E me deixava extremamente vulnerável, mas já era tarde demais. Eu já estava entregue.

Os músculos internos dela se estreitaram quando chegou ao clímax, gritando meu nome e tremendo toda. Continuei com

investidas dentro dela, lá no fundo, sentindo cada puxão, cada apertão daquele órgão que engolia o meu. Era tão gostoso senti-la se contraindo no meu pênis que meus olhos arderam.

O corpo da Brynne era perfeitamente planejado para fazer sexo, mas era ela que importava. Era *ela* que eu amava. Nos segundos antes de gozar, meti nela o mais fundo que pude e cravei os dentes no ombro dela. Eu ouvi Brynne gritar, mas não saberia dizer se tinha sido de dor ou de prazer. Não tive a intenção de machucá-la, mas estava praticamente fora de mim naquela hora, querendo agarrá-la, segurá-la, prendê-la comigo, preenchê-la com meu gozo, torná-la minha.

Quando meu líquido se derramou para dentro dela, disse outra vez:

— Eu... te... amo...

Olhei bem nos olhos dela pelo espelho.

Claro que a gente não chegou ao trabalho nem perto da hora marcada. Não tinha problema. Algumas coisas eram mais importantes. Ficamos destruídos depois do sexo e mal conseguíamos ficar de pé; então eu a peguei no colo e a levei para o chuveiro comigo. Fiquei olhando-a, tocando e beijando o corpo dela. E pensando. Depois do chuveiro, a enrolei numa toalha e a levei de volta para a cama; foi só aí, com ela deitada do meu lado, toda suave e satisfeita, que começamos a conversar.

— Não é seguro você ir sozinha. Não pode mais. Não sabemos os planos dessas pessoas e não vou te deixar correr esse risco — disse isso calmamente, mas com firmeza; não ia ceder nesse ponto, e isso precisava ser dito. — Ponto final.

— Mesmo? É assim tão sério? — ela parecia estar surpresa, e logo depois, o olhar amedrontado que eu já conhecia reapareceu no seu rosto.

— A gente não sabe o que tá rolando na campanha do Oakley ou na dos adversários dele. Precisamos assumir que ele está de olho em você, Brynne. Ele sabe onde você esteve nesses últimos anos, onde você mora e trabalha, e provavelmente também sabe quem são os seus amigos. Preciso conversar com a Gabrielle e com o

Clarkson. Eles têm que saber o que fazer caso sejam procurados por alguém atrás de você. Seus amigos sabem de tudo, né?

Brynne concordou com pesar.

— Só não entendo por que alguém ia querer me fazer mal. Não fiz nada de errado e com certeza não quero desenterrar o passado. Só quero esquecer que isso tudo aconteceu! Como isso pode ser culpa minha?

Dei um beijo na testa dela e fiz um carinho no queixo, com o meu polegar.

— Você não tem culpa nenhuma. A gente só vai tomar conta de você. Tomar conta muito, muito bem — expliquei, dando em seguida três beijinhos nos lábios dela.

— Não quero nada do senador Oakley...

— Porque você não é oportunista. Mas a maioria das pessoas ia se aproveitar e tentar tirar algum dinheiro dele em troca de ficar quieta. Você não fez isso, mas eles devem estar de olho em você, pra ver se vai fazer. E tenho certeza de que estão vigiando também pra ver se os inimigos do Oakley tentam se aproximar de você. Pra falar a verdade, são os adversários dele que me preocupam mais. O fato de o Oakley saber sobre o vídeo faz dele culpado, resumindo. O filho adulto dele e alguns amigos cometeram um crime, e ele abafou. Para os inimigos dele, essa informação é um tesouro. Sem falar que é uma história sórdida, que venderia muito jornal.

— Ai, meu Deus — ela rolou na cama e deitou de barriga para cima, com as mãos cobrindo os olhos.

— Mas olha aqui — puxei-a de volta, de frente para mim. — Nada disso, ok? Vou garantir que eles te deixem em paz, por várias razões. Porque é meu trabalho e porque você é a minha namorada.

Segurei o rosto dela perto do meu.

— Você não mudou de opinião sobre isso, né? — não deixei que ela se afastasse, precisava de alguma afirmação ali. Precisava saber. — A noite passada foi muito louca.

— Meus sentimentos não mudaram — interrompeu Brynne. — Continuo sendo a sua namorada, Ethan. A noite passada não mudou nada em mim. Você tem seu lado obscuro e eu tenho o meu. Te compreendo.

Eu a envolvi com o edredom e beijei-a devagar e cuidadosamente, deixando que ela soubesse o quanto precisava ouvir isso tudo. Ainda assim, queria mais. Sempre mais. Como alguém poderia se satisfazer, quando ela era tão doce, linda e adorável?

— Me desculpa por hoje de manhã — falou, acompanhando o desenho da minha boca com um dos dedos. — Prometi que não ia te deixar de novo e foi pra valer. Fico triste que você tenha pensado isso. Você me assustou quando acordou do pesadelo, Ethan. Foi horrível te ver sofrendo daquele jeito.

Dei um beijo no dedo dela.

— Meu lado mais egoísta ficou tão feliz de te ter aqui. Ver você foi um alívio tão grande, não consigo nem explicar as emoções que senti quando te vi a salvo aqui ao meu lado. Mas meu outro lado odiou saber que você assistiu a tudo — balancei a cabeça. — Eu *odiei* que você me tivesse me visto daquele jeito, Brynne.

— Você já me viu ter um pesadelo e isso não mudou o que sentia por mim.

— Não, não mudou.

— Então por que seria diferente comigo, Ethan? Você não divide comigo, você não me deixa entrar — ela soava triste de novo.

— Não sei... Vou tentar, ok? Nunca falei muito com ninguém sobre o que aconteceu. Não sei se consigo... E não sei se quero que você passe por isso. Meu lado mais escuro não é um lugar onde eu queira que você vá, Brynne.

— Meu amor — ela segurou na minha testa e olhou bem nos meus olhos. — Eu iria lá por você. Quero ser importante o suficiente para você me contar todos os segredos, e você precisa me deixar entrar. Sou boa ouvinte. O que você sonhou?

Queria tentar ser normal com ela, mas não sabia se conseguiria. Acho que era algo que precisava encarar, caso quisesse ficar com ela. Brynne era teimosa, e uma parte de mim já sabia que ela não ia desistir só porque eu não queria falar sobre isso.

— Você é importante o suficiente, Brynne. Você é tudo o que importa pra mim — beijei-a novamente, explorando sua boca com a minha língua, saboreando o gosto dela e adorando que se abrisse

tanto para mim. Mas o beijo teria que acabar uma hora ou outra, e ainda teria que encarar meus monstros.

Arrumei coragem em algum lugar e respirei fundo. Deitei de costas e olhei para a claraboia. O dia tinha ficado tão cinza quanto meu espírito e parecia que ia chover a qualquer momento. Bem de acordo com o estado da minha mente – completamente nublada. Brynne continuou deitada onde estava, esperando que eu dissesse alguma coisa.

— Sinto muito por ontem à noite e pela maneira que agi com você em seguida. Fui autoritário demais — falei mais suavemente. — Você me perdoa?

— Claro que perdoo, Ethan. Mas quero entender o porquê — ela esticou uma das mãos e colocou-a em cima do meu peito.

— O pesadelo foi com uma época em que eu estava no exército. Minha tropa caiu numa emboscada, a maioria morreu. Eu era o oficial mais graduado, e a minha arma engasgou. Me pegaram. Os afegãos me prenderam e me interrogaram por 22 dias.

— Foi assim que você ficou com essas cicatrizes nas costas? Foram eles que fizeram isso com você? — a voz dela era suave, mas eu podia reconhecer a preocupação nas palavras que ela usava.

— Foi. Eles dilaceraram minhas costas com o chicote... E outras coisas.

Ela me apertou um pouco mais forte e eu engoli com dificuldade, cada vez mais ansioso. Mas continuei, me sentindo mal por iludi-la, mas incapaz de explicar claramente que as minhas piores cicatrizes não eram aquelas nas costas.

— Sonhei com uma coisa que realmente aconteceu... Era uma época em que achava que fosse ser... — interrompi a frase. Minha respiração estava tão acelerada que não conseguia falar mais. Não podia contar. Não para ela.

— Seu coração tá batendo muito rápido — ela levou os lábios ao meu peito e beijou-o ali, onde ficava meu coração. Botei a minha mão em cima da dela e a segurei, acariciando seu cabelo mil vezes, sem querer parar. — Tá tudo bem, Ethan. Você não tem que falar nada, se não estiver pronto. Vou estar aqui.

A voz dela tinha o mesmo tom triste de novo.

— Não quero que você sofra por minha causa.

Fiz um carinho na bochecha dela com o meu polegar.

— Você é de verdade? — cochichei.

Ela sorriu e concordou com a cabeça.

— Quando acordei hoje de manhã e você tinha ido, achei que poderia ter me abandonado por causa de toda aquela situação na noite passada. Então eu pirei, Brynne... Não posso ficar sem você agora. Você sabe disso, não sabe? Não posso, simplesmente não posso — passei o dedo sobre a marca vermelha no ombro dela, onde eu tinha cravado os dentes mais cedo, no auge de um orgasmo enlouquecedor na beirada da pia. Refiz o desenho com a língua. — Te deixei marcada. Me desculpa por isso também.

Ela se arrepiou toda.

— Olha — segurou meu rosto e me virou para ela. — Eu te amo e quero ficar com você. Sei que não falo isso o tempo todo, mas isso não quer dizer que eu não sinta. Ethan, se eu não quisesse ficar com você, ou não pudesse, eu não estaria aqui... Você sabe disso.

Expirei com um alívio tão grande que demorei um minuto para encontrar minha voz.

— Repete isso.

— Eu te amo, Ethan Blackstone.

Capítulo 10

Marcamos um almoço no Gladstone's e o Ivan estava atrasado. Não sei por que ainda me preocupava em ser pontual com o meu primo, já que ele nunca era. Chequei o relógio e olhei em volta da sala. O lugar que antigamente era um clube de cavalheiros tinha sido todo reformado e modernizado com tecidos brancos, muitos vidros e madeira clara, e não se parecia mais em nada com o enclave exclusivamente masculino frequentado por nobres londrinos há mais de cem anos.

Bom, o Ivan teria se encaixado nesse cenário também. Meu primo era um deles, muito embora detestasse ser lembrado disso e certamente não agisse como tal. Nenhum de nós pode mudar a maneira como nasce, e o Ivan não podia evitar que seu pai fosse o Barão Rothvale, tanto quanto eu não podia evitar que meu pai fosse motorista de táxi. De qualquer jeito, a gente tinha uma conexão que ia muito além de onde dinheiro algum jamais poderia nos levar.

Mas com quem eu estava brincando? Ivan poderia cair de um precipício, se quisesse, que eu tinha duas belas mulheres à mesa comigo, parecendo felizes e lindas – minha garota e sua melhor amiga.

— Vocês duas estão com cara de que fizeram boas compras — servi as duas do riesling que havia pedido ao garçom.

Brynne e Gabrielle sorriram e se entreolharam, cúmplices, obviamente compartilhando segredos femininos cujos mistérios eu jamais iria compreender. Elas tinha saído para fazer compras, quando recebi uma mensagem da Brynne perguntando onde eu ia almoçar. Como elas estavam a poucos quarteirões do Gladstone's, as convidei para se juntarem ao meu encontro com o Ivan. Queria apresentá-lo a Brynne, de qualquer jeito, na esperança de que ele pudesse exercer alguma influência na National Gallery para ela. Que se dane, eu não sou tão orgulhoso que não possa pedir um favor. Não que ele se importasse. O homem fazia parte do conselho de um dos museus mais importantes do mundo e não dava a mínima para isso, nem que tentasse. Aliás, tenho certeza de que o Ivan abdicaria de qualquer um desses cargos, se pudesse se safar.

— Foram mesmo, Ethan. Brynne comprou um vestido vintage maravilhoso para usar na abertura da exposição do Mallerton. Espera só.

— Então você está me dizendo que ela vai ficar ainda mais linda do que o normal? — olhei para Brynne, que tinha ficado corada, e depois de volta para Gabrielle. — Era exatamente o que eu precisava; mais admiradores atrás dela. Achei que pudesse confiar em você, Gabrielle, pra me dar uma ajudinha. Por que vocês não foram a uma loja que vendesse vestidos feios?

As minhas palavras eram brincadeira, mas por dentro eu falava a verdade. Odiava quando outros homens olhavam para a Brynne como se a imaginassem nua.

Gabrielle deu de ombros.

— Foi a tia Marie que levou a gente na loja. Aquela mulher tem um olho para achar as coisas mais raras. Uma joia só com roupas vintage, escondida numa esquina tranquilinha de Knightsbridge. Vou voltar lá com certeza — ela sorriu para mim. — E de qualquer maneira, Ethan, a concorrência vai fazer bem a você.

Gabrielle deu um gole no vinho e desviou a atenção para checar mensagens no celular.

— Isso não é verdade. Já estou tendo muito trabalho do jeito que está, muito obrigado — peguei a mão da Brynne e a beijei. — Que bom que você veio almoçar comigo.

Ela sorriu e não disse nada, com aquele charme misterioso dela. Desejei que estivéssemos sozinhos.

Pelo que pude reparar, Gabrielle era uma amiga dedicada, mas ferozmente protetora. A gente se entendia, mas somente enquanto ela me visse como aliado, não como inimigo – por enquanto, tinha passado no teste. Era bonita, de um jeito próprio, mas não fazia o meu tipo. O cabelo escuro e comprido, com algumas mechas vermelho escuro, combinando com os olhos verdes, era de impressionar. Tinha o corpo bonito também; ainda que não fizesse meu tipo, eu não estava morto e ainda podia olhar.

A cor dos olhos dela me lembrava os do Ivan. O mesmo verde. Me perguntei o que ele acharia dela quando chegasse aqui, mulherengo como era. Aposto que iria gostar. Tive que prender o riso. Gabrielle provavelmente o mandaria se ferrar na cara dele e Ivan ia perguntar se ela queria ir junto, sem piscar, na maior cara de pau. Seria engraçado de assistir, se ele chegar em algum momento.

A companheira de apartamento da Brynne era, como ela, uma americana vivendo em Londres, que estudava arte na faculdade e ia se virando longe de casa. O pai dela, no entanto, era cidadão britânico. Polícia Metropolitana, um tal Robert Hargreave, inspetor-chefe da Nova Scotland Yard. Já tinha dado uma checada e tudo parecia nos conformes, um policial respeitável. Talvez eu devesse marcar uma reunião com ele uma hora dessas, ainda que as coisas com o senador Oakley estivessem bem calmas. Nenhuma notícia, boa notícia – era o que diziam. E assim eu esperava.

— De que cor é esse vestido maravilhoso que vai me deixar louco de ciúmes quando os homens todos se jogarem em cima de você?

— É roxinho claro, cor de lavanda — ela sorriu. — Tia Marie encontrou com a gente lá e foi muito divertido. Ela tem mesmo um olho muito bom para moda.

— Ela podia ter vindo almoçar com a gente.

— Eu ia gostar muito, mas ela foi encontrar umas amigas do clube do livro para almoçar. Ela mandou eu dizer que quer muito te conhecer — Brynne corou de novo, como se a ideia das nossas famílias se encontrarem pela primeira vez a deixasse tímida.

Ela possuía uma certa timidez que era charmosa em público, mas que não durava muito quando estava no quarto comigo. Não mesmo. Minha garota não era tímida comigo nessas circunstâncias, e isso era ótimo. Pensei em quantas horas mais ia esperar até a noite, quando poderia levá-la de novo para o meu quarto, onde ela me mostraria um pouco mais desse lado nada tímido.

Ultimamente, a gente vinha incendiando os lençóis... E as paredes do chuveiro... Minha mesa de trabalho... O tapete em frente à lareira... A espreguiçadeira da varanda... Até mesmo a academia. Me ajeitei na cadeira e relembrei a malhação desta manhã com muito carinho. Quem imaginaria a diversão que um banco de supino poderia ser, com a Brynne escorregando para cima e para baixo...

— Você vai adorar a Marie, Ethan — falou Gabrielle, distraída, checando as mensagens no celular e interrompendo meus delírios eróticos. Precisava arrumar meu pau no lugar, mas em vez disso me forcei a sorrir para as duas.

Eu ainda não conhecia a famosa tia Marie, mas isso era questão de tempo. A gente tinha decidido que já era hora de apresentarmos nossas famílias num jantar na minha casa. Meu pai, a tia da Brynne, Gabrielle, Clarkson, Neil e Elaina. Conversamos e achamos que era melhor contar para todo mundo o que estava acontecendo entre nós e as possíveis ameaças a Brynne. Todos eram próximos o suficiente para saberem o que estava em jogo. Brynne era importante demais para corrermos qualquer risco, e todos já conheciam a história dela de qualquer forma.

— Bom, eu mal posso esperar para conhecê-la. Ela parece adorar você — olhei para o relógio de novo. — Não acredito que o Ivan vai furar com a gente desse jeito. É muita falta de educação.

— Por que você não liga pra ele? — sugeriu Brynne.

— É perda de tempo. Ele nunca atende o celular. Acho que ele nem liga aquela porcaria.

— Ah, não! — Gabrielle tirou os olhos das mensagens de texto e se levantou abruptamente, juntando suas sacolas. — Tenho que ir para a faculdade, eles estão com um problema numa pintura. Um acidente derramou solvente num quadro raro da — olha isso, Brynne — Abigail Wainwright. Uma péssima combinação.

— Realmente, isso não é nada bom — concordou Brynne, balançando a cabeça. — O solvente vai corroer a tela, se não neutralizarem o efeito logo.

Tentei acompanhar o papo de *nerd* artista das duas, mas não era fácil para mim. Não acho que haja uma só veia artística no meu corpo. Mas, apesar disso, sei apreciar. O retrato da Brynne era o auge da arte, em minha opinião.

— Você quer uma carona de volta? O Neil te leva lá se você quiser — ofereci.

— Não preciso, eu pego um táxi, vai ser mais rápido. Preciso ir agora, mas obrigada. A gente se vê amanhã à noite na sua casa, Ethan. Aproveitem o almoço, vocês dois.

— Depois me conta como ficaram as coisas — disse Brynne. — Se tem alguém que pode consertar esse estrago, é você, Gaby!

Gabrielle a abraçou, me mandou um tchauzinho e saiu, atraindo olhares de aprovação de muitos homens com sua beleza alta e curvilínea.

Sorri para Brynne e segurei as duas mãos dela.

— Acabou que eu vou ter você só pra mim no almoço — e cochichei o resto: — Pena que a gente tá em público.

— Eu sei. A gente não tem conseguido fazer isso — ela apertou um pouco as minhas mãos. — Você tem trabalhado tanto e não posso nem imaginar como vai ser com as Olimpíadas, Ethan! Meu Deus, vai ser um trabalhão. Toda essa gente. O príncipe William e a duquesa Kate!

Concordei.

— É, eles vão estar em alguns eventos. O príncipe Harry também. Ele é divertido.

— Você o conhece? — perguntou, incrédula.

Concordei.

— Posso tentar te apresentar se você quiser, desde que você não tenha uma queda por príncipes de cabelo ruivo.

— Nunca! — respondeu, com um olhar sedutor. — Meu negócio são os caras morenos da segurança.

Quem ligou o aquecedor? Cheguei a olhar em volta do salão para ver se encontrava uma saída. Se tivesse uma porta escrito “privado”, eu juro que levava a Brynne para lá e tirava a roupa dela em dois segundos – e olhe lá.

— Você é muito cruel, srta. Brynne.

Sentada ali na minha frente, do outro lado da mesa, ela parecia bem satisfeita consigo mesma. Tanto, que relembrei com carinho as boas palmadas que dei nela na pia do banheiro. Deus, como ela era sexy, determinada a me deixar louco.

— Então, voltando ao seu trabalho. Você vai coordenar a segurança das Olimpíadas, caramba! — a animação dela me tirou dos meus devaneios. Talvez tenha sido boa coisa.

— Bom, não vou reclamar, é uma ótima oportunidade para a empresa, mas o estresse não me agrada. Só quero que tudo corra bem. Sem planos, sem malucos com um machado tentando fazer merda em nome de uma causa doida qualquer, sem bombas, sem constrangimentos, só aí vou poder respirar. Os clientes ficam felizes e seguros, e eu fico satisfeito — peguei minha taça de vinho e abri o cardápio. — Acho melhor a gente pedir. Acho que o Ivan não vai aparecer. Ele tá sempre atrasado!

Brynne me disse o que queria comer, caso o garçom aparecesse, e pediu licença para ir ao toalete. Fiquei observando enquanto ela se afastava, assim como os olhares que recebia dos homens no salão. Suspirei. Por mais que Brynne fosse reservada, ela tinha alguma coisa que fazia com que as pessoas a notassem. Algo que ainda ia me dar muito trabalho, mas que fazia parte do pacote. Os homens sempre olhariam para ela. *E a desejariam. E tentariam tirá-la de mim.*

O trabalho estava uma loucura, e quanto mais ocupado ficava, menos capaz de tomar conta dela eu me tornava. As duas últimas semanas tinham sido boas para nós no quesito relacionamento, mas não tinham passado sem preocupações. Elas não iriam embora

nunca. Eu já estava na área de segurança há tempo bastante para saber que, mesmo se tudo parece estar perfeitamente em ordem, não se pode baixar a guarda. Ela ainda estava muito vulnerável, e isso me deixava louco.

— Desculpa, E. Perdi completamente a noção do tempo — desculpou-se Ivan, ao chegar de repente e se sentar em frente a mim.

— Que bom que você pelo menos veio. Para o encontro que você mesmo marcou, devo lembrar. Não senta aí. Brynne veio comigo — aponte para a cadeira ao lado. — Ela deve estar voltando.

Ivan trocou de cadeira.

— Apareceu um negócio e eu me desviei.

— Sei. Seu pau que se desviou. Quem você tá pegando agora?

— Não enche, não foi isso. Esses repórteres me seguindo... Preciso de alguma coisa mais forte do que isso — apontou o vinho e fez o sinal para o garçom, deixando escapar um olhar vazio e sofrido, imediatamente disfarçado, a salvo de curiosos.

Deixei-o em paz. Meu primo tinha seus defeitos, mas quem não tem? O que não significava dizer que ele merecia tudo que já tinha passado. É, o Ivan era tão fodido quanto qualquer um de nós.

Brynne voltou para a mesa instantes depois, com uma expressão enigmática no rosto. Se fosse chutar, diria que ela estava planejando alguma coisa. Fiquei pensando no que seria.

Fiquei de pé e segurei a mão dela, chutando o pé da cadeira do Ivan, para ver se ele se tocava de fazer a mesma coisa. Ele deu um pulo e arregalou os olhos quando a viu. Queria ter chutado era a perna dele, em vez da cadeira.

— Brynne, esse é o meu primo, Ivan Everley. Ivan, Brynne Bennett, minha linda e, devo te lembrar, muito *comprometida* namorada.

— *Enchanté*, Brynne — segurou a mão dela e deu um beijo, nada inocente no meu manual, mas como esperar algo diferente dele?

Pergunta retórica mais estúpida.

Como sempre, Brynne deu um lindo sorriso e cumprimentou Ivan educadamente, enquanto eu a ajudei a se sentar e em seguida

me sentei também. O Ivan ficou parado de pé, como um idiota.

— Você já pode se sentar, primo. E também pode fechar a boca — falei para ele.

— Bom, Brynne, eu vim pronto pra te perguntar como você tinha conseguido fisgar o Ethan, mas agora que te conheci, acho que essa pergunta serve mais para ele — Ivan olhou para mim. — Como diabos você conseguiu arrumar uma criatura assim tão maravilhosa, E? Quer dizer, olha pra ela! E você? Você é tão chato e ranzinza o tempo todo — ele se virou novamente para a Brynne, com uma cara de deboche e a mão no queixo: — Minha querida, o que você viu nele?

— Meu Deus, como você é idiota, Ivan!

Brynne riu e comentou qualquer coisa sobre como eu tinha sido persistente quando quis convidá-la para sair.

— Ele insistiu muito, Ivan. O Ethan não desistia nunca, até que finalmente nós saímos juntos um dia — deu um gole no vinho e piscou para mim. — Vocês dois são tão diferentes. Vocês sempre foram assim tão próximos?

— Sim — nós respondemos ao mesmo tempo. O olhos do Ivan se encontraram com os meus e tivemos um daqueles momentos de conexão, que acabou tão rapidamente como começou. Essa conversa era para outra hora. Isso aqui era um encontro social.

— Pertinho de matá-lo! — pisquei de volta para a Brynne. — Não, sério, eu o mantenho vivo e tolero todas as chatices dele, enquanto ele é muito grato a mim, não é isso mesmo, Ivan?

— Acho que sim... É melhor do que querer me matar — respondeu.

Brynne riu.

— Quem quer te matar, Ivan?

— Muita gente! — Ivan e eu falamos novamente ao mesmo tempo.

Nós dois rimos junto com a Brynne, que estava se divertindo. O garçom chegou para fazer seu trabalho, então alguns minutos se passaram até que eu pude explicar a ela um pouco mais sobre o meu primo excêntrico.

— Humm, por onde começar? — fiz uma pausa de efeito. — Nossas mães eram irmãs, e a gente anda junto desde sempre. Mas não fosse a ligação de sangue, duvido muito que a gente tivesse se conhecido. O Ivan é um aristocrata, sabe? Por hereditariedade e aos olhos da Federação Mundial de Arco e Flecha.

Ivan fez uma careta para mim.

— Brynne, você está olhando para o Lorde Rothvale, décimo terceiro barão ou qualquer coisa assim, ou *Lorde Ivan*, como ele é chamado pelos companheiros desportistas — fiz um gesto de floreio. — Em carne e osso.

Foi a vez de a Brynne fazer cara de espanto:

— Rothvale como na galeria em que eu restauro os quadros?

— Mais ou menos. O nome é em homenagem ao meu tetravô, mas não tenho qualquer ligação com a galeria.

— Mas na National Gallery você tem — lembrei a ele.

Brynne me olhou, incrédula, e depois para o Ivan.

— Você é do conselho de diretores da National Gallery, Ivan?

Ivan deu um longo suspiro:

— Sou, minha querida, mas não por escolha própria. Herdei o cargo e não consigo me livrar dele. Meu conhecimento é muito raso, sinto muito. Não sou como você, uma especialista em restauração, como o E me contou.

— Nossa, eu amo o que eu faço. Tô trabalhando agora num Mallerton lindo — Brynne olhou para mim e segurou na minha mão.

— O Ethan me ajudou a solucionar o mistério do título do livro que a mulher no quadro segura nas mãos.

— Ela é realmente brilhante, Ivan — confirmei, esfregando o polegar naquela mão que eu não queria soltar. — Eu só traduzi uma frase em francês para ela.

Ivan parecia estar encantado.

— Nossa, vocês estão mesmo em sintonia. Querem que eu deixe os dois a sós, pra você traduzir mais um pouco de francês pra ela?

Brynne soltou minha mão. Eu encarei o Ivan e ele continuou a falar, com um sorriso malicioso.

— Pode ser que eu tenha um trabalho para oferecer, na verdade. Talvez para uma equipe inteira. Nossa propriedade na

Irlanda, Donadea, tem salas e salas cheias de pinturas do século XIX. Uma porrada de Mallerton, inclusive. — Ivan olhou para o teto, envergonhado. — Perdoe meu francês, mas preciso que alguém organize e catalogue o acervo. Acho que tem mais de um século que ninguém toca neles — Ivan balançou a cabeça e jogou as mãos para cima. — Eu nem faço ideia do que tem lá, só que é muita coisa e que precisa ser visto por um profissional. Isso está na minha lista de pendências a resolver — inclinou a cabeça na direção da Brynne e lançou para ela um olhar que me pareceu bem mais sedutor do que seria adequado dirigir a minha namorada. — Interessada?

Não, ela definitivamente não está interessada em ir para a sua propriedade na Irlanda e catalogar suas pinturas enquanto você tenta arrumar um jeito de levá-la pra cama!

— Claro! — respondeu Brynne.

— Só se eu for de acompanhante, mas minha agenda está praticamente lotada até depois de agosto — e fiz uma cara feia para ele saber que Brynne só iria sozinha para a Irlanda com ele passando por cima do meu cadáver.

— Que foi? Não confia em mim, E? Seu próprio sangue! — balançou a cabeça. — Que triste.

— Com ela? De jeito nenhum! — peguei a mão da Brynne de novo; a necessidade de tocá-la era maior do que o fato de que eu era um monstro ciumento com qualquer um que tentasse fazer uma gracinha com ela, até mesmo meu primo.

— Sabe de uma coisa? Eu devia te apresentar para a Gabrielle, que mora comigo. Ela tá fazendo a dissertação dela sobre o Mallerton. É a pessoa certa pra classificar seus quadros, Ivan. A Gaby tava aqui agora mesmo, mas teve que ir embora. Que pena que vocês não se encontraram. — Brynne sorriu com doçura, orgulhosa da sugestão que havia dado. Ela soltou a mão da minha com um tapinha de leve, seguido de um olhar de censura.

— Isso mesmo! — me interessei pela ideia. — Gabrielle seria perfeita para o trabalho, Ivan.

As fagulhas que voariam entre os dois seria um espetáculo imperdível. E como foi Brynne quem sugeriu, eu era completamente

inocente nessa. Qualquer coisa que desviasse a atenção dele para longe da minha namorada estava ótimo para mim.

— Vou apresentar vocês na abertura da exposição do Mallerton. É só não falar demais, que você vai se sair bem — aconselhei, num tom condescendente. — Apenas mostre a ela suas pinturas.

Ivan me ignorou e preferiu se concentrar em fazer charme para a minha namorada.

— Puxa, Brynne, obrigado. Eu vou gostar muito de conhecer a sua amiga e convencê-la a pegar o trabalho. Você não faz ideia. Arrumar esse acervo é uma daquelas tarefas que eu já deveria ter concluído há anos...

Ahá! Espera só até você ter uma boa dose de Gabrielle, pra ver se não vai querer que essa tarefa dure por muito tempo ainda!

Nossos pratos chegaram e logo começamos a comer. Ivan tagarelado bobagens com Brynne e falando dos problemas dele com a sua segurança para mim; antes que me desse conta, era hora de voltar ao escritório.

Deixei Brynne com Ivan enquanto fui buscar o carro. Ele piscou para mim e me garantiu que ficaria de olho nela. Agradei a ele por nos oferecer o almoço e lancei para ele um olhar de alerta que não deixava dúvidas do quanto eu realmente precisava da ajuda dele. Sabia que meu primo estava só jogando comigo. O coitado provavelmente estava chocado em me ver desse jeito por causa de uma garota, e tenho certeza de que depois, numa conversa particular, comentaria várias coisas sobre ela. *Que beleza.*

Entreguei o ticket ao manobrista e dei uma boa checada na área. Era um hábito, algo que eu fazia sempre que saía. Um cara de paletó marrom estava encostado no prédio, esperando. Ele tinha aquele olhar faminto e uma câmera no pescoço. Na hora, saquei que era um desses fotógrafos de celebridades. Eles viviam para tentar flagrar os ricos e famosos entrando e saindo de lugares como o Gladstone's.

O manobrista me entregou o carro e eu entrei para esperar. Liguei o som e botei para tocar "Butterfly", do Crazy Town. Música perfeita, pensei, batucando com o polegar no volante, enquanto Brynne e Ivan saíam do restaurante com toda a calma do mundo.

Não estava nem um pouco animado com o lugar para onde levaria Brynne em seguida. Sessão de fotos. Se tinha uma coisa que eu mudaria se pudesse na minha garota, seria isso. Eu não suportava que ela ficasse nua em frente a uma câmera, para outros homens admirarem seu corpo. Era uma beleza, verdade, mas não queria que ninguém mais visse o que era *meu*.

Meus devaneios foram interrompidos quando Ivan abriu a porta do carro para Brynne, despedindo-se com dois beijos nas bochechas, bem espalhafatoso.

Ao mesmo tempo, aquele paparazzi de merda começou a fotografar! Eles se pareciam com celebridades, mesmo que não fossem — e, tecnicamente, o Ivan era uma. *Jesus Cristo!*

Brynne estava deslumbrante no meio da rua, conversando com o meu primo. Como eu sobreviveria a isso? A vontade de fumar era quase sufocante, mas meu vício teria que esperar um pouco.

— Tchau, Ivan! Foi ótimo te conhecer, e vai ser ótimo te encontrar na abertura da exposição — Brynne se sentou no banco e sorriu para ele.

— Também foi ótimo te conhecer, Brynne Bennett — Ivan se curvou para falar comigo. — Cuida bem dessa linda garota por mim, viu? Sem trancos, nem birras, ok, E? Você consegue!

Ele fechou a porta, rindo.

— Isso foi divertido — falei sarcasticamente, enquanto ia saindo com o carro.

— Gostei muito do seu primo, Ethan. Ele é uma figura, com certeza. Fico feliz que você tenha nos apresentado. Não acredito que você sabia que ele era do conselho da National Gallery e não me contou! — exclamou, me dando um soco de leve no ombro, o que achei incrivelmente sexy.

— Desculpa. Eu sei que ele não dá a mínima pra arte, é só do conselho. — Lembrei da promessa que fiz, de sempre dizer a verdade a ela, e continuei a falar. — Comentei com ele sobre você há algum tempo. Queria ver se ele podia arrumar alguma coisa lá no museu pra você. Também quero muito que consiga seu visto.

Olhei para Brynne sentada no banco ao lado do meu, tão bonita e iluminada, e soube que faria qualquer coisa para mantê-la na

Inglaterra comigo. *Até mesmo o que o Ivan tinha sugerido no telefone?*

— Ah, Ethan! — tocou na minha perna. — Isso é muito gentil, mas vou conseguir uma entrevista por minha conta. É muito importante pra mim. Quero conquistar isso com o meu esforço, não com um favor do seu primo. Não importa o quão bem relacionado ele seja... E paquerador! Caramba, isso ele é mesmo!

— Nem me fala. Eu quis esganá-lo algumas vezes durante o almoço.

— Mas é tudo cena, Ethan. Você deve conhecer o jeito dele. Ele te respeita, dá pra ver o relacionamento que vocês têm. Como irmãos, quase.

— É, o Ivan é um cara bom, no fundo. Só que recentemente ele andou levando umas pauladas que derrubaram ele.

Não levamos todos?

— Não levamos todos? — falou.

Agarrei a mão dela e a mantive em meu colo, como se fosse uma espécie de resposta. Não sabia o que dizer depois daquilo e a gente não estava longe do destino.

Do fundo do coração, queria que o caminho fosse um pouco mais longo. Conforme nos aproximávamos, mais contrariado eu ficava. Quando parei o carro em frente ao estúdio onde ela ia trabalhar, eu era a fúria em pessoa. Senti a irracionalidade percorrer meu corpo e tive que lutar para não me deixar dominar. Sabe a história "O Médico e o Monstro"? Então: meu monstro interior estava dando uma surra no médico, coitado. Chutando sua bunda na sarjeta e disparando socos com alegria.

— O que você vai fotografar hoje? — perguntei. *Por favor, me diga que há alguma roupa envolvida.*

— Ethan, nós já conversamos sobre isso. Você não pode vir junto, mas vai ter que parar de se preocupar. Somos só o fotógrafo e eu, tirando algumas fotos. Somos profissionais trabalhando — ela deu uma pausa. — Tem alguma lingerie envolvida.

— Qual fotógrafo?

— Marco Carvaletti, você já conhece.

— Claro, eu me lembro do italiano bonito que gosta de beijar, *ma bella*.

— Chega, Ethan, deixa de ser idiota — ordenou, cheia de razão.
— Esse é o meu trabalho, do mesmo jeito que você tem o seu.

Olhei-a no banco do carona e quis dizer que ela não podia entrar lá e tirar a roupa. Queria ficar no fundo do estúdio e observar tudo, tomar conta de cada coisa que o Carvaletti fizesse, todos os movimentos, cada sugestão que ele desse. Queria estar lá, caso ele tentasse tocá-la ou olhasse muito de perto. Queria dar meia-volta com o carro e levá-la para casa. Queria foder com ela na parede, no minuto em que chegasse lá. Queria ouvi-la gritar meu nome, com a respiração ofegante, enquanto estivesse gozando. Queria me sentir dentro dela — para ter certeza de que era eu e mais ninguém. Queria tanta coisa.

E não poderia ter nenhuma delas. Nada.

Tive que dar um beijo de despedida e voltar para o trabalho. Tive que dizer a ela para mandar um SMS para o Neil quando fosse a hora de buscá-la, porque eu tinha uma reunião à tarde e não poderia vir. Tive que vê-la se afastar e esperei até que a porta do prédio fechasse e ela estivesse lá dentro. Tive que ir embora e deixar minha garota naquele lugar.

Tive que fazer tudo.

E odiei cada minuto.

Meu humor não tinha melhorado muito quando chegou a hora de sair do escritório. Liguei para Brynne e caiu na caixa postal. Deixei um recado dizendo que levaria o jantar, porque sabia que ela ficava cansada depois de fotografar. *Não pensa na porra das fotos*.

Não me preocupei quando não atendeu, porque sabia que ela estava em casa. Neil sempre me dava um toque depois de deixá-la. Torci para que ela quisesse ficar na minha casa, mas ela não ia topar. Perguntei e ela desconversou. Disse que precisava dormir na própria cama por uma noite — de mais a mais, voltaria no dia seguinte de qualquer jeito, para arrumar o jantar de família que havíamos planejado. Tentava convencê-la a ficar comigo todas as

noites, mas ela ainda estava relutante em abrir mão da liberdade que ela temia perder. Brynne se zangava quando eu interferia demais ou tentava influenciar nas escolhas dela.

Como nos trabalhos de modelo nu. *Você está pensando nisso de novo, imbecil.*

Droga, manter um relacionamento dava tanto trabalho... Tipo, a merda do tempo todo.

Então, sendo o canalha safado que eu era, pesei as opções: minha casa sem Brynne versus o pacote Brynne no apartamentinho mínimo, com menos privacidade ainda se Gabrielle estivesse lá.

Era fácil decidir. Brynne ganhava todas.

Porra, eu ainda ficava fantasiando outra transa na parede e pensei em surpreendê-la com isso, se o apartamento estivesse vazio.

Onde comprar comida? Gostávamos de tantas coisas diferentes. Pensei em pegar uma lasanha no Belissima, mas imediatamente lembrei que o Carvaletti era italiano e mandei a ideia pra puta que pariu. *Aquele babaca a viu nua hoje.*

Brynne adorava a comida mexicana, mas era bem mais gostoso quando ela preparava, bem melhor do que qualquer restaurante na cidade. Eu adorava as influências latino-americanas dos pratos que ela gostava de fazer. Decidi levar um indiano e pedi um makhani de frango, um curry de carneiro e salada. Mandei uma mensagem de texto quando saí do restaurante com a comida: **Tô chegando, linda. Comprei indiano. Frango e carneiro.**

Recebi uma resposta dela imediatamente: **Oi. Tô mto cansada, quero cama. Podemos ã jantar hj?**

O quê? Não gostei do tom da mensagem e comecei a imaginar o que ela queria dizer. Um lampejo de preocupação percorreu o meu corpo. Ela estava me dizendo para eu não ir, ou apenas que ela não estava com fome? Pelo texto, não dava para saber, e eu li e reli aquilo umas dez vezes.

Eu estava cansado, rabugento, desarrumado e com abstinência de nicotina, além de não ter muita certeza de que meu cérebro tinha condições de encarar uma discussão com uma mente feminina possivelmente irracional. Tudo que queria era comer alguma coisa,

tomar um banho e rastejar para a cama com ela. Poderia até mesmo pular o sexo, mas dormir junto era inegociável.

A gente tinha feito uma espécie de acordo sobre onde ficaríamos, porque, sendo na casa dela ou na minha, eu a queria perto de mim. Tinha deixado isso perfeitamente claro para Brynne quando começamos a namorar. Liguei para ela do carro, enquanto dirigia.

— Oi. Eu não tô com fome, Ethan — a voz dela era estranha.

— O que aconteceu, minha querida? Você não tá se sentindo bem? — seria a primeira vez. Ela nunca havia ficado doente antes, exceto por aquela dor de cabeça na noite em que nos conhecemos.

— Meu estômago tá doendo. Eu estava deitada.

— Como se você fosse vomitar? Você quer que eu pare numa farmácia e te leve algum remédio?

Ela fez uma pausa, antes de responder, telegraficamente.

— Não, eu tô com cólica.

Ahhhh. A Monstra. Eu sabia como era por ter uma irmã, mas nunca tive que lidar com isso num relacionamento antes. Na verdade, eu nunca tive uma relação como a que eu tinha com a Brynne. Quando você transa com uma aqui e outra ali, inconvenientes como “ela está naqueles dias” não chegam a aparecer. Mas eu já tinha ouvido as queixas dos amigos por anos a fio e estive perto da minha irmã tempo suficiente para aprender que, quando uma mulher está com os hormônios em ebulição, o melhor é dar a ela o espaço que ela precisa. *Você acha?! Suponho que a bela transa contra a parede que eu tinha em mente estava fora de cogitação agora também. Droga.*

— Ok, posso te fazer uma massagem quando chegar aí. Fora isso, tá tudo bem? Como foi a sessão? — fiquei tenso esperando a resposta dela.

— Hum, foi bem. Boa.

Ela parou e fez um barulho, como se estivesse fungando.

— Conversei com a minha mãe no telefone — ela soava triste, e me perguntei se estaria chorando. Fazia sentido. Na única vez em que falamos, aquela mulher quase me fez sentir vontade de chorar também.

— Nossa conversa não foi boa.

— Sinto muito. Vou chegar logo e a gente conversa melhor.

— Não quero falar sobre ela — rebateu. Brynne tinha aquele tom de voz irritado que me deixava excitado, mas que também me fazia ligar o sinal de alerta.

Fiz uma pausa.

— Tudo bem. Já tô chegando.

— Por que você tá suspirando no telefone?

Céus. Eu tenho certeza de que eu só abri a boca, como um peixinho dourado, porque não tinha nada a dizer depois dessa pergunta.

— Não tô, não.

— Acabou de fazer de novo! — repreendeu. — Se você vier aqui pra me interrogar sobre a sessão de fotos, sobre a minha mãe, então talvez seja melhor nem vir. Não estou a fim disso hoje à noite, Ethan.

Dá para perceber que os hormônios perversos transformaram a minha menina em uma Medusa e que isso está me assustando demais?

— Não tá a fim de falar comigo ou não tá a fim de mim? Porque eu quero falar com você — tentei manter o tom, mas não tinha muita certeza de que estava conseguindo. Não estava gostando nada desse diálogo maluco. Que merda.

Silêncio.

— Alô, Brynne? Eu vou ou não vou praí?

— Não sei.

Contei até dez.

— “Não sei” é a resposta que você me dá?

O que diabos aconteceu com nosso delicioso almoço romântico no Gladstone's? Quero a minha garota meiga de volta!

— Você suspirou de novo.

— Cara, manda me prender. Olha, tô dirigindo um carro cheio de comida indiana, sem saber pra onde ir. Você pode me ajudar aqui, por favor?

Eu me recusava a entrar numa briga por isso. Ela devia estar tendo um dia de merda, crescido dos hormônios – com isso eu

podia lidar. Seria uma droga não poder ficar com ela essa noite, mas ao menos a gente não ia terminar. A Medusa poderia estragar minha noite, mas ela sairia de cena em alguns dias. Assim eu esperava.

— Tudo bem, vem me buscar então — falou com firmeza.

Não podia acreditar nos meus ouvidos.

— Ir te buscar? Achei que você tivesse que ficar em casa essa noite. Você disse mais cedo — falei, mas ela me cortou imediatamente, a língua afiada como uma lâmina.

— Mudei de ideia. Não quero ficar aqui. Vou arrumar uma mala e fico pronta em cinco minutos. Me liga quando chegar lá embaixo que eu desço.

— Sim, senhora — concordei, completamente perplexo.

Esperei até que ela desligasse, antes de soltar um suspiro bem alto. Sacudi a cabeça também. E ainda dei um assobio. Depois dirigi para buscar minha namorada com cobras ao invés de fios de cabelo, língua afiada e temperamento imprevisível, como bom bobalhão que era.

Mulheres... criaturas assustadoras.

Capítulo 11

— Deve ser a tia Marie! Ethan, você pode abrir? Tô enrolada aqui.

Da cozinha, a Brynne fez um gesto para indicar que estava frenética preparando o jantar.

— Deixa comigo — soprei um beijo de longe e falei: — Hora do show, né?

Brynne concordou com a cabeça, linda como sempre, de saia longa preta e uma camiseta roxa. A cor ficava adorável nela, e agora que eu sabia que era a sua favorita, tinha que reconhecer que tive muita sorte naquela primeira vez em que lhe mandei flores roxas.

Entrega total, baby.

Abri a porta para uma linda mulher, de quem eu não tinha outras expectativas além de saber que ela era tia-avó da Brynne. Irmã da avó dela, por parte de mãe. Mas a mulher que sorria na porta da minha casa não tinha nada a ver com a figura de uma tia-avó. De cabelos avermelhados e pele bem lisa, ela parecia jovem e até mesmo... sexy. Não parecia ter mais de 55 anos.

— Você só pode ser o Ethan, de quem tenho ouvido falar tanto, — falou, com o sotaque bem nativo.

— E você é a tia Marie? — hesitei, podia estar errado, mas realmente, as mulheres da família da Brynne eram deslumbrantes. Imaginei novamente como seria a mãe dela.

Ela riu, charmosa.

— Você não parecia ter muita certeza disso...

Convidei-a para entrar e fechei a porta.

— Não mesmo. Estava esperando uma tia-avó, veja bem, não a irmã mais velha dela. Ela está toda ocupada na cozinha e me mandou vir te dar as boas-vindas — estendi minha mão. — Ethan Blackstone. Muito prazer em conhecê-la, tia Marie. Brynne é toda elogios a seu respeito e queria muito encontrá-la.

— Por favor, me chame de Marie — pediu, pegando na minha mão. — Como você é charmoso, Ethan. Irmã dela, hum?

Eu ri e dei de ombros.

— Exagero? Não acho. Seja bem-vinda, Marie. Agradeço que você tenha vindo jantar conosco essa noite.

— Obrigada pelo convite para vir à sua linda casa. Não vejo a minha sobrinha com frequência, então pra mim isso é um bônus. E o seu comentário foi muito gentil, apesar de exagerado. Eu votaria em você, Ethan — Marie piscou para mim e acho que me apaixonei por ela ali mesmo.

Brynne veio da cozinha e abraçou a tia. Por cima do ombro da Marie, ela me deu um sorriso de felicidade. Dava para ver que, quaisquer que fossem os problemas que Brynne tinha com a mãe, ela não os tinha com Marie. Isso me deixou contente. Todo mundo precisa ser amado incondicionalmente por alguém. As duas foram para a cozinha e eu fui preparar drinques, antes que a campainha tocasse de novo. Ri sozinho, imaginando o que meu pai ia achar da Marie, quando batesse os olhos nela. Sabia que ela era uma viúva sem filhos, mas bonita daquele jeito, devia ter uma fila de pretendentes disputando a atenção dela. Mal podia esperar para saber dos detalhes com Brynne.

Clarkson e Gabrielle chegaram em seguida, e já que eles conheciam bem a Marie, tudo o que eu tinha que fazer era preparar os drinques e servi-los. Clarkson e eu tínhamos uma trégua simples, mais ou menos nas mesmas bases do meu relacionamento com

Gabrielle. Todos nos preocupávamos com Brynne e queríamos que ela fosse feliz. Eu não gostava de saber das fotos que ele tirava dela, mas só conseguia ser simpático com ele porque ele era gay. Sério, sei que é um problema que eu tenho, mas se ele fosse hetero e tirasse fotos nuas da Brynne, ele com certeza não estaria na minha casa nesse momento.

Quando o Neil e a Elaina chegaram, me senti um pouco mais à vontade na minha própria casa. Clarkson foi ajudar Brynne e Marie na cozinha, enquanto Gabrielle e Elaina engataram numa conversa sobre livros – alguma coisa que estava na moda, sobre um bilionário muito jovem e sua obsessão com uma mulher mais jovem ainda... E sexo. Muitas cenas de sexo nesse livro, uma em cada página, aparentemente.

Neil e eu nos entreolhamos com solidariedade, porque não tínhamos absolutamente nada a acrescentar à conversa. Quer dizer, quem lê essa porcaria? Quem tem tempo? E mais, por que ler sobre sexo num livro quando pode fazê-lo? Não compreendo. E bilionários na casa dos vinte? Mentalmente balancei a cabeça e fingi me importar. Eu sou um filho da puta.

Olhei para o meu relógio, e assim como um sinal, a campainha tocou. Meu pai, finalmente. Pulei da cadeira para abrir a porta. O pobre Neil parecia desejar vir comigo.

— Pai. Já estava preocupado. Entra e vem conhecer a minha garota, vem.

— Filho — ele me deu um tapinha nas costas, repetindo nosso cumprimento padrão e sorriu. — Você parece mais feliz do que da última vez que te vi. Hannah me disse que você vai até Somerset visitar. Levando Brynne com você.

— É. Quero que todos se conheçam. Por falar em conhecer, vem cá, pai, ela tá pra cá — levei-o para a cozinha e fui recebido pelo brilho mais radiante no rosto de Brynne, assim que ela viu o meu pai. Fez meu coração disparar. Isto era importante. Reunir a família e causar boas impressões. De repente, querer que eles se dessem bem tinha se tornado muito importante para mim.

— Agora, esta deve ser a encantadora Brynne e sua... irmã mais velha? — disse meu pai para Brynne e Marie.

— Ei! Você roubou minha fala, pai!

— É verdade — completou Marie. — Seu filho me disse a mesma coisa quando cheguei.

— Tal pai, tal filho — disse papai, sorrindo alegremente entre Brynne, Marie e Clarkson.

— Meu pai, Jonathan Blackstone — me apressei em fazer as apresentações, passando a mão de leve pelas costas da Brynne. Eu me perguntava o que ela estaria achando disso tudo. A gente tinha chegado tão longe, tão rapidamente. Era um pouco de loucura, mas como tinha dito antes, agora não dava mais para mudar o nosso caminho. Nós estávamos na subida da montanha-russa e agora não tinha como voltar atrás. Ela se encostou em mim e eu a abracei.

Meu pai beijou a mão dela, do mesmo jeito que ele vem cumprimentando moças durante toda a vida. Ele disse como era bom finalmente conhecer a mulher que tinha me fisgado e comentou como ela era bonita. Ela corou e apresentou-o a Marie e ao Clarkson. Imagina se o velho mulherengo não beijou a mão dela também? Balancei a cabeça, sabendo que ele faria graça com todas as mulheres presentes. Se tivessem pelo menos uma das mãos, ele as beijaria. E, claro, ele se interessou pela Marie. Fácil de perceber.

— Não vou beijar a sua, não! — disse papai para Clarkson, enquanto se cumprimentavam.

— Se você quiser, eu deixo — respondeu brincando, o que quebrou totalmente o gelo.

— Obrigado, cara. Você conseguiu deixá-lo completamente sem fala — comentei com Clarkson.

Brynne me olhou e em seguida para o meu pai.

— Agora já sei onde Ethan aprendeu a dar esses beijinhos nas mãos que eu gosto tanto, sr. Blackstone. Dá pra ver que ele foi treinado por um mestre — disse-lhe isso com um belo sorriso. Um sorriso capaz de iluminar todo o cômodo.

— Por favor, pode me chamar de Jonathan. E vem aqui mais um pouco, vou tomar mais essa liberdade — papai se inclinou e beijou o rosto dela! Brynne ficou mais vermelha ainda e um pouco envergonhada, mas parecia estar feliz. Continuei a lhe acariciar as costas e torci para que tudo isso não fosse demais para ela.

— Calma aí, meu velho — adverti, movendo a cabeça em reprovação. — Minha garota. Minha.

Puxei-a para perto, até que ela deu um miadinho.

— Acho que eles sabem disso, Ethan — falou, apertando a mão no meu peito.

— Tudo bem. É pra ninguém esquecer.

— Meio impossível de acontecer, meu amor.

Ela me chamou de meu amor. Tá tudo bem agora, pensei, enquanto nos preparávamos para comer, satisfeito por conseguir rir de mim mesmo.

— Frango ao Marsala, hummm. Brynne, querida, que é que você botou aqui? — perguntou o papai, entre uma garfada e outra. — Tá maravilhoso.

— Usei vinho de chocolate para refogar a galinha.

— Interessante. Adorei o sabor que deu — o pai piscou para a Brynne. — Quer dizer que você é uma chef?

— Obrigada, mas não sou uma chef. Só gosto muito disso, aprendi a cozinhar pro meu pai, quando ele se separou da minha mãe. Tenho uns livros incríveis da Rhonda Plumhoff no meu e-reader. Ela sempre faz referências a livros conhecidos nas receitas e é muito famosa lá de onde eu venho. Adoro as receitas dela.

Ele virou a cabeça na minha direção.

— Filho esperto que eu criei.

— Não sou idiota, pai. E, sim, ela sabe cozinhar, mas eu não tinha ideia disso no começo. Nossa primeira refeição foi uma barrinha de proteínas, então você pode imaginar a minha surpresa quando ela começou a andar pra lá e pra cá com panelas e a empunhar facas afiadas na minha cozinha. Eu só saio da frente!

— Realmente, você sempre foi um cara rápido — continuou papai, com uma piscadela.

Todo mundo riu e pareceu estar muito à vontade, o que me ajudaria, mas eu ainda estava nervoso com o que tinha que dizer a eles. Não pela parte da segurança, isso eu sabia como fazer, e muito bem, aliás. Era fazer isso na presença da Brynne que me incomodava. Não queria que ela se sentisse como um objeto ou mera tarefa que eu tinha recebido de um cliente, quando ela

significava muito mais para mim. Também não queria que ela se envolvesse emocionalmente na situação e se chateasse, porque isso podia perturbar nosso namoro de novo. Eu era muito protetor em relação a gente. Em relação a Brynne. Era mesmo, não haveria de me desculpar por isso, nem mudaria meus sentimentos nesse front. Não suportaria fazê-la sofrer mais ainda por conta dessa história sórdida e tampouco permitiria que alguém o fizesse.

Então chegamos a um acordo. Conversaria com Clarkson e Gabrielle juntos no meu escritório, enquanto Brynne fazia as vezes de anfitriã com os outros. Em seguida chamaria Marie e meu pai. Assim, Brynne não teria que passar pelo incômodo de assistir ao Power Point que preparei com todas as linhas do tempo do caso e fotos para que todos conhecessem nomes e rostos. Era fundamental que as pessoas próximas a Brynne soubessem todos os detalhes de quem, o quê, quando, onde e os possíveis motivos do que poderia vir a acontecer. Não havia razão política maior do que a eleição para presidente dos Estados Unidos. E o lado que teria interesse em expor Brynne trabalharia tanto quanto o lado que gostaria de mantê-la em segredo. Não conhecia outra maneira de protegê-la e compartilhar a informação com as pessoas que importavam. Elaina e Neil já estavam no mesmo ritmo que a gente, e Brynne disse que se sentia confortável com o meu pai sabendo. Os outros já conheciam a história, claro.

A gente também tinha uma sessão marcada com a dra. Roswell, para conversar sobre alguns assuntos de casal. Quando ela me pediu que fosse, eu concordei. Brynne insistia em achar que eu não a amaria tanto a ponto de esquecer o vídeo com os caras. Como se isso a marcasse para sempre como uma puta. Me entristecia muito ver que ela se culpava tanto. Era definitivamente um problema dela, não meu, mas fazer com que acreditasse que eu não deixaria de gostar nem um pouco dela por causa daquele terrível episódio era uma batalha. Nós tínhamos coisas para discutir, sim, e ainda não havia nem chegado a arranhar a superfície dos meus demônios. Mas agora eu começava a me perguntar se precisava falar com alguém sobre eles. Me borrava de medo só com a ideia de vir a ter outro pesadelo. Mais ainda, que Brynne me visse novamente daquele jeito.

Passei a noite toda a observando, com cuidado. Por fora, ela estava linda e charmosa, mas tenho a impressão de que, conforme a noite avançava, foi se angustiando por dentro. No minuto em que terminei de falar com papai e Marie, fui direto encontrá-la na cozinha, onde ela preparava o café e a sobremesa para os convidados. Brynne manteve a cabeça baixa, mesmo sabendo que eu estava ali. Passei meus braços em volta dela e apoiei o queixo no topo de sua cabeça. Ela era delicada e seu cabelo cheirava a flores.

— O que temos aqui, minha querida?

— Brownies com sorvete de baunilha. A melhor sobremesa do planeta — disse, em voz baixa.

— Parece delicioso. Quase tanto quanto você hoje à noite.

Ela emitiu um muxoxo e se calou em seguida. Vi quando enxugou o olho e logo entendi. Virei-a para mim e segurei o rosto dela com as duas mãos. Detestava que ela chorasse. Não pelas lágrimas em si, mas pela tristeza por trás delas.

— Seu pai... — não conseguiu continuar, mas foi o suficiente. Puxei-a para o meu peito e empurrei-a mais para dentro da cozinha, onde as pessoas não nos veriam, e fiquei abraçado com ela por alguns minutos.

— Você tá preocupada com o que ele vai pensar?

Brynne concordou com a cabeça.

— Ele adorou você, assim como todo mundo. Meu pai não é um cara de julgar as pessoas. Não é o jeito dele. Ele tá é feliz em me ver feliz. E ele sabe que o que me faz feliz é você — levei as mãos ao rosto dela de novo. — Você me faz feliz, meu amor.

Ela levantou para mim seus olhos tristes, lindos, brilhantes e pareceu entender o que eu dizia.

— Eu te amo — cochichou.

— Viu só? — apontei para mim mesmo. — Um cara muito feliz.

Ela me beijou e fez meu coração se acelerar.

— Sobremesa — falou, andando em direção ao balcão. — O sorvete vai derreter.

Foi bom ela ter lembrado, porque com certeza eu não lembraria.

— Deixa eu te ajudar. O quanto antes a gente servir, mais cedo eles vão embora, né? — comecei a distribuir os pratos. Afinal, eu era

um homem de ação.

Acordei com muito barulho e alguém se mexendo sem parar do meu lado. Brynne estava sonhando. Não um pesadelo, mas um *sonho*. Ao menos, era o que me parecia. Ela se contorcia e cruzava as pernas, puxava a camiseta e arqueava o corpo. Devia ser um sonho *muito bom*, muito foda. E era bom que a foda fosse comigo!

— Meu amor — Botei a mão no ombro dela e chacoalhei de leve. — Você tá sonhando... não fica com medo. Sou eu.

Ela escancarou os olhos e se sentou imediatamente, vasculhando o quarto com o olhar até fixá-lo em mim. Céus, ela estava lindamente selvagem, com o cabelo solto em cima dos ombros e o peito se mexendo no ritmo da respiração.

— Ethan? — esticou uma das mãos.

— Sim, foi estranho — ela saiu da cama e foi até o banheiro. Ouvi o barulho da água correndo e de um copo sendo colocado na pia. A esperei na cama, e depois de alguns minutos ela voltou.

E como.

Brynne se esgueirou para fora do banheiro completamente nua, com um olhar que já tinha visto antes. Um olhar que dizia *eu quero sexo e eu quero AGORA*.

— Brynne, que é que houve?

— Acho que você sabe — respondeu com uma voz sensual e subiu em cima de mim. Com os cabelos caídos no ombro, ela me encarou, como uma deusa do sexo prestes a me devorar.

Putá merda, agora sim.

Sem pensar, minhas mãos foram parar nos peitos dela. Deus! Segurei toda aquela carne macia nas minhas mãos e puxei-a para a minha boca. Ela se arqueou e começou a se esfregar no meu membro, que já estava tão acordado quanto o meu cérebro. Esqueci que ela estava naqueles dias, porque ela certamente não agia como se estivesse.

Chupei o mamilo com força. Adorava o gosto da pele dela e poderia ficar horas brincando assim, até que estivesse pronto para largar aqueles peitos lindos. Peguei o outro mamilo e mordi de leve,

tentando chegar naquele limiar em que um pouco de dor aumentava consideravelmente o prazer. Ela gritou e eu empurrei minha boca com mais força ainda.

Senti a mão dela descer para dentro da minha cueca e segurar no meu pau.

— Eu quero isso aqui, Ethan.

Ela desceu de cima dos meus quadris e com isso puxou também um dos mamilos de dentro da minha boca. Nem tive tempo para protestar, porque imediatamente ela tirou meu short e começou a me chupar.

— Ah, meu Deus! — joguei a cabeça para trás e deixei que ela trabalhasse um pouco. Era tão bom que as minhas bolas doíam. Ela era realmente boa nisso. Peguei um punhado de cabelo e a segurei pela cabeça enquanto ela me chupava até quase gozar. Queria poder gozar dentro dela, em vez de fazê-lo na boca. Preferia estar lá dentro, bem fundo, com os olhos vidrados nos dela.

Mas a minha garota tinha mais surpresas guardadas para mim.

— Quero você dentro de mim na hora de gozar — avisou.

Como ela tinha feito isso?

— Tudo bem? — dei um jeito de falar, enquanto ela se levantava.

— Uhum — gemeu e se ajoelhou para me montar. Depois, sentou em mim e entrei por inteiro, engolindo até quase as bolas.

Não sei como não doeu nela. Talvez tenha doído, mas era eu quem estava fazendo isso, era ela quem claramente estava tendo o que queria. *E já que insiste...*

— Ahhh, porraaaaaa — gritei, me enganchando nos quadris dela para ajudar.

Brynne ficou louca, me montou com força, esfregou o sexo onde era mais gostoso para ela. O ritmo entre a gente era furioso, e eu sabia que o que vinha em seguida seria grandioso. Comecei a sentir as contrações, mas queria desesperadamente levá-la junto comigo. De jeito nenhum ia gozar sem ao menos dar a ela a mesma diversão. Não era assim que eu funcionava.

Senti os músculos dela me apertarem com mais força e mais calor, enquanto ela se mexia para cima e para baixo. Enfiei a mão

entre as pernas dela para chegar até onde nossos corpos se encontravam e encontrei o clitóris, todo molhado e escorregadio. Desejei que fosse a minha língua em vez de um dedo, mas comecei a esfregar.

— Vou gozar — falou, ofegante.

Brynnne já havia dito isso antes, tão suave e delicada. Essas duas palavras. Me deixavam doido ouvir de novo, porque era eu quem estava fazendo isso com ela, e porque no instante em que disse isso, ela me passou o comando.

— Isso mesmo, meu amor. Goza agora. Pode gozar pra mim!

Como um especialista, fiquei assistindo-a seguir meu comando. Ela apertou e gritou e segurou e estremeceu.

— Ohhhhhh, Ethaaaan! Assim! Assim! Assim!

Atingir o prazer ao meu comando. Essa era minha garota, que chegava lá quando eu mandava. Eu sou um filho da puta sortudo.

Adorei cada momento de vê-la gozar. De sentir o prazer dela. E quando achei que era a minha vez, derrubei-a mais uma vez e meti bem fundo nela, tão fundo quanto fosse capaz e deixei explodir.

A enxurrada de esperma quente jorrou lá dentro dela. Senti cada impulso de cada explosão e acompanhei a onda de prazer num transe do caralho, quase sem consciência do que as minhas mãos estavam segurando ou do que meu corpo estava fazendo. Mas, no entanto, pude olhar nos lindos olhos dela.

Algum tempo depois — não faço ideia do quanto — ela se virou no meu peito e levantou a cabeça. Os olhos dela brilhavam no escuro, e sorriu para mim.

— O que *foi* isso?

— Uma foda incrível no meio da madrugada? — ela brincou.

Eu ri e completei:

— Uma foda incrível pra caralho no meio da madrugada.

Beijei seus lábios e segurei a cabeça dela até que estivesse pronto para deixá-la ir. Sou possessivo depois de ter relações sexuais. Não gosto de sair imediatamente, e já que ela estava em cima de mim, não tive que me preocupar em esmagá-la e pude ficar um pouco mais.

Enfiei profundamente de novo e a fiz gemer com os lábios encostados nos meus.

— Você quer mais? — perguntou, com uma voz que era um misto de contentamento e surpresa.

— Só se você quiser isso — falei. — Nunca vou te recusar. E gosto quando você monta em mim, mas pensei que você estivesse menstruada.

— Não, não é assim, por causa da pílula. Não sei quase nada, um dia no máximo, se for... Às vezes nem fico — ela começou a beijar meu peito e arranhou um mamilo com os dentes. As atenções dela me acordaram de novo e me deram a vontade saudável de seguir para o segundo round.

— Acho que você vai me matar, mulher... de um jeito gostoso pra caralho — foi o que consegui dizer; a última coisa que nós dois falamos por muito tempo. Minha Medusa tinha se transformado numa Afrodite que adorava o altar de Eros. Minha sorte aparentemente não conhecia limites.

— Os jornais americanos. — Frances botou a pilha em cima da minha mesa. — Tem uma matéria interessante no *Los Angeles Times* sobre membros do Congresso que têm filhos atualmente no serviço militar. Adivinha quem eles entrevistaram?

— Ele deve ser um dos poucos. Oakley vai aproveitar isso até o fim. Obrigado por isso — dei uma batidinha na pilha de jornais. — E a outra coisa?

Frances parecia orgulhosa de si mesma.

— Vou buscar quando sair pra almoçar. O sr. Morris disse que a restauração ficou linda, depois de tantos anos no cofre.

— Obrigado por cuidar disso pra mim. — Frances era uma joia de assistente. Ela cuidava do meu escritório como uma máquina. Eu podia cuidar da segurança, mas era aquela mulher que fazia o negócio funcionar. Não subestimava a importância dela nem por um instante.

— Ela vai adorar — parou na porta. — Você ainda quer que eu feche sua agenda pra segunda?

— Quero, por favor. Temos o negócio do Mallerton hoje e vamos amanhã cedo pra Somerset. Voltamos na segunda à noitinha.

— Vou cuidar disso. Não deve ter nenhum problema.

Quando Frances saiu, peguei o *Los Angeles Times* para ler a matéria sobre o senador. Quis vomitar. A cobra artilosa evitou falar como seu precioso filho tinha estendido o turno recentemente, mas isso não era nenhuma surpresa. Imagino o que o filho realmente achava do pai. A família toda devia ser completamente disfuncional e isso não era nada bom.

Botei o jornal de volta na pilha e, sem querer, fiz aparecer um papel que estava embaixo dela. Um envelope. O negócio estava no meio dos jornais. Só isso já era estranho; as palavras escritas nele — *PARA SUA CONSIDERAÇÃO* — e o fato de que meu nome vinha logo abaixo fizeram meu coração disparar.

— Frances, quem te entregou os jornais americanos hoje de manhã? — perguntei pelo interfone.

— Muriel os deixa separados todas as manhãs. Ela fez isso o mês inteiro. Eles estavam lá me esperando — ela hesitou. — Tá tudo bem?

— Tá. Obrigado.

O envelope estava em cima da mesa, e meu coração ainda batia muito forte. Será que queria ver? Alcancei a aba e desamarrei a cordinha vermelha. Meti a minha mão dentro dele e puxei algumas fotos. Fotografias do Ivan com Brynne na saída do Gladstone's, em branco e preto, formato 8x10. Ele beijando-a na bochecha enquanto eu a esperava no carro. Ivan se abaixando para falar comigo pela janela do carro e, depois, acenando para a gente. Ivan na rua depois de irmos. Ivan esperando o carro.

Então aquele fotógrafo que eu vi do lado de fora do restaurante estava lá especialmente para clicar o Ivan? Ele já tinha recebido ameaças de morte antes... E agora tínhamos fotos dele comigo e com Brynne. Não era uma boa conexão para ele. Ivan já tinha uma avalanche de problemas e eu com certeza não precisava de mais um, de ter que me preocupar com quem quer que estivesse perseguindo o Ivan, arrastando minha Brynne para dentro dessa confusão. Porra!

Passei as fotos uma a uma. Nada. Até a última. *Nunca tente matar um homem que está cometendo o suicídio.*

Tenho visto esse tipo de coisa ao longo da minha carreira. Era preciso levar a sério, claro, mas geralmente se tratava de algum lunático com satisfações a tomar de alguém famoso que eles acreditavam tê-los ofendido pessoalmente e com a pior das intenções. Figuras do esporte sofriam especialmente com esse tipo de porcaria. Ivan havia ofendido uma tonelada de pessoas em seu tempo e ainda tinha as medalhas de ouro para provar. Ex-arqueiro olímpico aposentado, ele ainda era o adulado menino de ouro da Grã-Bretanha, perseguido pela mídia. O fato de ser da minha família teria lhe rendido proteção de qualquer maneira, mas ele com certeza me mantinha ocupado.

As fotos tinham sido batidas há duas semanas. Será que aquele fotógrafo estava lá especificamente por causa dele, ou será que simplesmente teve a sorte de tirá-las e depois recebeu alguns trocados por elas? Os paparazzi costumavam rondar os lugares frequentados por celebridades, de maneira que era difícil cravar se elas tinham sido encomendadas ou se foi mero acaso.

E se você fosse um doido a fim de matar alguém famoso, por que diabos se preocuparia em informar o segurança dele o que pretendia fazer? Não fazia o menor sentido. Por que mandar para mim? Quem quer que tenha tirado as fotos queria que eu as visse. Até tiveram o trabalho de escondê-las no meio dos jornais que eu comprava regularmente de uma vendedora na rua.

Muriel.

Fiz uma nota mental para me lembrar de falar com ela na saída. Eu iria embora mais cedo de qualquer forma, por causa do negócio do Mallerton hoje à noite, então provavelmente ainda encontraria Muriel antes que a banca fechasse.

Abri a gaveta da escrivaninha e peguei os cigarros e meu isqueiro. Vi o antigo celular da Brynne lá dentro e também o tirei dali. Não houve muito movimento nele nas últimas duas semanas, já que todos os contatos dela já estavam no número novo. O cara do *Washington Review* também não tinha voltado a ligar, provavelmente acreditando que fosse uma pista falsa. Isso era ótimo para Brynne.

Coloquei o telefone para carregar; assim poderia levá-lo comigo hoje à noite e no fim de semana também.

Acendi o primeiro Djarum do dia. A tragada foi perfeita. Sentia que estava indo muito bem com a moderação. Brynne me motivava, mas quando as coisas não iam bem entre nós, eu imediatamente virava uma chaminé. Talvez eu devesse tentar o lance dos adesivos de nicotina.

Relaxe um pouco, aproveitando meu único cigarro, e pensei sobre o fim de semana que se aproximava. Nossa primeira viagem juntos. Tinha conseguido arrumar esses três dias para poder levar minha garota até a costa de Somerset, para ficar na casa de campo da minha irmã. O lugar também funcionava como uma pousada de luxo, e eu estava ciente de que nunca tinha pedido a minha irmã para levar uma convidada comigo, em nenhuma das vezes em que estive lá.

Brynne era diferente por tantos motivos e, ainda que não estivesse completamente pronto para assumir esses sentimentos publicamente, eu ao menos era capaz de reconhecê-los. Queria falar com ela sobre nosso futuro e perguntar-lhe o que queria. A única razão pela qual eu ainda não tinha feito isso era porque as respostas possíveis me deixavam ansioso pra cacete. E se Brynne não quisesse o mesmo que eu? E se eu fosse só um relacionamento para ela testar suas possibilidades? E se ela conhecesse outra pessoa no meio do caminho?

A lista podia continuar para sempre. Eu tinha que me lembrar o tempo todo de que Brynne era uma mulher muito honesta e que, se ela disse o que sentia por mim, foi porque era verdade. Minha garota não mentia. *Ela disse que te ama.*

O plano era sair de manhã cedo, depois da festa de hoje, para evitar pegar trânsito. Não podia esperar para chegar lá com Brynne. Queria ter um pouco de tempo com a minha garota, e também precisava sair da cidade, aproveitar um pouco do ar puro do campo. Adorava Londres, mas, mesmo assim, o desejo de passar um tempo longe da bagunça da metrópole para poder manter a sanidade aparecia, de tempos em tempos.

Um telefonema me tirou dos meus devaneios e me jogou de volta na presente situação do meu trabalho e das minhas responsabilidades urgentes. O dia voou e, quando me dei conta, já era hora de ir embora.

Liguei para Brynne quando estava saindo do escritório, para dizê-la que estava a caminho. Esperava receber um resumo ofegante de tudo que precisava ser feito antes de hoje à noite e da nossa viagem. Em vez disso, caí na caixa postal. Mandei então uma mensagem de texto: **Tô indo. Precisa de qq coisa?** Mas não obtive resposta.

Não gostei disso e me dei conta, naquele exato momento, de que sempre me preocuparia com ela. Os receios não desapareceriam nunca. Já tinha escutado as pessoas falarem isso dos filhos. Que não sabiam o que era uma preocupação até que tivessem alguém em suas vidas importante o suficiente para medir a verdadeira essência do que significava amar outra pessoa. Com esse amor vinha o medo da perda – uma possibilidade desconfortável demais para se imaginar.

Lembrei do envelope nos jornais e fui até a banca da Muriel no caminho para o carro. Ela me viu chegar e acompanhou-me com os olhos expressivos. Muriel podia ter tido uma vida dura e uma existência difícil, mas isso não mudava o fato de que era uma mulher inteligente. Seus olhos aguçados não perdiam nada.

– Oi, Muriel.

— Doutor. Tô separando os jornais como o senhor pediu... Precisa de mais alguma coisa?

— Sim, sim. Muito bom. Mas tenho uma pergunta, Muriel. — Fiquei observando a linguagem corporal dela, para ver se ela sabia do que eu estava falando ou não. Mostrei o envelope com as fotos do Ivan. — O que você sabe desse envelope que veio junto com os jornais de hoje?

— Nada. — Ela não virou para a esquerda nem desviou o olhar. Essas duas coisas confirmavam que ela falava a verdade. Agora só podia imaginar e usar a intuição, e me lembrar com quem estava lidando.

Botei uma nota de dez no balcão.

— Preciso da sua ajuda, Muriel. Se você notar alguém suspeito ou alguma coisa estranha, quero que você me avise. É importante. A vida de uma pessoa pode estar em risco — balancei a cabeça. — Você vai ficar de olho?

Muriel olhou para o dinheiro e depois para mim. Exibiu os dentes horrorosos num sorriso genuíno e falou:

— Pra você, bonitão, eu fico sim.

Pegou o dinheiro e guardou no bolso.

— Ethan Blackstone. O andar é o 44. — Apontei para o meu prédio.

— Pode deixar. Já sei seu nome, não vou esquecer.

Acho que tínhamos um acordo, o melhor possível, se levarmos em consideração com quem eu estava negociando. Me dirigi ao carro, louco para chegar em casa e ver minha garota.

Liguei pela segunda vez para Brynne e, de novo, fui parar na caixa postal. Deixei um recado dizendo que estava a caminho. Fiquei pensando no que ela estaria fazendo para não me atender, mas tentei me ater a cenários em que ela estava tomando um banho, correndo na esteira com fones de ouvido ou, simplesmente, que o celular estivesse no silencioso.

Eu sofria com as minhas preocupações. Mais do que isso, era uma emoção ainda pouco familiar, mas, ao mesmo tempo, nada que pudesse ignorar. Vivia constantemente preocupado com a Brynne. E apenas por ser tudo novidade para mim, certamente não tornava nada mais fácil de compreender. Eu era um novato completo, tateando o caminho no escuro.

O apartamento estava silencioso quando entrei. Senti minha ansiedade alcançar picos nada agradáveis e comecei a procurar.

— Brynne?

Só mais silêncio. Ela não estava correndo e, definitivamente, não estava no escritório. Lá fora na varanda também não. O banheiro era minha esperança. Meu coração batia acelerado quando abri a porta e quase parou porque ela não estava lá.

Porra, Brynne, onde você está?

No entanto, seu lindo vestido estava pendurado no cabide. O cor de lavanda que ela tinha comprado na loja vintage com Gabrielle no

dia em que almoçamos no Gladstone's. Também havia indícios de que ela tinha começado a fazer a mala: cosméticos estavam do lado de fora e uma bolsa pequena estava cheia até a metade. Então ela estava se preparando para a noite de hoje e para nosso fim de semana.

Queria dar a Brynne o benefício da dúvida, mas ela já tinha sumido sozinha uma vez, e se tivesse feito a mesma coisa? Depois das fotos malucas de hoje, meu estômago já dava cambalhotas, e eu só precisava saber onde ela estava, porra!

Entrei no quarto quase em pânico, já ligando para o Neil, quando a vi. A visão mais maravilhosa do mundo. No meio da bagunça de roupas espalhadas e malas pela metade estava Brynne, encolhida na cama... dormindo.

— Fala — atendeu o Neil. Eu estava tão paralisado que mantive o celular na orelha.

— Hum, alarme falso. Desculpa. A gente se vê em algumas horas na National Gallery — desliguei antes de ele responder. O coitado deve achar que eu enlouqueci.

Você perdeu a cabeça!

Tentando não fazer barulho, tirei o paletó, os sapatos e deitei com cuidado na cama, me encaixando nas curvas do corpo adormecido. Respirei fundo o perfume delicioso que ela exalava e deixei meu coração se acalmar. A vontade de acender um cigarro era grande, mas, em vez disso, me concentrei no calor do corpo de Brynne junto ao meu e imaginei que o vício teria que diminuir conseqüentemente.

Brynne estava apagada, dormindo profundamente. Me perguntei por que estaria tão cansada, mas não quis incomodá-la. Poderia ficar muito bem só olhando e esperando, com ela ao meu lado. Pensei na lição que tinha acabado de aprender. Aparentemente, Brynne não era a única que tinha dificuldade em confiar. Eu também precisava melhorar isso. Se ela disse que não ia embora de novo, precisava acreditar.

Abri os olhos e me deparei com os dela me estudando. Ela sorriu, parecendo feliz, linda e um pouquinho convencida.

— Gosto de ver você dormir.

— Que horas são? — olhei para a claraboia e vi que ainda era dia. — Eu dormi? Não resisti quando te vi aqui. Acho que peguei no sono também, dorminhoca.

— São umas cinco e meia, hora de começar a se mexer — ela se espreguiçou como um gato, gloriosamente sensual e erótica. — Não sei por que estava tão cansada. Deitei um minutinho e, quando abri os olhos, você estava aqui.

Ela começou a rolar para fora da cama, mas eu a segurei pelo ombro e puxei-a de volta, prendendo-a debaixo de mim.

— Peraí, peraí. Preciso de um tempo com você primeiro. Vai ser uma noite longa e vou ter que te dividir com uma tonelada de idiotas.

Brynne se esticou, segurou meu rosto e sorriu.

— Que tipo de tempo comigo você tem em mente?

Dei um beijo nela, bem devagar e com capricho, passeando com a língua por cada centímetro de sua boca antes de responder.

— O tipo em que você fica pelada e grita meu nome — fiz uma pressão no corpo dela com os quadris. — Esse tipo.

— Hum, você é bem convincente, sr. Blackstone. Mas a gente precisa se arrumar pra sair. Você consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo?

— Consigo fazer muitas coisas — respondi antes de beijá-la de novo. — Me dá uma pista.

— Bom, eu adoro seu chuveirão quase tanto quanto gosto da banheira...

— Ah, então você tá só me usando por causa dos meus confortos no banheiro, né?

Brynne deu uma risadinha e botou a mão no meu membro que já estava se endurecendo.

— Excelentes confortos, pelo que eu vejo.

Eu ri e dei um rugido, tudo ao mesmo tempo. Me soltei dela e fui para o banheiro.

— Vou abrir a água e te esperar aqui.

Não precisei esperar muito até que ela se juntasse a mim, nua e espantosamente sexy, como sempre. Eu ficava louco para tomar seu corpo com o sexo dominador que não podia controlar, sempre que

estávamos juntos. Minha recompensa final e meu maior medo, juntos num pacote só. Eu tinha brincado sobre a exposição e ter que dividi-la com outros, mas esse comentário era bem mais próximo da verdade do que eu gostaria de admitir. Odiava ter que dividi-la com outros homens que a admiravam — homens demais, na minha opinião.

Mas essa era a realidade da Brynne e, se ela era a minha garota, eu teria que aprender a lidar com isso como um homem.

Usamos muito bem o tempo que tivemos naquela água quente e ensaboada. Sim, fazer muitas coisas ao mesmo tempo era um dos meus pontos fortes, e eu não desperdiçava oportunidades que me ofereciam.

— Você é inacreditavelmente linda, sabia?

Ela ficou vermelha em frente ao espelho, e o rubor descia pelo pescoço, chegando até mesmo à curva dos seios no decote do vestido que ela tinha garimpado. Era de renda e muito justo no corpo, com uma saia curta cheia de frufus num material cujo nome eu desconhecia. Não importava o que era, o certo é que aquele vestido seria a minha morte hoje à noite. Eu estava tão fodido.

— Você também tá muito bonito, Ethan. A gente tá combinando. Você escolheu essa gravata por causa do meu vestido?

— Claro, eu tenho um monte de gravatas. — Fiquei olhando ela se maquiar e terminar os últimos ajustes aqui e ali, agradecido por ela não se incomodar com a minha admiração e muito nervoso com o que eu ia fazer.

— Você vai usar aquele prendedor de gravata de prata? O antigo, que eu gosto tanto?

A deixa perfeita.

— Claro.

Fui até a caixa em cima da cômoda para pegá-lo.

— É de família? — perguntou, enquanto eu prendia a gravata.

— É, sim. Da família da minha mãe. Meus avós eram de uma família tradicional inglesa e tinham só duas filhas, a minha mãe e a do Ivan. Quando eles morreram, tudo foi dividido entre os netos, Hannah, eu e o Ivan.

— É lindo. Adoro antiguidades como essa. As coisas do passado eram tão bem-feitas... e se tem alguma lembrança sentimental também, melhor ainda, né?

— Não tenho muitas recordações da minha mãe, eu era tão pequeno quando ela morreu. Mas me lembro bem da minha avó. A gente passava as férias com ela; ela contava histórias e mostrava fotos. Ela queria ajudar a gente a conhecer nossa mãe da melhor maneira possível. Ela sempre dizia que era um desejo da minha mãe.

Brynnie botou o pincel do blush na bancada e veio até mim. Passou a mão pelo meu braço, ajustou a minha gravata e endireitou o prendedor de prata, com respeito.

— Sua avó parece ter sido uma mulher adorável, assim como a sua mãe.

— As duas teriam adorado te conhecer — dei um beijo nela com cuidado para não borrar o batom, tirei a caixinha do bolso e a estendi. — Tenho uma coisa pra te dar. É muito especial, perfeito pra você.

Os olhos dela se arregalaram ao verem a caixa preta de veludo. Em seguida, olhou para mim, um pouco assustada.

— O que é isso?

— Só um presente pra minha garota. Queria que fosse seu.

As mãos dela tremiam enquanto ela abria a embalagem. Depois, levou uma delas à boca, para conter um suspiro de espanto.

— Ethan, é... é tão lindo!

— É uma lembrança da minha mãe. Perfeita pra você e pro que eu sinto por você.

— Mas você não deveria me dar uma joia de família — ela balançou a cabeça. — Não é certo você fazer isso.

— Eu devia, sim, e estou dando pra você — falei com firmeza. — Posso botar?

Ela olhou para o colar, depois para mim, e em seguida repetiu as duas ações.

— Quero que você use o colar hoje à noite e aceite meu presente.

— Oh, Ethan! — o lábio inferior dela estava trêmulo. — Por que isso?

Honestamente? O pingente de ametista em formato de coração com diamantes e pérolas era uma graça; além disso, ele gritava o nome da Brynne. Quando me lembrei que ele estava na minha parte das joias da mamãe, fui direto ao cofre. Havia outras coisas lá também, mas talvez precisasse de mais tempo antes que a gente fosse mais fundo nos presentes valiosos.

— É só um colar, Brynne. Uma coisa muito bonita, que me lembrou você. É antigo, é da sua cor favorita e é um coração. — Tomei a caixa da mão dela e tirei o colar. Segurei uma ponta em cada mão, para botar nela. — Espero que você aceite meu presente, vá com ele hoje, e lembre-se sempre de que eu te amo.

Brynne apertou os lábios, respirou fundo e ficou com aquele olhar brilhante me encarando.

— Você vai me fazer chorar, Ethan. Isso é tão lindo, e eu amei e amei que você tenha me dado e eu te amo também — virou de frente para o espelho e afastou o cabelo do pescoço.

O sentimento de vitória era bom pra caralho. E eu tenho certeza de que estava radiante, conhecendo a felicidade naquele momento mais do que havia sentido em eras, fechando o colar em volta daquele lindo pescoço, admirando o pingente de coração contra a pele dela, finalmente encontrando um lar, depois de décadas no escuro.

Muito parecido com meu próprio coração.

Capítulo 12

ANational Portrait Gallery era um lugar magnífico para eventos, com o qual eu estava bem familiarizado. Já tinha estado lá muitas vezes: fazendo a segurança, algumas vezes como convidado e uma ou duas vezes em encontros.

Mas nunca desse jeito.

Brynne dava um novo sentido ao conceito de possessividade. Ao menos para mim. Achei que pudesse morrer até o fim da noite, de tanta gente que queria tirar uma casquinha dela.

Ela estava tão linda e perfeita no vestido rendado cor de lavanda e sapatos prateados; no exterior, cada centímetro fazia jus à modelo que era, mas, por dentro, a mente artística dela era brilhante e respeitada pelo trabalho que executava. Minha garota era uma celebridade hoje à noite. Ver meu presente envolvendo o pescoço dela me ajudava bastante. *Ela é minha, pessoal! Minha! Não se esqueçam disso, porra!*

A exibição de Lady Percival era realmente um sucesso. Ela tinha sido escolhida para ilustrar o passo a passo do processo de restauração, já que o seu ainda não tinha terminado. E Brynne, claro, levava o crédito como restauradora do projeto. Quando entramos para jantar, a descoberta que ela tinha feito foi

mencionada no discurso de boas-vindas. Acho que nunca vou me esquecer da expressão orgulhosa no rosto dela. Toda a renda da noite seria destinada à Fundação Rothvale para o Avanço das Artes e, dando uma olhada ao redor do salão, se via gente muito rica e influente entre os convidados. Mallerton parecia passar mesmo por um momento de renascimento, e a descoberta da Brynne sobre o que ele tinha pintado ajudou a gerar mais interesse na obra dele, e como resultado, na caridade dos Rothvale.

— Brynne, a sua Lady Percival é uma coisa! — exclamou a Gabrielle. — Dei uma boa admirada nela quando cheguei. Adorei como ela está exposta, uma oportunidade para ensinar um pouco sobre os métodos de conservação e o processo que nos leva a recuperar um tesouro como ela. Aliás, Ethan, me disseram que você foi fundamental na solução do mistério.

— Nada fundamental. Só traduzi algumas palavras, mas obrigado, Gabrielle. Fico feliz de ter ajudado minha garota com um pouquinho de francês — pisquei para Brynne. — Ela ficou tão feliz quando desvendou tudo.

— Nossa, eu quase morri. Essa pintura vai ser um marco na minha carreira. E eu devo tudo a você, meu amor. — Ela segurou minha mão entre as dela.

Deus, eu amava esses pequenos gestos de afeição. Levei a mão dela aos meus lábios e a beijei, sem me importar com quem estivesse vendo. Não ligava a mínima.

— Queria saber onde é que tá o Ivan. Você acha que ele vai chegar logo? — perguntou-me Brynne.

Meus sentimentos de alegria se transformaram em puro ciúme, num intervalo de dois segundos e meio. Tenho certeza de que fiz uma careta, antes de me tocar que ela estava só sendo gentil. Lembrei-me que precisava falar com ele sobre as fotos de hoje, mas, caramba, o Ivan ia ficar babando em volta da Brynne quando visse como ela estava linda.

Brynne se voltou para a amiga e falou, animada:

— Gab, eu espero que ele venha hoje, eu quero tanto te apresentar ao primo do Ethan. Ele tem uma casa cheia de Mallertons que precisam ser catalogados; e só Deus sabe o que mais pode

haver lá. Você *tem* que conhecer esse homem. Tô falando sério, tem mesmo.

Gabrielle riu, parecendo muito feliz e linda à sua própria maneira. Ela usava um vestido verde justo, que combinava maravilhosamente com a cor dos olhos dela. Me dei conta de que essa poderia ser uma ótima ideia, aliás. Se estivesse ocupado com a Gabrielle, Ivan não ficaria flertando com Brynne. E algo me dizia que ele ia ficar de quatro pela Gabrielle, no instante em que a visse. Apostaria dinheiro nisso. E ganharia, também.

— Difícil de dizer, meu amor. O Ivan tem uma percepção especial do tempo, sempre teve. É terrivelmente irritante... — perdi a linha de raciocínio quando a vi do outro lado da mesa. *Que merda.* Ruivo Claro Natural à minha direita, toda montada e pronta para caçar. *Nada bom.*

Desviei o olhar e mantive minha atenção em Brynne. Ela olhou para onde meus olhos tinham estado antes e depois se voltou para mim. A cabeça dela estava maquinando, tenho certeza. Brynne é uma garota esperta. Tentei manter a indiferença e rezei para que Pamela ou Penélope não se lembrassem de nada além do que eu já tinha lembrado, mas também não tinha muita esperança disso, não. Ela era amiga do Ivan e eu sabia que mais cedo ou mais tarde acabaria se aproximando de mim. Onde é que estão escritas as regras de comportamento para essas situações embaraçosas? Ou não era completamente vulgar apresentar a pessoa com quem você transou a quem você estava transando agora? Blergh.

— Tá tudo bem? — perguntou Brynne.

— Tá — peguei minha taça de vinho e passei o braço por trás da cadeira dela. — Perfeito.

— Olha lá o Paul — ela sorriu e acenou para o meu inimigo, que por sua vez fez um brinde com o copo na nossa direção. Já esperava que ele estivesse aqui porque ele tinha dito isso, naquela manhã em que quis apresentá-lo à calçada. A Brynne virou para mim e sussurrou: — Seja simpático. Nem pense em dar um chique na frente dele de novo.

— Tá bom — concordei, levantando meu copo de volta, mas no fundo desejando ser conhecedor das artes do mal para poder

transformá-lo num sapo. Não, espera, ele já era um sapo; tinha que ser uma coisa diferente... Uma barata, talvez?

— Em que é que você tá pensando?

— No quanto odeio certos insetos — respondi e tomei um gole de vinho.

Brynnne revirou os olhos.

— Sério?

— Um-hum. Sem brincadeira. As baratas são criaturas vis, que se esgueiram por lugares onde definitivamente não são bem-vindas.

Ela riu de mim.

— Você fica uma gracinha quando está com ciúmes. Mas se você me fizer passar vergonha na frente dele de novo que nem naquele dia no café, eu vou te pegar, Blackstone. E vai doer bastante — ela pousou o olhar abaixo da minha cintura.

Eu ri, porque tinha sido realmente engraçado, mas não duvidei da ameaça dela nem por um minuto, nem do fato de que a Barata estava nos encarando do outro lado da sala.

— Serei um perfeito cavalheiro, desde que ele mantenha as antenas longe de você.

Ela revirou os olhos de novo e me dei conta de como eles estavam azuis hoje, provavelmente por causa do vestido.

Depois do jantar, tive o prazer de ser apresentado à muito feminina e muito graciosa Alex Craven do Victoria and Albert. Em silêncio, fiz uma prece de agradecimento para a minha mãe, porque eu nunca cheguei a mandar aquele torpedo do “Ethan com o facão”, e imaginei que ela tinha que estar olhando por mim naquele dia. Eu nunca dou a minha sorte por garantida.

Não demorou muito para Brynnne ser levada por visitantes que queriam um passo a passo da restauração da *Lady Percival*. Acabei me conformando com isso e fui pegar mais uma bebida. Senti um olhar me acompanhando e, quando virei, dei de cara com a Ruivo Claro Natural. *Merda*. Sabia que isso ia acontecer.

— Olá, Ethan. Que bom te ver aqui. Outro dia mesmo perguntei ao Ivan por você.

— É mesmo? — balancei a cabeça, tentando desesperadamente me lembrar do nome dela. — Uma bebida... Humm?

Baixei a cabeça, me sentindo um completo idiota e desejando estar em qualquer outro lugar naquele momento.

— Priscilla.

Bom, eu tinha acertado a primeira letra. Estalei os dedos e apontei para o teto.

— Isso mesmo. Priscilla, você quer uma bebida? Estava indo para a Victorian Gallery.

Por favor, diz não.

— Claro, eu quero um Cosmopolitan — cantarolou.

Notei que os olhos dela se iluminaram ao perceberem algum interesse da minha parte. Ela me deu uma estudada de alto a baixo e eu me senti desconfortável demais. Era algo que eu vinha fazendo há anos com as mulheres. Por sexo, claro. Quero dizer, quem você vai comer se não deixá-las ao menos te admirarem e fingir que está lisonjeado com as atenções delas? Mas na verdade eu não apreciava isso. Antes da Brynne, muito do que eu fazia eram jogos. *Eu tinha sido um animal.*

— E o que foi que o Ivan falou de mim?

— Que você tava muito ocupado com o trabalho, as Olimpíadas e... a sua namorada nova.

— Bom, pelo menos ele falou a verdade — comentei, procurando um jeito de sair dali sem ser cruel. — Eu tenho mesmo uma namorada agora.

E preciso me livrar de você agora, mas que merda!

— Eu vi, mais cedo no jantar. Ela é bem novinha, né? — Priscilla chegou mais perto e pôs a mão no meu ombro. A voz dela era tão tóxica que chegava a arder.

— Ela não é tão nova assim — enchi a boca de vodca e rezei para algum ato divino me tirar dessa merda de situação desconfortável, quando vi Brynne e a Barata chegando juntos.

Olha a mão de Deus aí, imbecil.

— Meu amor — me descolei da Priscilla e fui na direção da Brynne. — Vim pegar uma bebida e encontrei a... hum... Priscilla.

Mas que inferno, eu também não sabia o sobrenome dela! Isso era terrível, e eu não tinha jeito para fazer mais essa merda, não que um dia tivesse. Era foda de tão constrangedor.

— Blackstone — Paul Langley me lançou um olhar de acusação.
— Brynne estava se sentindo um pouco tonta e quis vir respirar um pouco.

Segurei a mão dela e levei-a até os lábios.

— Você tá bem?

— Acho que só quero beber uma água. Fiquei com calor de repente, foi estranho.

— Aqui, quero que você se sente. Eu vou buscar a água — mas antes que eu pudesse sair do lugar, lá estava o velho Langley entregando um copo de cristal para ela. Tentei usar a telepatia com ele. *Você pode nos deixar em paz agora, Langley.*

Não funcionou.

— Obrigada, Paul — Brynne sorriu agradecida para ele e começou a beber.

— O prazer foi meu, querida — a Barata respondeu melosa.

Que merda, eu quero que você saia daqui. Langley, sendo o auge das boas maneiras como aparentemente era, estendeu a mão para a Priscilla e se apresentou.

— Paul Langley.

— Priscilla Banks. Prazer te conhecer.

Maravilha. Agora, será que os dois podem ir juntos transar no banheiro ou falar mal da gente em algum lugar ou coisa assim? Qualquer uma dessas seria perfeita.

Para minha sorte, eles se afastaram e começaram a conversar. Voltei a olhar para Brynne.

— Tá se sentindo melhor?

— Bem melhor — ela deu uma olhada no Paul e na Priscilla e depois de volta para mim. — Quem é essa, Ethan?

— Uma amiga do Ivan.

Brynne não acreditou e lançou-me um olhar ameaçador, como se fosse me jogar uma maldição se eu não falasse a verdade.

— Sua amiga também?

— Não exatamente.

— O que *não exatamente* quer dizer?

Fiz uma pausa, sem certeza de qual direção tomar nessa conversa desagradável. Um evento beneficente estava longe de ser

o lugar para isso, mas nem sempre sou capaz de filtrar o que sai da minha boca e por isso não me segurei.

— Que a gente saiu junto uma vez e que não somos amigos de jeito nenhum. Diferente de você e do Langley. — Levantei uma das sobrancelhas.

— Ok, é justo. — A resposta veio acompanhada de um olhar demorado e analítico na Priscilla e depois em mim; depois terminou a água.

Humm... Parecia que ela estava disposta a deixar passar essa. Obrigado, meu Deus. Agora, se a gente conseguisse fugir da Barata e da Ruivo Claro Natural, ficaria melhor ainda.

— Vamos voltar para a exposição? Deve ter uma legião de fãs te esperando.

— Tá certo — ela riu, sacudindo a cabeça. — Mas vamos, vamos entrar. Quero que a Lady Percival tenha seu devido reconhecimento hoje. Ela ficou muito tempo escondida no escuro.

Acompanhei Brynne até a Victorian Gallery. Não podia evitar pensar que ela estivesse metaforicamente se referindo a si mesma na última parte: *Ela ficou muito tempo escondida no escuro*. Por algum motivo, isso me deixou feliz.

Foram poucos minutos até que Brynne fosse fisgada para uma nova rodada de entrevistas, e eu meio que me afastei, para deixá-la fazer seu trabalho em paz. Ela estava começando uma carreira e eu queria que obtivesse sucesso, por várias razões.

A primeira, porque era um sonho dela, e a segunda, porque um bom emprego na área que ela escolheu a manteria em Londres comigo. Eu estava tão motivado quanto ela.

— Aproveitando a mostra? — a voz do Ivan veio por detrás do meu ombro.

— Que bom que você conseguiu vir. A gente estava se perguntando se você iria nos conceder a honra da sua presença. Brynne quer te apresentar a amiga dela — olhei ao nosso redor e procurei Gabrielle, no seu vestido verde, mas não a enxerguei.

— Brynne parece muito ocupada agora — constatou, olhando-a com admiração. — Talvez depois.

— Olha, Ivan, eu recebi hoje uma possível ameaça no meu escritório. Nada que me deixe muito preocupado, mas quero te deixar por dentro dos detalhes — entreguei a ele o envelope com as fotos, que tinha trazido já imaginando encontrá-lo. Acreditava piamente que todo mundo deveria saber sobre as ameaças que recebe, mesmo as mais insignificantes. Os loucos nunca se curam, então é preciso estar preparado para um problema lá na frente.

Ivan e eu já fizemos isso muitas vezes, então não era novidade. Ele resmungou e viu as fotos, mas devolveu-as para mim depois de um ou dois minutos.

— Obrigado, E, por ficar alerta. Tenho certeza de que isso vai acabar depois que as Olimpíadas forem só uma lembrança — falou, desviando sua atenção para o drinque que eu segurava. — Ao menos posso esperar, certo?

— É tudo o que a gente pode fazer, companheiro — dei um tapa nas costas dele, concordando.

— Preciso beber alguma coisa tipo isso aí — me fez um sinal e foi até o bar.

Fiquei ali com a minha vodca por alguns minutos mais, antes de decidir que era hora de fumar um cigarro. Brynne ainda estava muito ocupada para ser interrompida, então encontrei Neil e disse-lhe aonde ia. Localizei uma saída para a rua e deixei-a aberta só o suficiente para que eu pudesse voltar por ela, e saí na noite fresca.

O cravo tinha um gosto tão bom que tenho a impressão de que quase tive um princípio de ereção. Só mais algumas horas e estaríamos saindo de Londres, quando a teria só para mim. As luzes e os sons da cidade eram reconfortantes, misturados com a fumaça cheirosa que me cercava como um manto. Enquanto estava ali apreciando mais um prego no meu caixão, me perguntei como conseguiria deixar de fumar completamente. Estava indo bem na intenção de reduzir o consumo, mas era um hábito tão antigo, simplesmente não sabia como pararia de vez. O vício era um componente importante do corpo e da mente. E a força que os cigarros exerciam sobre mim ia muito além da nicotina. Acho que eu precisava de uma ajuda profissional. Era hora de encarar essa e outras verdades.

Senti algo vibrar no bolso do paletó e me arrepiei, porque levei um tempo para entender o que era. O celular antigo da Brynne. O aparelho tinha ficado quieto por tanto tempo que quase esqueci de trazê-lo comigo, mas, só por hábito, o mantinha carregado e ligado.

Puxei-o para fora e vi o alerta de mensagem multimídia. Isso queria dizer que haveria uma foto. Meu corpo ficou gelado e eu tive a sensação cortante de o medo se aproximar da minha garganta. Seleccionei abrir e tentei respirar.

ArmyOps17 te enviou um videoclipe no Spotify.

Putaquepariu, não! Isso *não* está acontecendo agora. Apertei aceitar, mesmo sabendo que não deveria. Me senti obrigado. O profissional em mim precisava ver exatamente o que era. Reconheci a música no instante em que começou a tocar. Nine Inch Nails. "Closer". A mesma que tocava no vídeo de sexo com Brynne. Deixei-a tocar porque era preciso, mas me senti doente durante toda a música. E era só o clipe da música, não o vídeo da Brynne.

Obrigado. Puta merda.

As imagens do macaco na cruz, uma cabeça de porco rodando em algum lugar. Trent Reznor com uma máscara de couro, pendurado em ganchos, com uma mordança de bola de algum fetiche qualquer, e um diagrama médico do aparelho reprodutor feminino...

Recobrei o fôlego quando o vídeo acabou e fiquei fixado na tela. ArmyOps17? Quem estava mandando essa merda? Oakley? A investigação dele tinha sido a mais completa possível. Lance Oakley estava no Iraque e não iria a lugar algum por um bom tempo, a não ser que eu tivesse a sorte de ele ser mandado de volta para São Francisco morto, dentro de um saco. Podia acontecer.

O texto veio em seguida: **Brynne, me ajuda; eu me quebrei em pedaços por dentro. Brynne, me ajuda; eu não tenho alma para vender. Brynne, me ajuda a me afastar de mim mesmo. Brynne, me ajuda a derrubar minha razão. Brynne, me ajuda a ser outra pessoa. Brynne, ME AJUDA.**

Meus dedos tremiam quando respondi aquele embaralhado de palavras assustador: **Quem é vc e o q quer de mim?**

A réplica foi instantânea: **Não vc, Blackstone. Quero a Brynne. Apaga o cigarro, volta pra dentro e dá meu recado p/ ela.**

Levantei a cabeça e esquadrinhei os arredores, depois os telhados em volta. Esse filho da puta podia me ver? Acho que nunca me movi tão rapidamente na vida, mas eu tinha um único propósito — encontrar Brynne e tirá-la daqui imediatamente.

Me esgueirei de volta para dentro e comecei a correr. Chamei Neil pelo intercomunicador e lhe disse rapidamente para encerrar tudo.

— A segurança do museu acabou de receber uma ameaça de bomba. Elas vão evacuar o prédio, E.

O quê? Minha mente começou a repassar todas as conexões, mas não havia tempo para bancar o Sherlock Holmes.

— Fica com Brynne e me espera! — ordenei, e soou praticamente como um latido.

Neil fez uma pausa antes de responder. Não era um bom sinal.

— Puta que pariu, *não* me diz que você não tá com ela agora!

— Acho que ela foi ao banheiro, e a segurança me chamou... Vou atrás dela.

— Fodeu!

Mudei de direção quando o alarme começou a tocar. Muito alto, o maldito. Todas as saídas se iluminaram e as portas foram abertas. Gabrielle surgiu de uma, bem na minha frente, e partiu como se estivesse competindo numa corrida, o que era impressionante, considerando os saltos que ela usava. O cabelo estava todo desarrumado, assim como o vestido.

Não havia tempo para perguntar o que tinha acontecido com ela, no entanto. Precisava achar a minha garota. Ouvi passos pesados logo atrás de mim e me virei. Ivan. Ele não estava num estado muito melhor que Gabrielle, com o cabelo também bagunçado e metade da camisa para fora da calça. Imaginei se eles estariam juntos lá atrás... *Mas eu realmente não tinha tempo para isso!*

— Alerta de bomba. Foi isso — gesticulei na direção das luzes.
— Estão evacuando.

— Você tá de sacanagem?! Tudo isso por minha causa?! — exclamou Ivan.

— Não sei de detalhes. Tava fumando lá fora quando o alarme tocou. Neil disse que a segurança do museu recebeu uma ameaça de bomba e que eles iam evacuar tudo. Depois a gente tenta entender. Agora sai daqui!

Deixei Ivan e corri para a Victorian Gallery. O lugar estava uma loucura. As pessoas corriam e gritavam, em pânico. Bem parecidas comigo.

Brynne, onde é que você está?!

Procurei algum vulto lavanda na multidão, mas não vi. Meu coração quase parou.

— Você tá com ela? — perguntei ao Neil pelo fone.

— Ainda não. Chequei dois banheiros diferentes nesse andar. Vazios. Falei pra Elaina colar nela, se elas se encontrarem na saída pra rua, pra onde tão mandando todo mundo. Vou continuar procurando.

No meu desespero, acho que teria feito um acordo com o diabo em pessoa, se pudesse encontrar minha garota sã e salva. Voltei para a ala em que Lady Percival estava exposta, na esperança de que a obra me desse uma pista. Lembrei da Brynne falando qualquer coisa sobre ter acesso a uma sala de serviço, onde ela ajudou a preparar o quadro, quando ele chegou da Rothvale. Procurei uma porta e lá estava, a não mais do que três metros de mim, camuflada na parede – o contorno do selo e uma placa pequena escrito “Privado”.

Golpe de sorte!

Girei a maçaneta e entrei numa sala grande, com outras portas – uma delas tinha “toailete” escrito nela.

— Brynne?! — gritei o nome dela e bati forte na porta com a minha mão. Tentei girar a maçaneta, mas estava trancada.

— Tô aqui. — A voz era fraca, mas os anjos sejam louvados, era ela!

— Meu amor! Meu Deus do céu — tentei a maçaneta de novo. — Me deixa entrar. A gente tem que ir!

O trinco estalou, e não perdi tempo para me livrar da última barreira entre nós. Eu a teria partido ao meio e a jogado longe, se pudesse.

Brynnne estava de pé, vestida com o lindo vestido lavanda, muito pálida, com a mão sobre a boca e a testa coberta de gotas de suor. A cor mais linda nessa droga de mundo, nesse momento! Talvez para sempre. Não acho que jamais me esquecerei de como me senti nesse momento. O alívio ao encontrá-la quase me levou aos joelhos em agradecimento.

— O que tá acontecendo com o alarme de incêndio?

— Você tá bem? — passei meus braços em volta dela, mas ela botou a mão no meu peito para que não me aproximasse muito.

— Acabei de vomitar, Ethan. Não chega muito perto — ela manteve uma das mãos sobre a boca. — Não sei o que tem de errado comigo. A sorte é que me lembrei que esse banheiro era pertinho. Eu estava aqui ajoelhada na privada e daí o alarme tocou...

— Minha querida — dei um beijo na testa dela. — A gente tem que ir *agora*! Não tem incêndio, mas eles receberam uma ameaça de bomba!

Segurei-a pela outra mão e comecei a ampará-la.

— Você consegue andar?

Seu rosto ficou ainda mais pálido, mas, ao mesmo tempo, ela pareceu despertar.

— Consigo!

Liguei para Neil, enquanto a gente dava o fora daquele prédio.

A adrenalina tem poderes incríveis sobre o corpo humano. Existem muitos motivos para ser grato, mas a coisa mais importante de todas estava a salvo nos meus braços.

As últimas horas foram uma doideira. Enquanto dirigia na noite escura, refletia sobre o que tinha acontecido. Mudança de planos; decidi assim que chegamos em casa. Liguei para Hannah e avisei-a que íamos para Somerset hoje mesmo. Ela ficou surpresa, mas disse que estava contente por irmos mais cedo e que a casa estaria aberta, para entrarmos assim que chegássemos.

Brynnne foi mais difícil de convencer. Ela não estava se sentindo bem e tinha ficado preocupada com a ameaça de bomba e todos os quadros lá. Por enquanto, não tinha havido nenhuma explosão, mas

aquela confusão estava em todos os canais de TV, sendo tratada como um risco de terrorismo. Eu ia mandar meu pessoal investigar a ameaça de bomba como de praxe, mas estava bem mais preocupado com as mensagens no celular. Quem quer que as tenha enviado estava perto. Perto o suficiente para me ver fumando nos fundos do museu. Também não conseguia entender a mensagem – eram só versos da letra da música, com o nome da Brynne entre eles. Me dava arrepios, e tornou ainda mais fácil minha decisão de sair da cidade antes do previsto.

Admirei-a, adormecida no banco do carona, a cabeça tombada no travesseiro que ela tinha trazido. Eu a tirei da cidade às pressas e sabia que teria muito o que me explicar, mas ainda bem que ela não estava com disposição para me questionar e topou tudo. A gente trocou de roupa, pegou as malas e caiu na estrada para a viagem de três horas até o litoral.

Brynne cochilou por cerca de duas horas da viagem e acordou com uma pergunta direta.

— Então, você vai me contar por que me arrastou de lá quando há semanas estávamos planejando ir amanhã?

— Não quero te contar porque não vai te fazer bem e você já não tá legal. — Segurei a mão dela. — A gente pode esperar até amanhã pra conversar?

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Minha linda, por favor, você tá exausta e...

— Lembra do nosso acordo, Ethan? — interrompeu-me. — Preciso saber de tudo ou não vou confiar em você.

Seu tom de voz era duro e me deixou apavorado. Ah, eu lembrava muito bem do nosso acordo e odiava saber o que sabia. Mas também me lembrava do pacto com Brynne. E esconder alguma coisa dela iria nos afastar, então o preço não valia a pena.

— Sim, eu lembro — botei a mão dentro do bolso e peguei o celular dela. — Chegou uma mensagem quando eu estava lá fora fumando um cigarro. Por isso eu não sabia onde você estava. Saí para fumar e a ameaça de bomba veio ao mesmo tempo que a mensagem de texto no seu telefone.

Com as mãos trêmulas, ela tirou o celular de mim.

— Ethan? O que era?

— Primeiro veio um vídeo de música e depois um SMS de alguém chamado ArmyOps17 — botei a mão no braço dela. — Você não precisa ouvir. Você realmente não precisa...

O rosto dela estava paralisado de medo, mas ela me perguntou de qualquer jeito.

— É... É o meu vídeo?

— Não! É o clipe da música do Nine Inch Nails! Olha, você realmente não é obrigada, Brynne.

— Sou, sim! Era pra mim a mensagem, não era? — balancei a cabeça. — E se a gente não estivesse junto, a mensagem viria pra mim, certo?

— Acho que sim. Mas nós estamos juntos e quero evitar que você se preocupe com esse tipo de assunto. Isso me mata, Brynne. É foda te ver desse jeito!

Brynne começou a chorar. Um choro quase silencioso. Era assim que ela costumava fazer e, de alguma maneira, o silêncio das lágrimas dela parecia gritar dentro do carro, entre nós.

— Essa é uma das razões pelas quais eu te amo, Ethan. — Ela soluçou. — Você quer me proteger porque realmente se importa.

— Me importo mesmo. Eu te amo tanto. Não quero que você tenha que ver essa merda.

Brynne apertou um botão e a música soou enquanto o vídeo tocava. Eu a observei e prendi a respiração.

Ela manteve a linha o tempo todo e assistiu, até o fim amargo, toda aquela merda fetichista meio cientista maluco. Brynne não me deu nenhuma pista de como se sentia. Ao menos não no exterior. Eu não podia sequer imaginar.

Mas eu sabia como eu me sentia ao observá-la enquanto assistia. Terrivelmente impotente.

Aí Brynne chegou à parte do texto.

— Ele tava lá? Te vendo fumar?! Ai, que merda! — ela botou a mão na boca de novo e engasgou. — Encosta o carro!

Putá merda! Desafiei as leis da física e a estrada, mas consegui dar um jeito de parar no acostamento. Mal os pneus pararam, ela já

estava do lado de fora, vomitando nos arbustos. Segurei o cabelo dela e alisei suas costas. *Será que essa noite podia ser pior?*

— O que tá acontecendo comigo? Que inferno! — Ela tossiu. — Você pode me dar um guardanapo ou qualquer coisa assim?

Puxei alguns lenços de papel do porta-luvas e uma garrafa d'água, para ela bochechar. E fiquei quieto, certo de que estava vivendo uma dessas experiências fora do corpo. Isso não podia estar acontecendo de verdade.

— Já tô melhor — falou ofegante. — O que quer que seja, acho que passou.

Ela se levantou lentamente e olhou para o céu da noite.

— Meu Deus!

— Me desculpa, meu amor. Você passando mal e eu te fazendo viajar de carro, e depois essa merda toda...

— Mas você tá aqui comigo! E você vai me ajudar com o que quer que seja essa merda no meu telefone, né? — ela me encarou, os olhos ainda molhados, o peito ainda ofegante depois de vomitar no mato, e absolutamente incrível pela sua coragem.

— Vou, Brynne — dei os dois passos que ainda nos afastavam e a puxei para perto. Ela se aninhou em meus braços e encostou o rosto no meu peito. — Vou estar aqui em todos os passos do caminho, pra tomar conta de você. Entrega total, lembra?

Brynne assentiu.

— Eu também tô me entregando totalmente, Ethan.

— Que bom. Então vai ficar tudo bem, minha linda — passei a mão ao longo das costas dela e senti que estava um pouco mais relaxada.

— Tô me sentindo melhor, mesmo que esteja fedendo a vômito. Me desculpa.

— Que bom que você tá melhor. E você só tá com um cheirinho suave de vômito. — Beije-a na cabeça e ela me deu um abraço apertado. — Mas precisamos sair daqui do acostamento. Não estamos longe, e quero te botar pra descansar. O Freddy é médico. Ele pode dar uma olhada em você amanhã, depois que você dormir um pouco.

— Tudo bem. Que noite, hein?

— É sempre divertido sair com você. Mas acho que prefiro ficar em casa com você.

Brynnie riu e fiquei contente por ainda conseguir fazê-la se divertir, mesmo depois dessa noite fodida que a gente tinha acabado de ter.

— Tá sentindo o cheiro do mar? — perguntei, quando chegamos um pouco mais perto da costa.

— Tô. Me lembra a minha casa. Eu cresci com o cheiro do mar. — Ela olhou para fora da janela. — Me fala um pouco da Hannah e das crianças.

Imaginei se a lembrança de casa lhe traria más recordações, mas decidi não levar isso adiante. Era assunto para outra hora.

— Bom, a Hannah é cinco anos mais velha do que eu e mandona pra cacete, mas ela é louca pelo irmãozinho caçula. A gente é bem próximo... Talvez porque perdemos nossa mãe tão pequenos. Nós seguramos a barra juntos, depois que ela se foi. Eu, papai e a Hannah.

— A maneira como vocês se importam uns com os outros parece tão bonita, Ethan.

— Mal posso esperar pra eles te conhecerem. Freddy é um cara legal. Ele é médico, como falei antes, e tem uma clínica na cidade, em Kilve. A casa deles se chama Hallborough, uma propriedade antiga da família do Freddy, os Greymonts. Essas casas grandes tombadas são difíceis de se manter, então eles abriram uma pousada de luxo, que Hannah administra, além de criar três filhos maravilhosos.

— Como eles se chamam? Quantos anos têm?

— O Colin vai fazer 13 em novembro. O Jordan acabou de fazer 11, e a minha princesinha, a pequena Zara, foi uma bela surpresa quando chegou, esse mês faz 5 anos — não conseguia deixar de sorrir quando pensava na Zara. Eu tinha um fraco pelas meninas. — Ela é uma coisa, tô te falando. Aquela mocinha dá uma volta nos irmãos mais velhos.

— Mal posso esperar para conhecer a Zara, então. É bom ver uma mulher que pode controlar todos os homens da sua vida, e tão nova ainda.

— Bom, você vai ter sua chance de manhã, porque a gente chegou.

Estacionei no caminho de pedrinhas em semicírculo que levava até a casa de pedra clara do período Georgiano. Com o passar dos séculos e graças a várias reformas, o estilo arquitetônico dela já estava meio misturado. As janelas góticas eram um bom toque, se você gostava de casas históricas. Ainda assim, era uma bela casa, encravada na pedra logo acima da costa; nada mau para um chalé de praia. Eu sempre morria de rir com isso. De acordo com Freddy, Hallborough tinha sido o refúgio de verão para seus familiares há duzentos anos, quando eles queriam escapar da cidade. Se isso era um chalé, então o que essa gente considerava uma casa?

— Meu Deus, Ethan, isso é incrível — ela olhou de alto a baixo a fachada da casa e pareceu compreensivelmente impressionada. — É linda, mal posso esperar para fazer um tour.

— Amanhã — peguei nossas malas do porta-malas e tranquei o carro. — Hora de ir pra cama. Você precisa dormir.

Ela me seguiu até a porta lateral, que estava destrancada, exatamente como Hannah havia prometido.

— O que eu preciso é de um banho — murmurou atrás de mim.

— Você pode tomar um banho, se quiser. Os quartos são superbem equipados — cochichei, enquanto a guiava escada acima. Eu sabia qual suíte queria para nós dois, quando liguei para Hannah e pedi. A azul do canto, na ala oeste, que tinha a vista livre para o mar, de onde dava pra ver até a costa do País de Gales do outro lado da baía.

Brynne ficou impressionada quando abri a porta do quarto e a deixei entrar. Dava para notar pela expressão no rosto dela. Acho que ela ficou sem palavras e vasculhou todo o quarto com o olhar.

— Ethan, isso aqui é simplesmente esplêndido — ela abriu um sorriso largo e parecia feliz. — Obrigada por me trazer aqui.

Mas em seguida olhou para baixo e balançou de leve a cabeça.

— Sinto muito que a noite de hoje tenha sido essa confusão.

— Vem cá, meu amor — estendi os braços e esperei que ela viesse.

Ela praticamente pulou na minha direção, e eu a peguei no colo, deixando que ela enroscasse as pernas em mim, do jeito que eu gosto tanto. Tentei beijá-la na boca, mas ela virou o rosto e me deu o pescoço, no lugar.

— Preciso tomar um banho e escovar meus dentes antes da gente fazer qualquer coisa — murmurou na minha orelha.

— A gente não vai fazer nada. Você vai dormir depois de tomar uma chuveirada ou banho ou que você quiser.

— Ei — ela levantou a cabeça e me lançou um olhar. — Você vai me negar seu corpo, sr. Blackstone?

Eu juro que era a última coisa que esperava que ela me pedisse.

— Hum, por quê? Não, senhorita. Nunca faria uma coisa tão estúpida quanto negar meu corpo quando você obviamente necessita tanto dele.

— Que bom. Tô me sentindo muito melhor agora. Muito melhor... — segurou meu rosto entre suas mãos e sorriu para mim.

— Ah, posso ver que tá mesmo.

Ela flexionou o corpo de encontro ao meu membro e nos puxou mais para perto, com as pernas ainda enroscadas em volta de mim.

— E eu posso *sentir* que o senhor está completamente de acordo comigo e com o meu plano, sr. Blackstone.

Mas é claro que estou. As suas pernas estão enroladas em volta da minha bunda e o meu pau tá encostando numa parte sua que também adoro.

Fui andando até o banheiro segurando-a no colo e cuidadosamente a coloquei de pé no chão de novo. Achei o interruptor e apreciei o segundo choque dela, ao dar uma boa olhada na banheira e na vista.

— É o mar lá fora, pela janela? Meu Deus! É tão bonito aqui que mal posso suportar.

Eu ri.

— Agora já não sei mais se você vai ficar mais interessada na banheira ou em mim.

— Mas eu posso dar conta de várias tarefas ao mesmo tempo tão bem quanto você, meu amor. — Tirou o moletom pela cabeça, deixando-o cair no chão.

— Já te disse o quanto eu gosto que você me chame de meu amor?

Esse show de striptease ia ser tão bom que eu já começava a sentir meu corpo gemer inteiro.

— Talvez você tenha dito uma vez ou duas.

Ela tirou a camiseta, e foi aí que eu vi.

— Você ficou com o colar.

Ela balançou a cabeça, de pé na minha frente, com um sutiã de renda azul-claro e o colar com pingente de coração que eu tinha dado a ela no início da nossa noite infernal.

— Quando a gente trocou de roupa, eu não quis tirar. — Ela levantou os olhos para os meus e apontou para o coração.

— Por quê?

— Porque você me deu e disse que me ama e...

— Não quero que você tire — interrompi a frase dela no meio.

— ... Porque você disse que está totalmente entregue.

— Eu tô. Em você, Brynne, eu tô, e desde o começo.

E quis dizer cada palavra. Sabia o que eu queria. Entendia isso claro como cristal, e não havia como voltar atrás com ela agora.

Entrega total é para sempre, meu amor...

Quando me aproximei da minha garota e mostrei-lhe o quanto realmente precisava dela, e disse isso com palavras também, eu sabia que a melhor aposta da minha vida não era nas cartas que joguei, mas a que fiz naquela noite numa rua de Londres, quando uma linda americana tentou sair sozinha no escuro e eu joguei as cartas mais importantes que tinha recebido e fui... com entrega total.